

JOÃO MARCELO TOMAZINI  
Pelo espírito ANGELINUS



NOS  
CAMPOS  
DO  
CORAÇÃO

*Romance Médico*

CASA EDITORA  
**O CLARIM**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

João Marcelo Tomazini  
Pelo espírito Angelinus

# **NOS CAMPOS DO CORAÇÃO**

1ª edição

Casa Editora O Clarim

Matão-SP  
2010

1ª edição  
10.000 exemplares

Janeiro/2011

Capa: Rogério Mota  
Planejamento gráfico: Equipe “O Clarim”

Composto e Impresso:  
Casa Editora O Clarim  
(Propriedade do Centro Espírita O Clarim).  
Fone: (0xx16) 3382-1066 – Fax: (0xx16) 3382-1647  
C.G.C. 52313780/0001-23 – Inscr. Est. 441002767116  
Rua Rui Barbosa, 1070 – Cx. Postal, 09  
CEP 15990-903 – Matão, SP  
<http://www.oclarim.com.br>  
[oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

## NOS CAMPOS DO CORAÇÃO

### Dados para catalogação na editora

133.91

João Marcelo Tomazini pelo espírito Angelinus

**NOS CAMPOS DO CORAÇÃO**

1ª edição: janeiro/2011 – 10.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora “O Clarim”

200 páginas – 14 x 21 cm

ISBN – 978-85-7357-101-1

CDD – 133.9

### Índice para catálogo sistemático:

133.9	Espiritismo
133.901	Filosofia e Teoria
133.91	Mediunidade
133.92	Fenômenos Físicos
133.93	Fenômenos Psíquicos

Impresso no Brasil  
Presita en Brazilo

## ÍNDICE

<b>PRIMEIRA PARTE .....</b>	<b>11</b>
Capítulo I – INFÂNCIA .....	13
Capítulo II – NO ORFANATO.....	28
Capítulo III – UMA NOVA VIDA.....	45
Capítulo IV – DECISÕES.....	63
Capítulo V – DIRETAMENTE FALANDO.....	78
<b>SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>81</b>
Capítulo VI – A CAÇADA .....	83
Capítulo VII – DIA INTERMINÁVEL .....	100
Capítulo VIII – CONHECENDO O LUGAR.....	118
Capítulo IX – O CONVITE.....	133
Capítulo X – NOS BRAÇOS DA MORTE.....	149
Capítulo XI – POR VOCÊ .....	164
Capítulo XII – ESCLARECIMENTOS .....	183

**PRIMEIRA**

**PARTE**

## Capítulo I INFÂNCIA

A manhã daquele dia em Steinwucht estava fria como de costume. O vento soprava calmo e tranquilo uma brisa suave, porém gelada. E, ao balançar das poucas folhas das árvores do lugar, o sol insistia em aparecer por detrás de espessas nuvens negras que quase sempre encobriam o céu daquela pacata fazenda.

Ralf Schneider, como toda criança da sua idade, levantava-se bem cedo para ajudar o pai na lavoura. Moradores de uma fazenda que ficava ao norte da Alemanha, Ralf vivia com seu pai e suas duas irmãs, sua mãe havia “tristemente” falecido em seu parto. Embora o garoto contasse com apenas dez anos, culpava-se, constantemente, pela morte da mãe. Seu pai, homem rígido, mas muito amoroso com seus filhos, vivia a lhe dizer:

– Filho! Sua mãe e eu sabíamos que era arriscado termos outro filho. Mas nós dois queríamos um garoto em nossa família, portanto, se existem culpados pela morte da mamãe, somos eu e ela. Não se culpe pelo que você não fez.

Ouvindo as palavras amorosas do pai, Ralf tentava limpar sua consciência, mas, quase sempre, era surpreendido por si mesmo, cabisbaixo e pensando em sua mãe que os havia deixado tão cedo.

Na manhã de quarta-feira, Ralf estava pensativo e preocupado, não com o acontecido com sua mãe, mas com os atos de

seu pai. Ele parecia meio confuso, estava quieto, quase não conversava. Na lavoura, mostrava-se aparentemente distante do trabalho, como se pressentisse algo que iria acontecer. Suas irmãs não notaram nada, pois trabalhavam em outros afazeres da pequena fazenda, mas o pequeno garoto, que estava sempre em companhia de seu pai, sentiu algo estranho no ar. Com muito respeito e com ternura na voz, disse ao pai:

– Pai, o senhor está bem?

– Estou, sim, meu filho.

– Pois bem, antes do sol nascer, percebi que hoje o senhor está diferente.

– Então é por isso que seu serviço hoje não está rendendo como sempre. Ao invés de trabalhar, fica aí parado, olhando para mim.

– Desculpe-me, pai, mas é que me preocupo com o senhor, e não quero perder você, assim, como eu perdi a mamãe.

O senhor Schneider, ao ouvir aquilo do filho, deixou uma pequena lágrima escorrer por seu rosto, mas não deixou que ele a visse, já que estavam um pouco afastados um do outro.

– Filho, venha cá – disse o senhor Schneider.

O garoto, sempre respeitoso, atendeu de imediato o pedido do pai e, sentando-se em uma pedra ao seu lado, ouviu atentamente.

– Há dias, assim como hoje, em que penso contar-lhe algo muito importante. Mas preciso saber e, acima de tudo, ter certeza de que você está preparado para ouvir.

– É a respeito da mamãe? – perguntou o garoto, já com o rosto entristecido.

– Não só da mamãe, mas de você também.

Neste instante, o pequeno Ralf Schneider olhou diretamente para os olhos do pai e, tentando passar-lhe confiança e força, disse:

– Estou preparado para saber, mas o senhor está preparado para contar?

Aquela resposta surpreendeu aquele homem e o colocou a refletir o quanto seu pequeno garoto era especial. Não pensou mais, teria que contar. Apesar de ser algo que não mudaria em nada o desfecho do trágico fim de sua esposa, Ralf deveria saber a verdade.

– Ralf, vou lhe contar um segredo que venho guardando, desde o dia que sua mãe nos deixou.

O menino segurou a mão calejada do pai, esperando o que o pai tinha a lhe dizer e o fitou bem fundo nos olhos.

– Não sei como você vai reagir a isso, meu filho, mas vou lhe contar. O seu aniversário é daqui a dois meses e, como você sabe, coincide com o triste fato de sua mãe ter nos deixado.

– Sim, papai, e é por isso que eu não gosto de lembrar – disse o garoto, curioso por saber onde aquela conversa iria chegar.

– Pois bem, meu filho. Há muito tempo que descobri que, nesta vida, não podemos ter espinhos em nossa consciência, pois cada um de nós terá que partir um dia. A dura realidade da vida é que dela nada se leva, a não ser os amores, os remorsos, as nossas experiências e sentimentos. É duro aceitar, mas também sei que, a qualquer hora, qualquer um de nós pode deixar esta vida, tanto eu, como você. Não gostaria que minha hora chegasse e eu tivesse que partir, sem desfazer um erro do passado.

O garoto estava sério, olhando para o pai. Em seu pensamento, passava um turbilhão de coisas. O que teria aquela conversa a ver com seu aniversário? – pensava o menino.

– O que vou lhe dizer agora – continuou seu pai – é algo que talvez não tenha tanta importância, mas para mim é algo que vem atormentando a minha consciência, há algum tempo.

O senhor Schneider fez pequena pausa, olhou para o horizonte e, como se tivesse tomando coragem, falou para o filho:

– Seu aniversário, meu filho, não é daqui a dois meses, seu aniversário é hoje. Exatamente no dia de hoje, faz onze anos que sua mãe nos deixou, como exatamente no dia de hoje, você também faz onze anos de idade.

O garoto ficou parado, olhando para o pai, sem saber o que dizer ou fazer. E somente depois de alguns minutos, o silêncio foi quebrado não por ele, mas pelo seu pai que disse:

– Espero que você me perdoe por ter escondido isso por tantos anos, mas pensei que assim seria mais fácil de podermos esquecer o que aconteceu com a mamãe.

Ralf ficou olhando para o chão, por alguns minutos, e depois, disse ao pai:

– Sabe, pai, não acho que isso faça diferença, em minha vida, pois não muda o fato da mamãe ter nos deixado. Tenho certeza de que o senhor fez isso pensando no bem de nossa família e imagino o quanto sofreu, tentando esconder isso.

O menino fez uma breve pausa e continuou a falar:

– Quer saber – disse ele olhando nos olhos do pai –, vamos, agora mesmo, contar para a Ingrid e para a Margret. E depois vamos levar flores no túmulo da mamãe; hoje vamos comemorar o meu aniversário.

Mais uma vez, a resposta de Ralf surpreendeu seu pai. E, naquele mesmo instante, deu um grande abraço no filho, dizendo:

– Por favor, filho, perdoe a ignorância de seu pai.

– Não há nada para se perdoar, pai – disse o menino. – Tenho certeza de que o senhor fez isso, pensando no meu bem.

O senhor Schneider se levantou, pegou a mão do filho e chamou-o para ir para casa. E começaram a caminhar.

Naquela tarde, as irmãs de Ralf ficaram sabendo daquela diferente novidade, pois, apesar de serem mais velhas, ainda eram muito pequenas quando aconteceu o ocorrido com a Senhora Schneider.

Margret, que era a mais velha, ficou um pouco triste com a atitude do pai, mas, percebendo que, por mais estranho que parecesse, havia um brilho diferente nos olhos do irmão, logo também aceitou a ideia.

Era estranho de se acreditar, mas Margret percebeu que seu irmão estava diferente, era como se tivessem tirado um peso de seus ombros. É estranho de se dizer, já que, quem deveria estar se sentindo aliviado era seu pai. E realmente estava, até mesmo a fisionomia do Senhor Schneider mudara, parecia mais jovem, mais alegre. E, em meio às observações da garota, o menino, com um semblante alegre e um largo sorriso, disse:

– Quero ir visitar o túmulo da mamãe, vocês podem ir comigo?

– Claro que sim, Ralf – disse o Senhor Schneider –, vamos todos e, depois, iremos comemorar seu aniversário.

– Mas como? – perguntou Margret. – Eu pensei que o aniversário do Ralf fosse somente daqui a dois meses. Eu não preparei nada, em especial, para hoje.

– Calma, filha – falou o pai, com leve sorriso nos lábios –, quando chegarmos, veremos o que pode ser feito.

Uma brisa suave e um leve cheiro de flores do campo se fez presente, enquanto aquela família saía de sua casa. Se pudessem ver, com os olhos do espírito, conseguiriam perceber a meiga Senhora Schneider, acompanhada de mais dois espíritos de esplendorosa luz, observando a alegria que se instalara naquele lar.

No caminho, Ralf, Margret, Ingrid e até o senhor Schneider, iam colhendo pequenas flores do campo que, raramente, saíam nessa época do ano.

O pequeno cemitério onde estavam sepultados poucos corpos estava a cerca de meia hora de caminhada, mas eles a fizeram em bem menos tempo, pois estavam andando a passos largos, já que o tempo prometia chuva novamente. Ao chegarem lá, havia algumas pessoas que já estavam indo embora. Eles então se dirigiram para onde estava sepultado o corpo da senhora Schneider. Colocaram as flores sobre o túmulo e ficaram, ali, por um pouco. O silêncio foi quebrado por um trovão que estremeceu o chão, colocando todos em atenção ao temporal que se aproximava.

– Acho melhor irmos até aquele barracão abandonado – disse o senhor Schneider, apontando para um velho galpão que ficava ao lado do cemitério.

– Tem razão, papai – falou Margret –, não vai dar tempo de chegarmos a casa.

Saíram todos correndo, exceto o pequeno Ralf que parecia estar hipnotizado, parado no lugar, olhando para o nada. Quando chegaram ao galpão, foi Ingrid que deu por falta do irmão.

– Papai, olha o Ralf, ele ficou parado lá atrás.

O senhor Schneider olhou para trás e viu o filho, parado; sem entender o que estava acontecendo, voltou rapidamente para o cemitério. A chuva começou a cair forte, e ele, então, abaixando-se diante do garoto e, com as mãos em seu ombro, sacudiu-o e disse:

– Ralf, vamos, a chuva está piorando!

Mas o garoto não atendeu, simplesmente olhou diretamente para o seu pai, e tamanha foi a surpresa daquele homem ao ver seu filho desmaiar. O senhor Schneider pegou-o nos braços e

levou-o até o galpão onde se encontravam as suas filhas que, ao verem o irmão desacordado, pensaram o pior.

– Papai, o que está acontecendo com o Ralf? – gritava Margret, angustiada.

– Não sei, minha filha, só sei que ele está muito pálido.

– Rápido, deitem-no aqui! – disse Ingrid, arrumando um lugar limpo no chão.

O pai do garoto deitou-o no lugar e começou a chamar pelo seu nome; aos poucos, o menino foi despertando, e sua palidez foi sumindo.

– O que aconteceu? – perguntou Ralf, ainda meio tonto. – Parece que dormi e não acordei direito.

– Fique deitado, você parece estar ainda meio tonto – disse Margret, abaixando-se perto do irmão.

O pai de Ralf estava quase sem voz pelo susto, mas teve forças para perguntar ao garoto, o que havia acontecido. Ele achou estranho, já que o menino nunca havia desmaiado ou tido qualquer atitude anormal. Na verdade, Ralf sempre fora um garoto muito saudável e até resfriado era difícil de ele contrair.

– Filho, o que foi que aconteceu? – perguntou seu pai, já refeito do susto. – O que você está sentindo?

– Nada, pai, só estou um pouco tonto, mas já está passando. O que foi que aconteceu?

– Não sei, meu filho, viemos todos correndo para este barracão, para nos abrigar da chuva e, ao chegarmos aqui, vimos que você continuava parado, lá no cemitério. Voltei para pegá-lo, mas você parecia hipnotizado. Aí então você desmaiou, e eu o trouxe para cá.

A chuva batia forte, no telhado, como se fossem chicotadas. O telhado, já com partes destruídas, parecia que não ia aguentar.

Ralf tentava lembrar-se do que tinha acontecido, mas parecia que aquele momento havia se apagado de sua memória. Tentando se lembrar, de súbito, agarrou forte o braço de seu pai e disse, um pouco assustado:

– Eu me lembro de ter visto três pessoas perto do túmulo da mamãe!

– Ralf, só estávamos nós, no cemitério – disse Margret. – As pessoas que estavam lá foram embora, quando chegamos

– Sua irmã tem razão, filho – falou seu pai, para completar. – Estávamos, no cemitério, somente você, Ingrid, Margret e eu.

– Mas pareceu-me ter visto mais alguém lá.

– Acho que você estava sonhando acordado – disse Ingrid.

– Pode ser – respondeu o garoto –, pois não me lembro de mais nada. Talvez estivesse sonhando acordado mesmo.

A chuva que, havia pouco caía forte, agora começava a se acalmar. O pai do menino fez com que ele ficasse deitado, pois temia que aquele desmaio pudesse se repetir. Vendo que a chuva começava a se acalmar, chamou seus filhos para voltarem para casa.

– Acho bom mesmo, pai – falou Margret. – Pois parece que logo vamos ter chuva forte de novo.

O senhor Schneider pegou o seu filho ao colo, meio a contragosto do menino que dizia já estar bem, mas o pai falou que não era bom ele se esforçar. Segurando-o firme, nos braços, chamou as filhas para irem embora.

No caminho, os quatro não tiveram tempo nem de conversar, andavam rápido, pois, como era costume àquela época do ano, a qualquer hora poderia chover de novo. E a julgar pelos trovões que faziam enorme barulho, mesmo à distância, podia se prever que a chuva não tardaria a cair.

Ao chegarem a casa, Ingrid correu abrir a porta da humilde moradia e foi direto para a cozinha, fazer um chá bem quente para todos, já que, apesar de se terem abrigado da chuva mais forte, a fraca garoa que tomaram pelo caminho fizera com que todos ficassem molhados. Margret e seu pai levaram o pequeno Ralf para seu quarto, onde deitaram o garoto na cama. O menino, já sem a camiseta, pediu para que todos saíssem do quarto, para que trocasse de roupa.

– Se precisar de alguma coisa – disse o senhor Schneider, um pouco preocupado –, estamos aqui na cozinha.

Dizendo isso, o pai do menino foi para a cozinha, onde se encontravam as duas meninas conversando sobre o que havia acontecido. Sentando-se junto das garotas, ele ficou somente escutando o que elas estavam dizendo.

– Eu acho que pode até ser verdade – dizia Ingrid.

– Não sei não, ainda acho que ele teve foi uma alucinação. Afinal, estávamos somente nós quatro no cemitério – respondeu Margret.

Neste momento, o pai das meninas, percebendo que elas falavam sobre a possível alucinação que Ralf tivera, entrou na conversa.

– Eu, pensando que vocês estavam preocupadas com a saúde do seu irmão, percebo que estão mais preocupadas com os desvarios dele.

– Pai, estávamos falando sobre os mortos que voltam à terra – tentou explicar-se Ingrid.

– E quem foi que te falou que quem morre pode voltar? – perguntou o senhor Schneider já ficando irritado com aquele assunto.

– Foi a nossa vizinha. Aquela vez que o senhor teve que viajar e ela ficou com nós três, contou-nos que, quando ela

era pequena, brincava com seu irmão mais velho que já tinha morrido.

– Pois eu acho que isso é uma grande mentira – disse Margret. – Eu não acredito que quem morre poderá voltar.

– E eu também – falou o pai das meninas. – Amanhã mesmo eu irei falar com a nossa vizinha, para ela deixar de falar lorotas aos filhos dos outros. Onde já se viu morto voltar para brincar?!... Não é à toa que dizem por aí que ela está meio caduca.

Depois de uma breve pausa, pediu o senhor Schneider para que Ingrid levasse um prato de sopa para Ralf. Ele achava melhor comemorarem o aniversário do garoto no outro dia, quando, possivelmente, tudo já estaria mais calmo. O que ele não sabia era que Ingrid ensejava aquela oportunidade para conversar com o irmão. E, sem mais demora, lá foi ela bater à porta do quarto do menino.

– Ralf – disse ela –, o papai pediu para eu lhe trazer um prato de sopa.

– Obrigado, Ingrid, estou mesmo com fome.

– Posso perguntar uma coisa a você?

O menino convidou a irmã para sentar-se em sua cama e, começando a tomar sua sopa, respondeu que sim.

– É verdade, mesmo, que você viu outras pessoas lá com a gente?

– Não sei, Ingrid, tudo me parece meio confuso!... Eu acho que sonhei mesmo!...

– Mas você viu ou não?

– Vi! – respondeu o garoto, com muita convicção. – Mas não sei quem eram. Só me lembro que tinha uma mulher de cabelos claros e ela era muito bonita. Os outros dois não deu para ver direito, eram como se fossem borrões, mas deu para ver que eram dois homens.

– Você acredita que quem morre pode voltar? – perguntou a irmã ao garoto.

– Credo, Ingrid! Você quer dizer que eu vi gente morta?!

– Estou achando que você viu a mamãe. Pelo fato do papai ter desmentido sobre o dia de seu aniversário, acho que, de alguma forma, ele agradou a mamãe. Acho que ela veio ver você.

– Sabe, Ingrid – disse o garoto, colocando o prato vazio sobre a mesinha ao lado –, já andei pensando muito sobre a morte. Quando o papai me contou o que tinha acontecido com a mamãe, comecei a refletir sobre o que acontece com a gente, quando morremos, e cheguei à conclusão de que somos seres tão perfeitos, que é impossível imaginar que tudo isso acabe como se apagássemos uma vela.

O menino fez uma breve pausa e ficou olhando para o vazio. Sua irmã, apesar de ser quase três anos mais velha, ficou impressionada com a forma de como o garoto falava. Era como se alguém estivesse falando por ele.

– Você já percebeu – continuou o garoto – que somos os seres mais inteligentes do mundo? Não acho que estamos aqui, ao mero acaso. E também não acho que, quando morremos, apagamos como uma vela. Tenho certeza de que tudo vai para algum lugar, e nós também vamos.

– Então você acha que pode ter visto o espírito da mamãe?

– Não sei se era a mamãe, mas se era, com certeza, é muito linda.

Os dois irmãos se abraçaram e, ali sobre a cama, derramaram, cada um, uma pequena lágrima de felicidade. Não conseguiam ver, mas, se pudessem, veriam que eles não eram os únicos a se abraçarem. Três outras entidades também se abraçavam, e uma delas também chorava de felicidade. Era a bondosa senhora Schneider.

O clima de paz e amor fraterno foi quebrado pelo barulho da porta se abrindo. Era o senhor Schneider que, ao entrar no quarto, sentiu leve perfume no ar. Não comentou nada com os filhos, pois aquela conversa sobre os mortos voltarem, que tivera com as filhas, deixara-o meio pensativo e, simplesmente, disse para a filha ir para seu quarto, pois já estava ficando tarde, e eles tinham que dormir. Desejou boa noite ao seu filho, deu-lhe um beijo à frente e se retirou para seu quarto também.

Ralf adormeceu rápido, pois o dia de trabalho e a caminhada que fizera, na parte da tarde, esgotaram boa parte da energia daquele corpo jovem. Suas irmãs e seu pai também caíram logo no sono, pois o dia tinha sido turbulento, e todos estavam muito cansados.

A noite em Hoksforf corria tranquilamente; a garoa fina batia de leve na janela; o vento soprava suave melodia, ao contato com os galhos do velho pinheiro, e os insetos que conseguiam se abrigar da chuva ajudavam na canção noturna do lugar. De súbito, o pai de Ralf deu grande pulo da cama. Fora acordado pelos gritos do seu filho que dormia no quarto ao lado. Já em pé e meio atordoado pelo sono, pôs-se em disparada para o quarto do menino. Ao chegar à porta, quase que atropela Margret que, acordada pelos berros de seu irmão, já se encontrava na porta de seu quarto. Com um forte empurrão, o homem abriu a porta e viu o garoto se debatendo na cama; aproximou, então, e viu que o menino estava tendo um pesadelo. Segurando em seus ombros, começou a chamar, com voz suave, e vendo que seu filho começava a abrir os olhos, ficou menos preocupado.

Virando-se para as filhas, já que, a essa altura, Ingrid também já estava ao lado da cama, disse:

– Tudo bem, o Ralf teve só um pesadelo.

– Eu, hein!... Quase matou todo mundo de susto! – disse Margret.

– Agora está tudo bem, meninas, podem ir para a cama, que eu cuido do seu irmão.

As meninas foram saindo, devagar, e o senhor Schneider foi até a cozinha, buscar um copo com água para seu filho. Voltando bem rápido, perguntou ao garoto:

– Ralf, o que foi que aconteceu?

– Eu estava tendo um sonho horrível.

– Acho que você acordou até os vizinhos da fazenda ao lado. Precisava gritar daquela maneira?

– Desculpe, papai, nem me dei conta de que estava gritando.

O pai do garoto percebeu que ele estava trêmulo e lhe recomendou tomar mais um pouco de água. E, curioso para saber com o que o filho havia sonhado, perguntou:

– Filho, eu não tenho nada a ver com isso, mas com o que você estava sonhando?

– Tive um sonho horrível, papai!... Diria que foi um pesadelo. Estava eu mais velho e trajava um uniforme que não sei de onde era. Eu prendia as pessoas e ordenava que lhes fossem cortadas as cabeças. Depois, essas mesmas pessoas vinham tentar me matar, só que todas sem cabeça. Era como se elas clamassem por vingança de uma coisa que eu jamais faria.

– Com um sonho desses até eu acordaria gritando – falou o senhor Schneider, com um leve sorriso nos lábios. – Mas já passou, vamos todos voltar a dormir, que amanhã, bem cedo, temos que ir trabalhar e, à tarde, temos que comemorar um aniversário.

O garoto deu beijo no rosto do pai, agradeceu e voltou para debaixo das cobertas. O pai do menino, por sua vez, saiu do quarto desejando-lhe boa noite e voltou para o seu quarto.

Ao entrar em seu quarto, o senhor Schneider sentiu, novamente, aquele leve perfume. Começou a pensar, então, em sua falecida esposa e nos momentos que passaram juntos. Que dias felizes foram aqueles!... Lembrou-se dos abraços e beijos, das carícias e juras de amor que trocavam entre si e da promessa de nunca se separarem. Pensando assim, adormeceu, abraçado ao seu travesseiro velho e gasto e se deixou levar por aquele suave perfume.

– Meu amor, acorde!

Assustado, o senhor Schneider foi abrindo os olhos, devagar. Quem seria que estava chamando-o, com aquela voz feminina e doce? Olhou, com as vistas meio embaçadas, e viu a figura de sua mulher, ao lado de sua cama.

– Se isso for um sonho, não quero mais acordar! – exclamou o homem, surpreso com aquilo que via.

– Não, meu amor, isso não é um sonho!... Eu realmente estou aqui!...

A senhora Schneider estava linda, com os cabelos dourados, lisos e soltos, a lhe chegarem quase à cintura. Trajava lindo vestido branco, e havia uma luz à sua volta, a realçar-lhe a jovialidade do corpo.

– Como pode estar aqui? – perguntou-lhe o senhor Schneider, entre lágrimas. – Você já morreu!

– Sim, meu amor, eu já morri!... E você também! Vim, a mando da Força Maior que rege o universo, para levá-lo para junto de mim. Pois você acaba de se soltar de suas vestes carnisais.

O senhor Schneider, estendendo a mão para sua esposa, levantou-se da cama e viu seu corpo ali deitado, desprovido de vida.

– Vamos, meu amor, pois estão todos a esperá-lo.

– Mas e as crianças? – perguntou ele, entre lágrimas.

– Elas ficarão bem, pois está tudo nos planos do Grande Arquiteto do Universo.

Neste momento, os dois espíritos se abraçaram, e uma forte luz os envolveu. Aos poucos, foram sumindo e, como por magia, desapareceram e foram para nossa verdadeira morada: a pátria espiritual...

## Capítulo II

# NO ORFANATO

Não havia quem não chorasse ao ver aquela cena. Os três irmãos, parados, ao lado do túmulo dos pais, sem saber qual seria o destino de cada um. Abraçados, não pronunciavam palavra alguma, simplesmente choravam. Choravam como se cada lágrima tivesse o poder de lhes tirar a dor que sentiam.

Aproximando-se daquelas três crianças, que agora não mais sabiam qual seria o seu destino, a vizinha da fazenda que havia ajudado os três a sepultarem o pai e o médico que havia assinado o atestado de óbito, também se comoveram.

– Crianças, vamos para casa – disse a velha senhora. – Não há nada mais que possamos fazer aqui.

Uma garoa fria começava a cair. O sol, escondendo-se por detrás das longínquas montanhas, tornava ainda mais triste aquela cena de dor. Ralf chorava. Não podia imaginar sua vida sem o pai. Margret, abraçando-o, começou a caminhar e, assim, aquele triste cortejo se pôs a caminho de casa, deixando para trás o pequeno cemitério e os corpos sepultados do senhor e da senhora Schneider.

– Senhora! – gritou o médico que vinha a alguma distância, atrás dos quatro. – Espere, vou acompanhar vocês. Tenho alguns papéis que as crianças precisam assinar.

– O senhor não pode esperar para outro dia? As crianças tiveram um dia muito difícil hoje.

– É que também preciso conversar algo muito importante com a senhora.

Entendendo que o assunto era sério e que dizia respeito aos três irmãos, a velha senhora convidou o médico para ir até a fazenda Honksforn também.

Os três irmãos caminhavam calados e com os olhos rasos d'água. Na cabeça de Ralf, tudo ainda parecia meio confuso. Como pode um dia a gente estar com quem amamos e, no outro, não mais ter a sua presença? Era o que Ralf ia se perguntando pelo caminho. Perguntava-se e se lembrava do dia anterior, que passaram juntos.

– Chegamos – disse a velha senhora, acordando o menino daqueles devaneios.

– Esperem um minuto, que eu vou abrir a porta – falou Margret, retirando do bolso do vestido um molho de chaves.

A menina abriu a porta, e eles entraram. A velha vizinha daquela família, vendo que o médico tinha pressa para lhe falar, pois já estava ficando muito escuro, pediu para que Margret levasse seus irmãos para o quarto, para repousarem. A menina, que entendeu a intenção da senhora, chamou seus irmãos para irem para o quarto.

– Margret – disse Ralf –, posso dormir com vocês esta noite?

– Claro que sim, Ralf. Venha, vou arrumar a cama para nós três, como fazíamos, quando você era pequeno e tinha medo do escuro.

– Esperem, crianças – disse o médico. – Por favor, assinem este documento, antes.

As crianças assinaram o papel que atestava o óbito do senhor Schneider. O médico acabou de conferir as assinaturas e estendeu um frasco de remédios para Margret.

– Dê um comprimido para seus irmãos e tome um também. Vai ajudar vocês a relaxarem para dormir.

A garota atendeu as ordens do médico, dando os comprimidos ali mesmo para seus irmãos e, em seguida, retirou-se com eles para o quarto. Vendo que as crianças já haviam entrado no aposento, a velha senhora, vizinha dos Schneider, perguntou o que o doutor tinha de importante para falar.

– Bem, senhora, eu gostaria de saber com quem esses pobres infelizes vão ficar, pois a nossa lei não permite que três crianças vivam sozinhas.

– Eu pensei que elas pudessem viver comigo, aqui mesmo, na fazenda.

– Não sei se isso será possível, pois, como a senhora já deve saber, vou ter que encaminhar um relatório sobre o ocorrido, no momento em que registrar a certidão de óbito. Eles vão querer saber se a adoção vai ser legalmente feita. Até lá, talvez as crianças tenham que ir para o orfanato da cidade.

– Eu entendo, doutor, mas peço para que faça o possível, para que elas fiquem comigo.

– Farei o que for possível. Vou passar no orfanato e conversar com a senhora Frida Fronzberr. Amanhã eu voltarei, acompanhado por ela, e tenho certeza de que o melhor será feito.

Dizendo isso, o médico se levantou, pegou seu chapéu que se encontrava no mancebo, próximo à porta e, desejando boa noite, retirou-se, com a promessa de voltar, no outro dia à tarde.

Aquela senhora que, por tantos anos havia sido vizinha dos Schneider, sentiu, com o bater da porta, forte aperto no coração. Era como se soubesse que não poderia ficar com as crianças. Ela tinha perdido seu marido, cerca de seis anos antes, e, na Alemanha, na época, não concediam adoções para quem vivia

sozinho. Um forte arrepio percorreu-lhe o corpo, e ela tratou logo de tirar aqueles pensamentos da cabeça.

Foi devagar até o quarto das crianças e, abrindo a porta, lentamente, viu que os três dormiam. Estavam abraçados, como se um desse forças ao outro, para superar aquele momento difícil. Qual seria o destino daquelas três almas? Ao pensar nisso, a velha senhora deixou que uma lágrima percorresse seu rosto. Ela vira as crianças crescerem, e também acompanhou o sofrimento daquela família, ao perder a figura amável da senhora Schneider. Não queria mais ver aquelas crianças sofrerem.

Naquela noite, a senhora resolveu dormir, ali, na casa dos Schneider, mesmo, pois já era tarde e, apesar de ela morar perto, tinha receio de caminhar até sua casa. Foi até o quarto do pequeno Ralf, já que ele estava dormindo com as irmãs, e se deitou. Adormecendo em poucos minutos, a velha senhora teve um estranho sonho. Estava ela sentada em um aposento, como se fosse uma sala de aula, com muitas cadeiras, e, ao seu lado, estava a senhora Schneider, segurando a sua mão, dizendo:

– Deixe as crianças irem. Não se preocupe com elas, pois está tudo nos planos do Grande Criador. Deixe as crianças irem.

A velha vizinha acordou assustada e percebeu que já era quase de manhã. Levantou-se e passou as mãos pelos cabelos, para arrumá-los. Logo em seguida, foi para a cozinha, onde se escutavam barulhos de panela. Ao entrar no cômodo, viu Margret que preparava um bule de chá.

– Bom dia, Margret. Como passou a noite?

A menina levou um susto e, virando-se para trás, viu a senhora parada, olhando para ela.

– Nossa, que susto! – exclamou a menina, com as mãos ao peito. – Pensei que a senhora tivesse ido embora, ontem à noite.

– Não, minha querida. Vou ficar com vocês, no dia de hoje. Sonhei com sua mãe, esta noite – falou a velha senhora, ajudando a garota a terminar de preparar o chá.

– Sinto muita falta da mamãe e, agora, não sei o que vamos fazer, sem o papai.

– Margret, ontem o médico que esteve aqui me disse que, talvez, vocês tenham que passar um tempo na casa da senhora Frida Fronzberr.

– Mas a casa dela é um orfanato que fica na cidade. Nós temos a nossa casa e não precisamos sair daqui.

– Não se preocupe, o médico me garantiu que será por algum tempo, apenas. Logo vocês voltarão para cá.

– Espero que sim. Apesar de a senhora Frida ser uma boa pessoa, eu não gostaria de deixar a fazenda.

– Eu compreendo e só peço para você não comentar nada com seus irmãos. Hoje à tarde, o doutor e a senhora Frida virão aqui, para resolvermos o que vamos fazer – falou a senhora, sem demonstrar que ela tinha interesse em adotar as crianças.

O dia transcorreu, normalmente, ou melhor, quase normalmente, pois a falta que o senhor Schneider fazia deixava um vazio enorme naquela casa. Conforme Margret houvera prometido para a vizinha, não comentou nada com seus irmãos a respeito de terem que passar uma temporada no orfanato. Ralf e Ingrid passaram quase o dia todo juntos, e Margret, ao observá-los, pensou que seria mesmo bom que passassem uma temporada longe daquela casa, já que, com a morte do pai, tinham os três mais uma lembrança triste daquele lugar.

Já estava quase escurecendo, quando se ouviu o som de uma carruagem parando em frente à casa. O pequeno Ralf saiu correndo para abrir a porta e viu o doutor e uma mulher que ele não conhecia, descendo da mesma. Era a senhora Frida Fronzberr, uma mulher que aparentava cerca de quarenta anos, um pouco acima de seu peso, talvez, mas isso lhe dava um charme especial. Em seu rosto, percebia-se um ar de doçura e tranquilidade.

Era estranho, mas Ralf, ao ver aquela mulher, simpatizou-se com ela, era como se conhecesse há muito tempo aquela pessoa. Apareceu na porta, atrás de Ralf, a velha senhora vizinha dos Schneider, convidando-os para entrar. Em pouco tempo e alguns cumprimentos depois, estavam os seis sentados em torno da velha mesa da cozinha.

– Bem, crianças – foi logo dizendo o médico –, não sei se vocês já sabem, não sei se esta bondosa senhora (falou apontando para a vizinha) comentou algo com vocês. Depois do enterro de vosso pai, comentei com ela sobre com quem vocês ficariam, pois não é possível e nem admissível que vocês vivam sozinhos nesta casa.

Enquanto o doutor ia falando, cada um dos três teve uma reação. Margret, que era a mais velha, abraçou os irmãos que estavam sentados ao seu lado. Ingrid começou a chorar baixinho, pois não queria deixar aquela fazenda nem aquela casa em que vivera a sua vida inteira. Ralf simplesmente escutava, prestava muita atenção nas palavras do doutor, mas não continha o olhar que ia em direção à senhora Frida.

– Esta bondosa senhora – continuou o médico, apontando, mais uma vez, para a vizinha dos Schneider –, se propôs a adotar vocês. Sabemos que os documentos da adoção podem demorar um pouco, por isso trouxe esta outra bondosa senhora (falou, agora apontando para a senhora Frida), para que vocês

conhecessem. O nome dela é Frida Fronzberr, ela tem, na cidade, um pequeno abrigo para crianças órfãs, e se propôs a ficar com vocês, até que tudo esteja acertado.

– Eu já conheço a senhora – disse Margret. – Certa vez, fui com o papai, levar alguns alimentos ao seu orfanato.

– Por favor, minha criança, não chame nossa casa de orfanato, pois todos nós, que moramos lá, nos tratamos como uma família – disse a senhora Frida, com um tom suave à voz, que mais parecia um anjo falando. – As crianças se tratam como verdadeiros irmãos, e todos me tratam como se fosse sua verdadeira mãe. Tenho certeza de que, pelo tempo que vocês passarão lá, serão bem acolhidos e amados.

Ao ver as lágrimas de Ingrid, que não queria deixar a fazenda, a senhora Frida dirigiu-lhe a palavra:

– E você, minha linda, não se preocupe, pois tenho a certeza de que, em breve, estarão de volta para esta fazenda.

– Quanto tempo a senhora acha que poderão demorar os papéis da adoção? – perguntou a velha senhora, vizinha dos Schneider.

– Não sei, mas faremos tudo para concluir, legalmente, a adoção, o mais breve possível.

Na verdade, a senhora Frida sabia que seria quase impossível aquela mulher adotar qualquer criança e, muito mais ainda se tratando de três irmãos, mas não quis comentar nada na frente deles.

– Bem, crianças, arrumem as suas coisas e, amanhã, por volta das nove horas, passaremos aqui para pegar vocês – disse a senhora Frida.

– Gostaria de pedir para a senhora – falou o médico, dirigindo-se à vizinha – que, se não fosse muito incômodo, que ficasse mais esta noite com as crianças.

– Não será incômodo algum – respondeu a senhora.

Assim sendo, todos se despediram, e o doutor e a senhora Frida Fronzberr entraram em sua carruagem e foram embora, com a promessa de voltarem no outro dia.

Após o jantar, a velha vizinha, vendo que as crianças estavam apavoradas, reuniu-as em torno da mesa, para conversarem. Lembrou-se, então, do sonho que tivera com a senhora Schneider, e decidiu contar para os irmãos e comentar sobre a vida após a morte.

– A senhora acha, realmente, que os mortos podem voltar para nos visitar? – perguntou Ingrid, interessada no assunto.

– Como contei para vocês, uma vez – explicou-se a velha senhora –, quando eu era pequena, perdi um irmão que era pouco mais velho que eu. Sempre que estava sozinha e triste, ele me aparecia e, juntos, nós brincávamos e conversávamos sobre muitas coisas.

– Seria realmente muito bom se soubéssemos que o papai e a mamãe estão bem em algum lugar – disse Margret.

A vizinha, observando o interesse de Margret e sabendo que ela era a mais cética dos três, continuou a falar:

– Certa vez, eu estava muito triste, lembrando-me de minha avó que houvera falecido, havia três anos. Ela nos deixou, um ano depois do meu irmão ter morrido. Então o meu irmãozinho me apareceu, com um botão de rosas na mão, dizendo que a vovó tinha me mandado. Disse, também, que ela ainda não tinha permissão de me visitar, mas, quando fosse possível, ela o faria.

– E, alguma vez, a senhora viu a sua avó? – perguntou Ralf, interessadíssimo no assunto.

– Não. Na época em que isso aconteceu, eu tinha por volta de oito anos e, daquela data em diante, não vi mais

meu irmãozinho. Às vezes, eu sentia a presença dele, mas nunca mais pude vê-lo.

Ralf, percebendo que a senhora estava com os olhos cheios de lágrimas, levantou-se e lhe deu um caloroso abraço, dizendo:

– Muito obrigado, senhora, pois tenho certeza de que meus pais, seu irmão e sua avozinha estão em um lugar muito lindo, e que, um dia, vamos todos nos reencontrar.

A velha senhora retribuiu o abraço e, carinhosamente, chamou todos para se deitarem. No quarto, os três irmãos que dormiriam juntos mais uma noite comentaram a respeito da conversa que tiveram. Margret que, tempos atrás, mostrava-se uma pessoa cética, agora começava também a crer na vida após a morte, pois percebeu que era o consolo que ela precisava para superar a perda dos seus pais.

Já estavam deitados, havia algum tempo, quando Ingrid levantou-se.

– O que foi, Ingrid? – perguntou Margret.

– Não estou conseguindo dormir – respondeu a irmã.

– Nem eu – disse Ralf, também acordado, para a surpresa de todos.

Margret, então, levantou-se e, pegando o frasco de remédio que o doutor havia lhe dado, na outra noite, deu um comprimido para cada um. O efeito foi rápido e, em poucos minutos, estavam os três dormindo um profundo sono.

A noite transcorreu, normalmente, e, no outro dia, levantaram-se todos bem cedo, pois tinham que arrumar as coisas, para irem para a casa da senhora Frida. Apesar de estarem muito ansiosos por isso, tinham a sensação de estar fazendo o que era certo. A velha senhora também tinha a certeza de que estava tudo acontecendo, como deveria acontecer, pois se lembrava, a todo instante, do sonho que tivera com a senhora Schneider.

As horas daquela manhã passaram rápido, e rápido também os três arrumaram as suas roupas, já que não tinham muita coisa para levar. Enfim, chegou a hora da partida. A carruagem da senhora Frida aguardava-os e, em uma despedida emocionada, os três irmãos e a velha vizinha se abraçaram. Entre lágrimas de saudade antecipada, foram entrando, um a um, na carruagem.

Terminada as despedidas, o condutor fechou a porta e subiu para seu lugar, dando, assim, início à viagem que os levaria até a cidade. Na porta daquela velha casa que, por muitos anos, pertenceu à família Schneider, ficou a velha senhora, com lágrimas aos olhos, e com a esperança de um dia rever aquelas adoráveis crianças, já que sentia, em seu íntimo, que não poderia adotá-las.

A viagem correu calmamente. As crianças iam sozinhas, dentro da carruagem, pois a senhora Frida não pudera acompanhá-los, já que tinha que tomar conta do “LAR DE TODOS OS IRMÃOS”. Era assim que se chamava seu orfanato, e era assim que ela gostava que todos o chamassem. Vez ou outra, o condutor da carruagem perguntava se estava tudo bem, e as crianças, que seguiam caladas, respondiam que sim.

Pararam, embaixo de uma árvore, para almoçar. A senhora Frida havia mandado, junto com o seu empregado, alguns alimentos, e o homem distribuiu-os para as crianças. Após o almoço, seguiram viagem, uma vez que a previsão da chegada deles à cidade estava por volta de duas horas e, sendo assim, não se demoraram na parada.

No caminho, a incerteza e a insegurança do que iriam encontrar. A cada passo que o cavalo dava, aumentava a ansiedade dos três irmãos. Ralf, olhando a paisagem que passava, lentamente, lembrava-se do último dia com seu pai. Teria ele,

realmente, visto o espírito de sua mãe, naquele dia? A resposta à sua pergunta não vinha e somente o silêncio que suas irmãs faziam era o que tinha de resposta.

O tempo passou e passaram também os pensamentos do garoto. Estavam chegando à pequena cidade onde se instalava o orfanato. A ansiedade aumentava, à medida que se aproximavam da grande casa, ao final da rua principal.

Pararam em frente ao grande casarão com portões enormes, o condutor da carruagem desceu e abriu a porta, para que as crianças pudessem sair. E qual não foi a surpresa dos três irmãos, ao verem cerca de vinte crianças, em frente à enorme porta da casa.

Havia uma escada grande, que levava à porta, e as crianças estavam sentadas nela. Quando as crianças adentraram o portão e foram se aproximando da escadaria, as vinte crianças puseram-se de pé e, em coro, disseram:

– Sejam bem-vindos!

Neste instante, apareceu à porta a senhora Frida Fronzberr. Os olhos de Ralf brilharam, era como se visse uma amiga que, há muito tempo, não via.

– Otto – disse a senhora –, por favor, receba Ralf e leve-o até seu aposento. Ele será seu companheiro de quarto.

Um menino baixinho se adiantou perante todos e apertou a mão de Ralf; depois, pegou sua mala e chamou o pequeno Schneider para entrar. Ralf estava com tanto medo que não falou nada, simplesmente acompanhou o menino.

Ao passar pela porta, a senhora Frida lhe deu um sorriso amável e desejou-lhe as boas vindas.

– Anette – falou, novamente, a senhora Frida. – Acompanhe Margret e Ingrid até o quarto dezessete.

Uma garota que aparentava ser da idade da Margret se

adiantou, cumprimentou as duas irmãs e encaminhou-as para dentro da casa. Mais uma vez, a senhora Frida deu-lhes um sorriso, desejando-lhes boas vindas.

Era como a senhora Frida houvera dito: todos se respeitavam como irmãos, e Ralf logo ficou muito amigo de Otto, assim como suas irmãs também fizeram amizade com as outras internas do lugar.

O tempo passou rápido e, dois meses depois, eles já estavam enturmados com os demais. As tarefas eram divididas. Enquanto a turma dos meninos estudava, as meninas faziam os serviços domésticos da casa – que não eram poucos – e, enquanto as meninas estudavam, os meninos cuidavam do jardim e da grande horta que havia nos fundos da casa.

Um dia, Ralf e Otto estavam no jardim, podando algumas flores, e o garoto perguntou para o amigo como ele havia parado lá. Otto disse para Ralf que seus pais o haviam abandonado na porta do “LAR”, quando ele ainda era um bebê. Disse, também, que tinha vontade de conhecê-los, mas a senhora Frida desencorajara-o. Na verdade, a boa senhora sabia que os pais de Otto eram dois vagabundos que viviam pedindo ajuda pelas redondezas, e achou melhor ocultar tal fato do garoto, a fim de evitar-lhe uma decepção.

Aquele dia ficou marcado na lembrança de Ralf, pois, apesar de ter perdido seus pais, tivera a chance de conhecê-los, ou melhor, de conhecer seu pai, em vida, e sua mãe, já falecida, mas, mesmo assim, conhecera-os. E também tinha suas irmãs com quem ele poderia contar, para o resto da vida. Um sentimento de gratidão tomou conta do garoto que abandonou o serviço e saiu correndo para a sala de aula onde as meninas estavam e, chamando suas irmãs, deu-lhes um forte abraço.

A senhora Frida, que estava na sala de aula, ficou olhando

a cena, com lágrimas nos olhos, e pensou: “Como é bom podermos contar com alguém, nos momentos de dificuldade!”

Todos nós sabemos o quanto o tempo passa rápido, principalmente quando estamos felizes. Para o pequeno Ralf Schneider também não foi diferente. Um ano se passou, e os três irmãos se sentiam muito bem, por morarem naquele lugar abençoado.

Às vezes, o menino surpreendia sua irmã Ingrid chorando pelos cantos. Mas Ralf, sempre sereno em suas atitudes, tinha sempre uma palavra de consolo para a irmã. Margret, que contava agora com seus quinze anos, tomou a frente de boa parte do serviço no “LAR”, podendo, assim, ficar mais próxima de Ralf. A senhora Frida, vendo que a menina já era uma mocinha, começou a dar-lhe mais responsabilidade, dizendo que, talvez um dia, ela tomaria o seu lugar de dirigente da casa.

Tudo estava indo bem ou aparentemente estava, pois Ralf não conseguia segurar a saudade de seus pais e da pequena fazenda onde morava. Certo dia, a Senhora Frida chamou o menino até o escritório da casa. O menino, prontamente, saiu da sala de aula e foi atender-lhe o chamado.

– Ralf, tenho algo muito importante para lhe comunicar – disse a senhora Frida.

– Pois a senhora pode falar – respondeu o garoto.

– Como você sabe, já faz algum tempo que estamos tentando acertar os papéis da sua adoção e de suas irmãs e, infelizmente, tenho que lhe informar que não será possível vocês voltarem para a fazenda Honksforn.

Aquela notícia caiu como uma bomba em cima do garoto, não por ele, mas por pensar no quanto suas irmãs gostavam daquele lugar. Ralf também gostava muito da fazenda Honksforn, mas, ali no “LAR”, ele se sentia muito amado.

– E o que vamos fazer agora? – perguntou o menino, com lágrimas nos olhos.

– Quanto às suas irmãs, Ralf, eu não sei, mas, quanto a você, tem um casal interessado em adotá-lo.

– Mas eu não posso deixar minhas irmãs, agora, senhora Frida.

– Ralf – disse a senhora Frida, olhando bem fundo, nos olhos do menino. – Eu não posso enganá-lo, dizendo que vocês três serão adotados juntos. Com muita sorte, apareceu esse casal que se interessou por sua estória e concordou em ficar com você. Não é todo menino da sua idade que tem essa sorte, filho.

Ralf, que estava em pé, frente à senhora, agachou no chão e, com as mãos sobre o rosto, pôs-se a chorar. A senhora Frida abaixou-se perto do menino e o envolveu em seus braços.

– Pense bem, Ralf – disse ela. – Amanhã você precisa me dar a resposta.

O menino balançou a cabeça que sim, concordando com o prazo para a resposta. No momento em que estava saindo de cabeça baixa e com os olhos ainda molhados de chorar, a senhora Frida lhe disse:

– Ralf, por favor, não conte nada para suas irmãs. Pelo menos por enquanto.

Mais uma vez, com um aceno de cabeça, o menino disse que sim, virou as costas e saiu.

Como Ralf passou aquela noite nem precisamos descrever. Não dormiu e somente pensava em ter de deixar suas irmãs. Mas também não podia perder a oportunidade de ter pais, de novo, mesmo que não fossem os seus verdadeiros. O menino tinha consciência de que cresceria, um dia, e não poderia ficar naquela casa. As meninas, se quisessem, poderiam continuar a trabalhar naquele lugar, mas os meninos precisavam sair.

Ralf então se lembrou do seu amigo Otto. Olhou para sua cama e viu que o menino estava dormindo. Levantando-se, bem devagar, aproximou-se da janela de seu quarto e olhou para uma estrela que brilhava. O céu estava muito limpo, naquela noite, pois raramente ficava assim. O menino, chorando baixinho, pediu ao seu pai que lhe indicasse o caminho a seguir.

Um leve perfume de rosas tomou conta do aposento. A senhora Schneider, acompanhada de outro espírito amigo, aplicava passes no garoto que já começava a acalmar seu pranto.

O menino não percebeu o perfume, mas sentiu uma sensação de paz muito grande. Decidiu, então, o que faria. A essa altura, já estava quase amanhecendo e, voltando-se para sua cama, o menino deitou-se, mas não conseguiu dormir. Abraçado ao travesseiro, ficou pensando exatamente no que diria para a senhora Frida.

Por volta das dez horas da manhã, a senhora Frida ouviu leves batidas na porta do escritório.

– Entre, Ralf – disse ela.

– Como a senhora sabia que era eu? – perguntou o garoto, entrando e fechando a porta.

– Não sei, Ralf, mas tenho uma afinidade muito grande com você. Percebi isso, desde a primeira vez que o vi. Não sei como, mas, quando você bateu à porta, percebi quem era.

O garoto não disse nada, ficou parado em frente àquela bondosa senhora que tanto o tinha ajudado, assim como às suas irmãs. Quem quebrou o silêncio e retomou a conversa foi a senhora Frida.

– Então, Ralf, o que foi que você decidiu? Preciso dar a resposta para o casal, ainda esta tarde.

– Senhora Frida, eu pensei a noite toda e nem consegui

dormir – começou a se explicar o pequeno Ralf. – Mas cheguei a uma conclusão e somente desejo fazer um simples pedido para a senhora.

A mulher não disse nada, ficou olhando o garoto, esperando que ele prosseguisse. E o silêncio que se fez, por breve instante, serviu para que o menino tomasse coragem para dizer qual era sua decisão.

– Senhora, eu agradeço tudo o que a senhora tem feito por mim e por minhas irmãs, pois, se não fosse por seu ato generoso de nos acolher até hoje, não sei o que teria sido de nós. Peço, em primeiro lugar, que a senhora entenda os meus propósitos e, mais uma vez, peço-lhe ajuda.

– Ralf, acolher vocês não foi mais do que um grande prazer para mim, e lhe digo que o que você resolver, eu entenderei.

– Eu resolvi ir morar com este casal que quer me adotar.

A senhora Frida, ouvindo a decisão do menino, abriu um enorme sorriso, levantou-se da cadeira em que estava sentada e lhe deu um grande abraço.

– Tenho certeza de que você vai ser muito feliz, meu filho! – disse a senhora, com lágrimas nos olhos.

– Só gostaria de lhe fazer um último pedido – disse o menino. – Gostaria que a senhora dissesse para minhas irmãs que eu fugi.

– Mas por que, Ralf?

– Eu não quero que elas se decepcionem, achando que estou abandonando a nossa família.

A mulher ouviu o garoto e ficou pensativa. Após alguns minutos, disse ao menino:

– Tudo bem, Ralf, eu faço qualquer coisa para ver a felicidade de meus pequeninos, mas você já tem ideia de como sumir, sem elas saberem? Não se esqueça de que Margret está

à frente dos grupos e, às vezes, ela faz uma ronda noturna para ver se está tudo bem.

– Já pensei nisso, senhora. Na noite em que eu for sair, a senhora dará folga para minha irmã, dizendo que, naquela noite, colocará outra menina no lugar dela, para que ela possa descansar um pouco.

– Mas, na verdade, não vai ter ninguém – disse a senhora Frida, impressionada com a inteligência do garoto. – Tudo bem, filho, vou avisar seus pais adotivos para virem buscar você, na madrugada da segunda-feira próxima.

– Isso é bom, pois assim terei mais alguns dias para ficar perto das minhas irmãs – disse o menino, abaixando a cabeça, com lágrimas nos olhos.

– Não se preocupe – respondeu a mulher, com um tom maternal à voz. – Você vai ser muito feliz. Eu te prometo.

– Espero que sim, senhora Frida. Espero que sim.

### Capítulo III

## UMA NOVA VIDA

Tudo parecia estar dando certo. Margret realmente precisava daquele descanso e, assim que encostou a cabeça no travesseiro, já pegou logo no sono. Ralf esperou que o grande relógio que ficava no corredor desse três badaladas; então, levantou-se e foi até o escritório onde a senhora Frida já o aguardava. Abrindo a porta, com jeito, para não fazer barulho, entrou bem devagar e a fechou, sem fazer nenhum ruído.

– Então, Ralf, está preparado para conhecer seus novos pais? – perguntou a senhora Frida Fronzberr, com um sorriso no rosto.

– Estou, sim, senhora. Mas, um pouco nervoso, porque, talvez, ao me conhecerem, não gostem de mim.

– Não se preocupe, meu filho, pois eles já te conhecem e conhecem a sua estória de vida também. Eu posso lhe garantir que você já conquistou o coração deles.

Olhando o garoto, bem fundo nos olhos, e fazendo uma breve pausa, disse a senhora Frida, em seguida:

– Senhor Franz, Senhora Hellene. Podem entrar, por favor.

Ralf tomou um susto ao ver seus pais adotivos. Eles haviam estado no “LAR”, duas semanas atrás, com o pretexto de serem professores em busca de emprego. O garoto até se sentira fascinado, pois o senhor Franz lembrava muito seu falecido pai. Sem saber o que dizer, ficou olhando para seus pais adotivos.

Foi a senhora Hellene que quebrou o silêncio. Abrindo os braços e, abaixando-se na frente do garoto, disse:

– Ralf, seja muito bem-vindo à nossa família.

O garoto, sem saber o que fazer, diante daquele gesto, andou devagar em direção ao casal e deu um abraço na senhora Hellene. O senhor Franz, que se mantinha em pé, ao lado dos dois, pôs a mão no ombro do menino e disse:

– Seremos uma família muito feliz, Ralf. Pois buscamos a felicidade assim como você.

– Muito obrigado! – disse o garoto, levantando a cabeça para falar com o homem. – Prometo que tentarei ser o filho mais dedicado de todo o planeta!

– Eu creio que sim, filho, e, desde já, quero lhe pedir desculpas por não podermos adotar as suas irmãs também – falou o senhor Franz.

– Ralf – disse a senhora Frida Fronzberr –, não foi por culpa deles que as suas irmãs não foram adotadas. Foi, simplesmente, por culpa de erros de documentos e de obstáculos que os governantes nos impõem ao processo de adoção. Infelizmente, é muito mais cômodo para eles criar “depósitos de crianças”, do que arranjar um lar para esses pobrezinhos morarem.

O menino ficou parado, um pouco, olhando para o vazio. Às vezes, Ralf fazia isso, era como se esperasse que alguém lhe inspirasse a fazer algo. Após alguns minutos, disse:

– Senhora Frida, antes de ir embora, posso fazer algo por minhas irmãs?

– Resolveu se despedir delas, Ralf? – falou a bondosa senhora.

– Sim, mas não do jeito que a senhora está pensando.

O menino fez um gesto para que todos ali o acompa-

nhassem, e saíram andando pelos corredores escuros da casa; foi até o jardim e apanhou duas flores lindas que estavam orvalhadas e, voltando para dentro da casa, encaminhou-se até o quarto onde dormiam suas irmãs.

Entrando devagar, para não fazer barulho, foi até a cama onde Margret dormia um sono profundo. Deixando aquela linda flor ao lado de seu travesseiro, deu-lhe um beijo na fronte. Virando-se para a cama onde dormia Ingrid, repetiu o gesto de carinho para com sua outra irmã.

“Algum dia nos encontraremos novamente”. Foi o que pensou o menino, deixando o aposento das irmãs, e deixando, também, duas grossas lágrimas correrem pelo seu rosto.

O casal que estava adotando o menino assistiu àquela cena comovente, como se estivessem diante de uma cena de filme, e não poderiam deixar de se emocionar. A senhora Frida, vendo como os dois estavam, disse:

– Eu falei o quanto este menino era especial. Nem parece uma criança, parece um anjo, e tenho certeza de que vai alegrar muito a vida de vocês.

Voltaram, novamente, os quatro para o escritório e, lá chegando, a senhora Frida entregou os papéis da adoção para o senhor Franz. Ralf, por sua vez, pegou a pequena mala que continha as poucas vestes que tinha e disse:

– Muito obrigado por tudo, senhora Frida. Espero que a senhora consiga um lar para minhas irmãs e para todos os que estão sob sua guarda nesta casa. Antes de ir, tenho que lhe dizer que fui muito feliz, pelo tempo em que passei aqui, e que aprendi a respeitar a todos como se fossem meus irmãos e a senhora como se fosse minha mãe. Muito obrigado!

A senhora caminhou até o menino e, abaixando-se para lhe dar um abraço, disse-lhe:

– Seja feliz, meu filho! Não importa o que aconteça em sua vida. Eu quero que você seja muito feliz. E não se preocupe, vou manter contato com você e, sempre que puder, mandarei notícias de suas irmãs.

Assim foi a partida de Ralf Schneider daquele orfanato. O plano dera certo, e os três saíram sem que ninguém os visse. No portão da grande casa, a senhora Frida ainda pôde ver os olhos do menino, cheio de lágrimas, olhando através do vidro da condução que os levava.

No caminho, a senhora Hellene percebeu que o menino estava quieto e com o olhar perdido para a paisagem. Quebrando aquele silêncio, disse:

– Ralf, está arrependido de ter vindo conosco?

– Não, senhora, só estou com medo de que a senhora Frida não cumpra o nosso combinado.

– Ela nos contou que você queria sair de madrugada, para que suas irmãs pensassem que você fugira – disse o senhor Franz.

– Quis assim, porque tenho medo de que elas pensem que estou abandonando a nossa família – falou o garoto, abaixando a cabeça.

– Pois não se preocupe – disse a senhora Hellene, tentando animar o menino. – Antes de você chegar até o escritório do “LAR”, a senhora Frida nos disse que fará tudo como você quiser, e que contará para suas irmãs que você fugiu. Disse, também, que nos manterá informados sobre elas, e que, caso forem adotadas, ela nos dirá para onde estão indo e, assim, você poderá reencontrá-las, um dia mais tarde.

O garoto não respondeu nada, somente levantou a cabeça e endereçou ligeiro sorriso para a senhora.

Andaram quietos, por mais algum tempo. A senhora

Hellene, que ia ao lado do menino, aproximou-se mais dele e envolveu-o em seus braços. Ralf não sabia qual era a sensação que sentia, naquela hora, mas percebeu que aquele afago era muito bom. Ele se sentiu amado, novamente, e retribuiu, encostando a cabeça no corpo de sua mãe adotiva. A carência daquela criança fazia com que se tornasse uma pessoa doce e com muito amor no coração. Apesar de o casal ser estranho ainda para o menino, ele sentia que estava com pessoas muito amigas.

– Ralf – disse o senhor Franz, tentando quebrar o silêncio –, não tem curiosidade de saber o que eu faço?

O menino não disse nada, mas levantou a cabeça, para continuar a ouvir o que seu pai adotivo tinha a lhe dizer.

– Pois bem, Ralf – continuou o senhor Franz –, eu tenho uma fábrica de uniformes. Hellene e eu trabalhamos juntos e fazemos uniformes exclusivos para o exército alemão.

– Então o senhor é do exército? – perguntou o menino, curioso por saber para onde iria.

– Não, Ralf – respondeu a senhora Hellene. – Nós moramos perto de uma base militar, mas não fazemos parte dela. Quando essa base foi instalada, em nossa cidade, o pai do senhor Franz já fabricava roupas. Mas ele achou melhor e mais lucrativo começar a fazer roupas para o exército alemão. O pai do senhor Franz já faleceu, mas nós continuamos a fabricar uniformes para o exército.

– Deve ser bem legal morar lá! – falou o menino, entusiasmado com o que acabara de ouvir.

– Com certeza você vai gostar muito, Ralf, e, se quiser, quem sabe algum dia você possa até virar um oficial do exército alemão – disse o senhor Franz, brincando, animadamente.

– Não sei, não. Acho que não vou conseguir marchar.

Todos deram muita risada com a brincadeira do garoto. O que eles não sabiam era que o destino reservava grandes surpresas na vida de Ralf Schneider, tão grandes que nem mesmo o pequeno garoto, que agora estava entrando para uma nova experiência de vida, poderia imaginar.

O restante da viagem transcorreu normalmente e, em algumas horas, estavam todos em frente à casa que seria a nova moradia de Ralf.

Era uma casa muito grande, que ficava bem de frente para o portão principal da base militar. Ao lado, via-se um grande barracão, onde várias pessoas trabalhavam. Era ali a fábrica de uniformes do senhor Franz.

Pararam o carro em frente ao grande casarão e, de imediato, um rapaz que aparentava ter seus dezoito anos veio ao encontro dos três.

– Papai, mamãe! Como foram de viagem? Já estava morrendo de saudades!

Ralf, meio sem entender, ficou olhando para os três se abraçando. Como podia um casal bem sucedido, com um filho biológico deles, querer adotar uma criança que eles nem sabiam quem era?

– Ralf – disse a senhora Hellene –, este é Joseph, nosso filho. Você vai gostar muito dele. É um garoto muito responsável. Ficou cuidando da fábrica, sozinho, enquanto estivemos fora.

– Muito prazer! – disse o garoto, estendendo a mão, meio sem jeito.

– O prazer é todo meu! – respondeu Joseph, apertando a mão do pequeno Ralf.

A senhora Hellene, vendo que o menino estava meio confuso, convidou-o para entrar.

Ralf jamais havia visto uma casa daquele tamanho. De entrada, tinha uma sala enorme, com uma escadaria ao fundo, que levava para o segundo andar. Naquela sala, tinha quatro portas que levavam aos outros aposentos do andar inferior. O garoto estava boquiaberto, não podia imaginar uma casa daquele tamanho.

O senhor Franz, que estava parado logo atrás do menino, percebendo o seu espanto, disse:

– E então, Ralf, gostou? Joseph vai lhe apresentar seu novo lar, mas, antes, vamos fazer um lanche, lá na cozinha. Estou faminto, e sei que você deve estar também.

O menino não sabia o que dizer. Estava tão vislumbrado com a casa que se deixou guiar para a cozinha, sem nem mesmo ver por onde estava passando. Lá chegando, encontrou a senhora Hellene preparando a mesa para comerem algo.

– Sente-se, Ralf – convidou a senhora Hellene. – Tenho certeza de que há um monte de perguntas fervilhando em sua cabeça. Enquanto comemos, vamos esclarecê-lo sobre o que você quiser saber.

Ralf sentou-se à mesa, meio sem jeito. Estava acostumado com a simplicidade da fazenda e com a humildade como faziam as refeições no “LAR”. Não sabia muito bem como se comportar em tais lugares.

– Pode ficar à vontade, Ralf – disse Joseph, em um tom fraternal. – Não se preocupe com nada, pois, quando cheguei aqui, também fiquei acanhado de sentar-me à mesa. E olha que eu era um pouco mais velho que você!

– É verdade, Joseph, eu me lembro! – exclamou o senhor Franz, com um sorriso aos lábios. – Você queria ficar sentado no chão, porque tinha medo de sujar as cadeiras.

– Franz! Desse jeito você vai envergonhar Joseph, na

frente do Ralf! – ralhou a senhora Hellene, dando um leve beliscão no marido.

Todos deram risada da atitude da mulher e da cara de dor que o senhor Franz fez. E, pelo sorriso de Joseph, via-se que ele não ligara nem um pouco para o comentário do senhor Franz.

– Ralf – disse a senhora Hellene, agora, em um tom mais sério –, como você deve ter notado, Joseph também não é nosso filho legítimo. Ele foi adotado por nós há alguns anos, assim como adotamos você.

– Pois é, Ralf – falou o jovem. – E, para sua surpresa, vim do “LAR DE TODOS OS IRMÃOS”, também. Conheço a senhora Frida e aquela casa muito bem.

– Mas por que vocês, sendo tão bem de vida como são, não tiveram seus próprios filhos? – perguntou o menino, com aquela inocência de criança.

O senhor Franz olhou para a esposa e, esta, que estava com o olhar perdido e de cabeça baixa, deixou que lágrimas escorressem por seu rosto.

– Bem, Ralf, esse é um fato que ainda machuca muito a gente. Mas, agora você é da família e tem que saber o que realmente aconteceu – começou a explicar o senhor Franz. – Quando éramos jovens, Hellene e eu, ela engravidou. Por isso, resolvemos nos casar. Passado algum tempo, Hellene sofreu uma forte queda da escadaria que leva ao andar superior, bebê não resistiu e morreu. O médico foi chamado, mas nada pôde fazer, a não ser retirar o bebê. Depois de algum tempo, Hellene começou a ter fortes hemorragias, e seu útero também precisou ser retirado, sendo assim, não tivemos a oportunidade de ser pais biológicos. Sofremos muito e, até hoje, a lembrança daquela criança que iria nascer nos machuca, mas, agora, temos

você e Joseph. Sei que jamais irão substituir o nosso filhinho que nem sequer viu a luz do sol, mas queremos amar vocês dois como se fossem nossos verdadeiros filhos.

O menino, vendo que a senhora Hellene estava chorando, levantou-se da cadeira e deu-lhe um abraço, dizendo:

– Não se preocupe, senhora. Agora estamos aqui e vamos fazer o que for possível, para que a senhora e o senhor Franz sejam muito felizes.

A mulher retribuiu o abraço e, ainda chorando, agradeceu ao menino e a Joseph por eles terem aceitado a adoção.

Ralf até pensou em contar o que sua antiga vizinha havia dito sobre os mortos voltarem para nos visitar, mas achou melhor não tocar nesse assunto. Ele percebeu que a dor de eles terem perdido o filho, ainda no ventre da senhora Hellene, era muito forte, por isso talvez não aceitassem aquele tipo de assunto.

– Ei, Ralf! – falou Joseph, tentando descontrair aquele momento de tristes lembranças. – Vamos lá para cima, que eu vou mostra seu quarto. Tenho certeza de que você vai gostar muito.

O garoto concordou e acompanhou o rapaz até o andar superior, deixando o senhor Franz e sua esposa sentados à mesa da grande cozinha.

– Não sofra, meu bem – disse o senhor Franz para a esposa. – Tenho certeza de que Ralf, assim como Joseph, nos trará muitas alegrias.

A mulher, sem dizer nada, abraçou-se ao marido, e ali ficaram, por algum tempo, como se contemplassem o futuro.

Ralf, ao abrir a porta de seu quarto, ficou estático. Jamais imaginara dormir em uma cama tão grande. Ficou olhando as cortinas, a estante com muitos livros, a escrivaninha. Tudo era novo para o garoto, e ele nem sabia o que dizer.

– Bem, Ralf – falou Joseph, tentando despertar o menino daquele sonho acordado –, este é seu quarto. Não quer entrar para ver como é lá dentro?

Só então o garoto percebeu que estava parado na porta. Não havia nem entrado no aposento e já estava encantado com o lugar. O menino foi entrando, devagar, até chegar ao meio do quarto, próximo à cama.

– Isto é como se fosse um sonho para mim, Joseph – disse o menino, maravilhado.

– Não se preocupe, Ralf, com o tempo, você acaba se acostumando – falou Joseph, sentando-se em uma poltrona ao lado da estante de livros. – E, então, como estão as coisas lá no “LAR”?

– Até quando eu saí de lá, estava tudo bem.

– E o Otto, como ele está?

Ralf ficou um pouco surpreso com a pergunta. Jamais iria imaginar que Joseph conhecesse seu amigo Otto.

– Ele está muito bem. De onde você o conhece? – perguntou o menino, interessado em saber a estória do rapaz.

– Como já lhe disse, eu também morei com a senhora Frida. Quando Otto foi abandonado na porta da casa, eu tinha acabado de chegar ao “LAR”. Eu era pequeno ainda, mas, muitas vezes, ajudei a senhora Frida a cuidar do Otto. Ele tinha a saúde muito frágil; por isso, frequentemente, ele dormia em minha cama, para que pudesse protegê-lo do frio. Otto e eu nos apegamos muito, era como se fôssemos verdadeiros irmãos. Doeu demais ter que deixá-lo.

– Eu também deixei minhas irmãs lá – disse Ralf, de cabeça baixa. – Tenho medo de que elas jamais irão me perdoar, por tê-las deixado.

O menino achou melhor não contar, naquela ocasião, que havia mentido para as irmãs. Talvez, em uma outra oportuni-

dade, ao estar conversando sobre o assunto, com Joseph, ele contaria sobre o ocorrido.

– Não precisa se preocupar com isso. Tenho certeza de que a senhora Frida achará um lar para elas também e, logo, vocês vão estar em contato novamente – disse Joseph, tranquilizando o menino.

Após breve pausa no diálogo dos dois, Joseph disse para Ralf:

– Ei! Que tal a gente ir conhecer a fábrica do papai?

Ralf achou estranho o modo como o rapaz tratava, com naturalidade, o senhor Franz, de pai, e resolveu perguntar:

– Joseph, o senhor Franz faz questão de que o chamemos de pai?

– Não, Ralf, nem ele nem a senhora Hellene. Só que eles me deram tudo o que tenho. Quando tinha mais ou menos a sua idade, meus pais morreram, vitimados, um, pelo câncer e, outro, por uma parada cardíaca. Perdi meus pais em apenas um ano. Como não tinha para onde ir, acabei parando no abrigo da senhora Frida. Alguns anos depois, fui adotado pelo senhor Franz e sua esposa. Eu devo tudo o que tenho a eles, então os considero meus pais de verdade.

– Não sei se conseguirei chamá-los de pai e de mãe – disse o menino, preocupado.

O rapaz não disse nada ao garoto, somente esboçou leve sorriso. Levantando-se, caminhou até onde Ralf estava sentado na cama e sentou-se ao seu lado.

– Eu tenho ainda muitas saudades do meu pai e de minha mãe verdadeira – falou o rapaz, com a cabeça baixa. – Mas sei, também, que a vida deve continuar e, por mais que amemos a pessoa que foi levada pela morte, devemos sempre continuar a nossa caminhada.

Ralf Schneider sentiu, naquelas palavras de Joseph, que o rapaz, assim como ele, tinha uma sabedoria que nem mesmo ele sabia de onde vinha. Sentiu, então, um grande consolo. “Sim”, pensou consigo. “Eu tenho que continuar a caminhar.”

– E então – falou o rapaz, tirando o menino daqueles devaneios –, vamos deixar as tristezas de lado e ir conhecer a fábrica do papai?

O garoto concordou, levantou-se, e saíram os dois, abraçados, do quarto, como se fossem irmãos de verdade.

– Não fique assim – disse um espírito de luz intensa, que acompanhava a senhora Schneider –, os dois são espíritos afins, e Ralf vai precisar muito do apoio de Joseph, para cumprir seu destino. Não podemos mais interferir no curso natural que a vida tem que tomar.

– Sim, eu sei – disse a senhora Schneider, entre copiosas lágrimas. – Mas tenho medo de que o meu pequeno Ralf se perca pelos caminhos que terá que seguir.

– Com todo o respeito que tenho pela irmã, devo informá-la que Ralf não é seu. Você foi, simplesmente, o instrumento que Deus usou para colocá-lo na Terra. E a irmã também sabe que Ralf tem a obrigação de resgatar graves erros do passado.

– Desculpe-me, irmão Andreas – falou aquele espírito doce e feminino. – Às vezes, deixo-me levar pela emoção e esqueço que somos todos ovelhas do rebanho de um só pastor que é Deus.

– Não tem o porquê de se desculpar, irmã. Estamos todos ainda muito longe de ser perfeitos, e isso inclui o poder de controlar nossas emoções. Agora, temos que voltar para a colônia, pois o seu marido espera ansioso por notícias de seus filhos.

– E não vamos mais poder voltar para ver como Ralf está se saindo? – perguntou a senhora Schneider, temendo não poder mais ver o garoto.

– Sim, é claro que vamos, irmã – disse Andreas. – Mas voltaremos a ver seus filhos, somente daqui a alguns anos. Por enquanto, não há nada mais a fazer por aqui.

A senhora Schneider abaixou a cabeça e não disse nada. Andreas sabia que a mulher tinha ainda muito que aprender, para se desprender das coisas da Terra e, vendo isso, disse:

– Acalma teu coração, irmã. Lembre-se de que teu esposo precisa ainda muito mais de você do que o pequeno Ralf.

A senhora Schneider, concordando com aquele irmão de luz, deu-lhe a mão. Naquele instante, um forte clarão se fez presente em volta dos dois, levando-os, assim, para a colônia onde moravam.

Passaram-se algumas semanas, e tudo parecia transcorrer normalmente. O pequeno Ralf Schneider agora recebia o nome de Ralf Schneider Brücke. A pedido do garoto, deixaram o sobrenome Schneider, pois dizia ele que, assim, poderia encontrar mais facilmente suas irmãs, quando ficassem todos mais velhos. O garoto tinha aulas particulares em casa, na parte da manhã, juntamente com Joseph. Logicamente que Joseph estava bem mais adiantado nos estudos do que o menino, sendo assim, o rapaz sempre ajudava o garoto, quando este se encontrava em dificuldade com os estudos. No período da tarde, tanto Joseph quanto Ralf iam para a fábrica de uniformes do senhor Franz, para irem aprendendo a administrar os negócios. Dizia o senhor Franz que, quando ele ficasse mais velho, os seus dois “filhos” iriam administrar a fábrica.

Aquele era um negócio muito lucrativo, já que o exército alemão vinha crescendo muito nos últimos anos. A renda da família Brücke aumentava, a cada dia, dando, assim, a oportunidade de melhor educação e melhores condições de vida e lazer para o pequeno Ralf. O que o garoto jamais poderia

imaginar é que, quando tudo parece estar bem, a vida nos põe em duras provas.

Após dois meses que o menino estava morando com sua nova família, um fato inesperado e extremamente doloroso aconteceu na vida de Ralf.

Era uma madrugada de muita chuva, pingos que, por vezes, vinham acompanhados de fortes rajadas de vento. Ralf dormia tranquilo, quando, repentinamente, foi acordado por um forte trovão. Olhou à sua volta e percebeu que a chuva estava batendo forte na janela. Então se levantou para fechar a cortina. Ralf olhou para baixo e viu a carruagem da senhora Frida parada em frente o casarão. Um forte aperto no peito quase o jogou no chão, mas conseguiu se apoiar em uma mesinha que ficava próxima à janela. O menino começou então a passar mal, o teto parecia rodar, uma forte vontade de vomitar acometia-o. Então, não resistiu e abaixou-se, conseguindo chegar até sua cama, arrastando-se. Deitou-se e então algo que o menino jamais pensou que fosse possível aconteceu. Mesmo com os olhos fechados, Ralf via Margret, sua irmã, toda suja de musgo verde, com os cabelos empastados por uma lama gosmenta. No seu rosto, destacavam-se grandes olheiras muito escuras, e sua boca parecia estar em carne viva.

– Ralf, me ajude, por favor – dizia ela, com voz rouca.

O garoto não queria continuar vendo aquela cena, mas, mesmo assim, ela durou cerca de uns cinco minutos. Quando a cena acabou, Ralf levantou-se, às pressas, e correu em direção à janela. Não pôde mais segurar e, abrindo a janela, colocando sua cabeça para fora, vomitou. Jogou para fora tudo o que tinha no estômago. Aos poucos, aquele mal-estar foi passando e foi então que o menino escutou vozes muito aflitas no andar inferior. Não se conteve e foi ver o que estava aconte-

tecendo, porque, depois do que lhe acabara de ocorrer, ele tinha certeza de que alguma coisa havia acontecido à sua irmã mais velha.

Ralf ficou parado na escadaria, e a cena que ele viu foi a senhora Hellene chorando, nos braços de Joseph, e o senhor Franz tentando consolar a senhora Frida Fronzberr.

– O que aconteceu? – perguntou o menino, já entrando em desespero.

– Ralf, venha até aqui – disse o senhor Franz.

O menino desceu as escadas, olhando para o rosto de todos ali presentes. A impressão que teve era que algo de muito grave havia acontecido e, em seu íntimo, ele sabia que era com Margret.

– Ralf – disse o senhor Franz, abaixando-se perto do garoto –, nós temos uma notícia nada agradável para lhe dar. Mas eu quero que você saiba que nós estaremos sempre do seu lado. Por mais difícil que seja a situação, nós estaremos com você.

– Foi alguma coisa com minha irmã Margret, não foi? – disse o garoto, olhando bem fundo nos olhos da senhora Frida.  
– Aconteceu alguma coisa de ruim com ela, eu sei.

A senhora Frida não respondeu, somente abaixou a cabeça e se pôs a chorar. Abraçando-se a ela, a senhora Hellene também deixou que grossas lágrimas derramassem dos seus olhos.

– Ralf – falou o senhor Franz, olhando bem fundo nos olhos do garoto –, a sua irmã Margret está morta.

Juntamente com um enorme trovão veio a reação do menino. Ralf desmaiou nos braços do senhor Franz, e este, por sua vez, deitou-o, carinhosamente, ao chão.

– Ralf, acorde! – dizia o senhor Franz, dando leves palmadas no rosto do menino.

Joseph correu para a cozinha para pegar um copo de água e, quando voltou, o garoto já estava recobrando a consciência. Ralf, meio sem entender o que estava acontecendo, começou a chorar, sentia um aperto enorme no peito e não segurou as lágrimas. Todos ali choraram com ele, pois não havia como segurar o pranto, diante da imensa dor que o menino sentia.

– Mas, como foi? – perguntou, entre soluços, após alguns minutos.

– Ninguém teve culpa Ralf – disse a senhora Frida, enxugando as lágrimas. – Depois que você veio para cá, deixei que suas irmãs descobrissem, sozinhas, que você havia sumido, o que não demorou muito, e então, disse que você deveria ter fugido. Ingrid não conseguia entender o porquê de você ter fugido do “LAR”, já que gostava tanto de lá. Mas a Margret adoeceu, ficou muito triste por você ter partido. Ela caiu na cama e por lá ficou, sem se alimentar e sem, nem mesmo, tomar água. Chamamos o médico e tentamos, de todas as formas, reanimá-la, e foi quando um fato inesperado aconteceu.

A mulher fez uma breve pausa para enxugar novamente os olhos cheios de lágrimas e, de cabeça baixa, continuou a contar o que havia acontecido:

– Ontem de manhã, Ingrid acordou toda a casa, com gritos desesperadores. Corri para ver o que estava acontecendo e me deparei com uma cena horrível. A Ingrid estava no chão, ao lado da cama da Margret, segurando sua mão; ela estava desesperada e gritava muito. Quando me aproximei da cama, vi Margret já sem vida; estava pálida e com olheiras enormes. O médico chegou e, ao descobrir o corpo da sua irmã, Ralf, achamos um frasco de calmantes, mas somente o frasco. Sua irmã havia tomado todos os comprimidos que estavam no vidro. Infelizmente, Ralf, a sua irmã não morreu, ela se suicidou!

O menino ouvia a tudo sem dizer uma só palavra. Joseph sentou-se ao seu lado e, com o braço, envolveu o garoto, encostando-o em seu peito. Ralf parecia perdido, com os olhos fitando o vazio e, com grossas lágrimas descendo por seu rosto, disse:

– Eu acabei de ver minha irmã no meu quarto. Ela estava horrível e me pedindo ajuda.

Todos ali na sala acharam que aquilo poderia ser um delírio do garoto, devido ao choque que acabara de levar. Mas não era, e Ralf sabia que não era. Tentando desconversar, a senhora Hellene falou, com voz suave, aproximando-se do menino:

– Filho, sua irmã está morta, não há como você ajudá-la mais.

– Gostaria de ver o corpo de minha irmã – falou o menino.

– Isso não será possível, Ralf – disse a senhora Frida. – Sua irmã foi sepultada, ontem mesmo, e também não daria tempo de chegar até lá, antes do enterro, pois a viagem é muito longa.

– A culpa foi minha – disse o menino, abaixando a cabeça e começando a chorar. – Se eu não tivesse saído do lado delas, isso não teria acontecido.

– Não pense assim, Ralf – falou Joseph, tentando consolá-lo. – As coisas acontecem, quando são para acontecer. Talvez não fosse para sua irmã morrer dessa forma, mas há fatos, na vida de todos nós, que não temos como mudar.

O garoto, ainda de cabeça baixa, pensou um pouco e concordou com seu irmão adotivo. Afinal, não havia mais nada que ele pudesse fazer. Lembrou-se, então, de Ingrid e perguntou por ela.

– Infelizmente eu tive que contar a verdade a ela – explicou-se a senhora Frida Fronzberr. – Ela não queria acreditar que você havia sido adotado, mas, depois de mostrar a ela seus papéis de adoção, ela acreditou.

– E o que foi que ela disse? – quis saber o menino.

– Ela pediu para lhe trazer este bilhete. Acho melhor você ler em voz alta.

Ralf, pegando o papel da mão da senhora Frida, desdobrou-o e, com muitas lágrimas, começou a ler:

“Ralf, não posso acreditar que você fez isso com a gente. Não precisava ter mentido, pois compreenderíamos o seu desejo de ser feliz. Agora Margret está morta, e morre também em mim o sentimento de família que tinha. Não sei o que o destino me reserva, mas, a partir do dia de hoje, me considero sozinha no mundo. Primeiro, perdi a minha mãe; depois, o meu querido pai e, agora, perdi minha irmã que eu tanto amava, e você, como tem sua parcela de culpa, por isso o considero morto e sepultado em meu coração. Adeus, Ralf.”

O garoto terminou de ler as últimas palavras, aos prantos. Sua mente culpava-o, e o remorso corroía-o. Nada mais faria sentido, se não tivesse suas irmãs ao seu lado.

Se perder um ente amado para as garras da morte é doloroso, muito mais doloroso ainda é perder um ente amado por erros que cometemos, às vezes, sem nem mesmo dar-nos conta.

– E agora, o que farei sem minhas irmãs? – perguntava Ralf, aos prantos.

Joseph que não saía do lado do menino e que somente agora soubera da mentira do garoto, abraçando-o, disse:

– O melhor a fazer agora, Ralf, é dar tempo ao tempo. Somente com o tempo, sua irmã vai entender que sua atitude foi para o bem de todos vocês. Lamentar-se somente vai piorar a situação. Tenho certeza de que, com o tempo, tudo vai se resolver.

## Capítulo IV

# DECISÕES

Aquela manhã de terça-feira parecia diferente. Ralf sentia no ar que algo iria acontecer para mudar sua vida.

Já haviam se passado três meses, desde que o menino recebera a notícia da morte de sua irmã, e então, Ralf ficou muito doente. Sentia um enorme vazio em sua vida e deixou que esse vazio o dominasse. O garoto caiu de cama, depressivo, como se a angústia da morte o rodeasse. Se não fosse pelo bom médico que o senhor Franz contratou, com certeza o menino já teria morrido.

Ralf estava muito magro e com a fisionomia de doente. Era difícil alimentar-se e, quando o fazia, era pela insistência da senhora Helene; estava muito fraco, mas, naquela manhã, acordara diferente. Era como se tivesse forças para voar, se assim desejasse.

Escutando um forte barulho, ele se levantou e caminhou até a janela de seu quarto. Espiando por entre as cortinas alvas de seu aposento, viu um veículo enorme, adentrando a base militar que ficava perto de sua casa.

O menino, apesar de estar sempre em contato com os soldados alemães, nunca se interessara em conhecer a base. Naquela manhã, o garoto ficou acompanhando com os olhos aquele veículo entrar na base e, para sua surpresa, viu vários garotos, uns mais velhos e outros mais ou menos de sua idade,

caminharem dentro da base militar. Ficou curioso. O que fariam lá dentro?

De súbito, o menino ouviu leves batidas à porta, e esta se abrindo. Era Joseph, com uma bandeja, trazendo-lhe o desjejum e trazia também um sorriso aos lábios, a irradiar luz àquela manhã.

– Ralf, que bom vê-lo em pé! – exclamou Joseph.

O menino não respondeu, mas abriu um acanhado sorriso para seu irmão adotivo. Com um pouco de dificuldade, sentou-se na poltrona que havia no quarto.

– E então, como meu irmãozinho está hoje? – perguntou o rapaz, colocando a bandeja na mesinha ao lado da poltrona.

– Por que você está aqui à esta hora? – perguntou Ralf, tentando disfarçar seu contentamento, por seu irmão adotivo estar ao seu lado. – Não deveria estar na sua aula?

– O senhor Franz precisou viajar, e a senhora Helene me pediu para ajudá-la nos afazeres da casa e da fábrica.

Joseph colocou a bandeja na mesinha próxima ao garoto e sentou-se na cama.

– Não está feliz em me ver, Ralf? – perguntou o rapaz. – Se quiser, posso voltar mais tarde.

– Tudo bem, Joseph, pode ficar – falou o menino, olhando para a bandeja. – Aliás, gostaria de perguntar algo para você.

– Hum!... O senhor Ralf Schneider Strawttz com perguntas a fazer!... Estou vendo que acordou bem melhor no dia de hoje – disse o rapaz, brincando com o menino.

Apesar da brincadeira do Joseph, Ralf ficou olhando-o sério, por algum tempo, o que fez com que o rapaz perdesse um pouco a compostura.

– Fui acordado, hoje de manhã, por um enorme barulho que vinha da base militar, aí em frente – começou a dizer o

garoto. – No momento em que me levantei para ver o que era, reparei que, dentro da base, ficam alguns rapazes mais ou menos da sua idade, e também alguns garotos da minha. Não sabia que o exército alemão recrutava pessoas tão jovens.

– Na verdade, Ralf, não recruta. Esses garotos que você viu dentro da base são filhos de oficiais que estudam na escola militar que tem lá.

– E por que eu não havia reparado neles antes? Afinal, já faz algum tempo que estou aqui.

– Dizem que eles chegam antes de nascer o sol e que a maioria deles mora no alojamento interno com seus pais. E, já é noite, quando os que têm de lá sair, para irem para suas casas. É por isso que quase não os vemos.

– Deve ser legal estudar em um colégio militar – disse Ralf, olhando para seu irmão adotivo, com os olhos brilhantes.

– Não sei, não, Ralf. Ouvi dizer que a disciplina é muito rígida. Mas, se você se interessa, pode falar com o senhor Franz a respeito. Ele tem muita influência no meio militar; talvez consiga colocar você lá dentro.

Na verdade, o menino queria, de qualquer maneira, arrumar uma válvula de escape para seu sofrimento. Havia algum tempo que todos na casa já haviam percebido que Ralf perdera um pouco daquela doçura no olhar. Era como se o fato de ter perdido sua verdadeira família tivesse retirado dele o amor que reinava em seus atos e em suas palavras.

Passaram-se duas semanas depois daquela conversa do garoto com seu irmão adotivo, e, conforme o tempo passou, amadureceu ainda mais a vontade de entrar para a escola militar. Todos na casa admiraram-se em ver a melhora que Ralf apresentava, em apenas duas semanas. Alimentava-se bem e procurava fazer todas as suas obrigações. De vez em quando,

espiava, da janela de seu quarto, para ver o que os garotos estavam fazendo lá dentro da base.

Havia uma força sobre humana que o impulsionava a querer fazer parte daquela turma de garotos que estudava lá dentro. Algo lhe dizia que o caminho a seguir, para abafar as dores de seu coração, era se tornar um militar. E, toda vez que via os soldados se agrupando em batalhões, imaginava-se à frente deles, não como um mero soldado, mas como um oficial do exército alemão.

As horas daquela semana pareciam intermináveis. Ralf aguardava, muito ansioso, a volta do senhor Franz. Queria lhe pedir para colocá-lo na escola militar. Estava decidido a ser do exército, pois imaginava que, só assim, conseguiria apagar as cicatrizes do seu coração. O que o garoto jamais poderia imaginar era que nada nesta vida é por acaso. E que começaria, naquela base militar, o resgate de grandes erros pretéritos.

Já estava escurecendo, quando a porta da grande casa se abriu e, por ela, passou o senhor Franz. Mal deu tempo de o homem colocar sua mala no chão, e o garoto veio correndo pedir para lhe falar. O senhor Franz ficou surpreso com aquilo, já que não tinha conhecimento da melhora do garoto.

– Senhor Franz – disse o menino –, preciso muito lhe falar.

– Calma, Ralf, acabei de chegar de viagem. Deixe-me ao menos cumprimentar vocês! – falou o senhor Franz com um bom humor que parecia imutável.

– Desculpe-me, senhor, é que decidi algo muito importante e gostaria de contar com a sua ajuda.

– Fico feliz em ver que você melhorou, enquanto estive fora. Só vou comer algo e cumprimentar os outros, depois nós conversaremos.

O menino concordou, meio a contragosto, mas achou melhor falar, mais tarde, sobre o assunto, com o senhor Franz.

Depois de algumas horas, quando Ralf já se preparava para dormir, leves batidas à porta de seu quarto se fizeram ouvir, e o menino ordenou que entrassem.

– Ralf, vim ver qual o assunto tão importante que você tem para conversar comigo – disse o senhor Franz, entrando no quarto do garoto.

– Senhor Franz, alguns dias atrás, eu estava observando a base militar e vi alguns garotos de minha idade lá dentro – disse o garoto, indo direto ao assunto. – Perguntei ao Joseph quem eram, e ele me explicou que eram alunos da escola militar que tem lá. Decidi, então, pedir ao senhor se poderia me colocar para estudar nessa escola.

O homem ficou olhando para o garoto; depois se sentou na cama, ao seu lado, sem nada dizer. Pela expressão de seu rosto, Ralf percebeu que ele se lembrava de algo muito triste.

– Sabe, Ralf – começou ele a falar –, quando esta base militar se instalou aqui, meu pai queria muito que eu entrasse para o exército, mas eu nunca tive vocação para isso. Meu pai morreu com esse sonho, o sonho de ter um filho militar. Pensei que, um dia, quando tivesse meu próprio filho, talvez ele realizasse o desejo de meu pai. Eu nunca forcei Joseph a entrar para essa escola militar, e também não forçaria você. Você tem certeza de que é realmente isso que você quer?

– Sim, senhor Franz, gostaria muito de seguir a carreira militar – respondeu o garoto, com muita firmeza nas palavras.

– Se é assim que você quer, Ralf, amanhã vou ver o que posso fazer. Mas vou avisá-lo, desde já, que a profissão de militar não é fácil, e o trabalho é muito árduo.

– Não se preocupe, senhor Franz, pois estou disposto a me esforçar ao máximo, e tenho absoluta certeza de que, um dia, vou me tornar um oficial do exército alemão – disse o menino, com um largo sorriso no rosto.

– Você é um garoto muito especial, filho. Tenho certeza de que vai se dar muito bem, em qualquer profissão que escolher – disse o senhor Franz, levantando-se e saindo do quarto.

Naquela noite, Ralf não conseguia pegar no sono; a noite foi virando madrugada, e o garoto não conseguia dormir. Eram quase duas horas da madrugada e algo bateu muito forte em sua janela. Ele olhou para ver o que era e percebeu que o vidro da janela estava trincado; levantou-se para ver o que tinha atingido a janela e, ao olhar para a rua, estremeceu. Viu uma menina com a roupa toda rasgada e suja que olhava diretamente para a janela de seu quarto.

Não tinha dúvidas, era Margret. Mas como poderia ser sua falecida irmã? Será que todos estavam mentindo para ele, dizendo que sua irmã havia morrido?

Lembrou-se, então, de sua velha vizinha, na fazenda, e das vezes que ela dissera ter brincado com seu irmão que já era morto. Não teve dúvidas, correu o máximo que pôde pelas escadas, tomando cuidado para não fazer barulho e saiu pela porta da frente, em direção à rua.

A menina ainda estava lá, parada no mesmo lugar. Aproximando-se dela, pelas costas, não deixou que ela o visse.

Ralf ia caminhando, pé ante pé, bem devagar, e, à medida que se aproximava da menina que aparentava ser sua falecida irmã, um cheiro muito forte de carne podre pareceu inundar-lhe as narinas. Era como se estivesse entrando em um túmulo cheio de cadáveres.

No exato instante em que o garoto foi colocar a mão no ombro da menina e chamar seu nome, ela se virou. E qual não foi o susto de Ralf, ao ver sua irmã com a face tomada de vermes. Ela tentou agarrá-lo, mas não conseguiu e, antes que o menino desmaiasse, ouviu um grito muito alto, em seus ouvidos, que dizia: “A culpa foi sua!”

– Ei, garoto! – dizia um soldado, batendo, de leve, no rosto do menino. – Acorde, você não pode ficar deitado aí.

Meio tonto e com uma enorme vontade de vomitar, Ralf foi abrindo os olhos devagar. Sentou-se e percebeu que estava cercado de garotos.

– Você não é um dos filhos adotivos do senhor Franz? – perguntou o homem, ajudando o menino a se levantar.

– Sim – respondeu o garoto, que parecia muito assustado.

– O que você faz aqui fora, à esta hora?

– Pensei ter visto alguém e saí de casa para ver, mas não me lembro quem era – disse o menino, tentando recordar-se do que havia acontecido.

– Alguém bateu em você? – tornou a perguntar o soldado.

– Acho que não, eu não me lembro direito o que aconteceu.

Para a sorte do menino, benfeitores espirituais estavam a postos, durante o acontecimento, e conseguiram deturpar, em parte, as lembranças de sua irmã, tentando agarrá-lo.

– Vem, garoto, vou ajudá-lo a ir para casa. Não é seguro ficar andando pela rua à esta hora – disse o soldado, ajudando Ralf a se levantar.

Ao chegarem à porta da casa, Ralf perguntou ao homem que horas eram, e este lhe respondeu que eram quatro e quinze da manhã e acrescentou:

– Sorte sua estarmos em treinamento de vigília hoje. É muito perigoso ficar na rua à esta hora.

– Muito obrigado, senhor, vou subir antes que meus pais fiquem preocupados.

Despedindo-se do soldado e entrando em casa, Ralf correu para seu quarto e espiou pela janela, para ver o que aqueles garotos estavam fazendo. De súbito, teve uma vaga lembrança de ter visto sua falecida irmã em frente à sua casa. Então voltou correndo para sua cama e, como não houvesse outra solução, adormeceu, sem se lembrar do que realmente havia acontecido.

– Será que ele vai se lembrar, algum dia, deste terrível acontecimento, irmão Andreas? – perguntou um companheiro espiritual.

– Não temos o direito de mudar o destino de ninguém que está encarnado ou desencarnado, irmão Angelinus. Mas, muitas vezes, podemos amenizar os sofrimentos alheios, segundo o merecimento de cada um.

– Então Ralf não vai se lembrar do que aconteceu?

– Ralf Schneider é um espírito que terá de passar por difíceis provações, nesta encarnação. Talvez, algum dia, em meio às suas dificuldades, este acontecimento venha à sua lembrança como um terrível pesadelo – explicou Andreas ao companheiro.

Andreas abaixou-se, próximo ao ouvido do menino, e sussurrou:

– Fique em paz, minha criança, pois, sempre que você precisar, estarei aqui.

– Percebo que o irmão tem profundo amor por esse menino – disse Angelinus ao seu companheiro.

– Sim, tenho muito – falou Andreas, olhando com carinho para o garoto que se encontrava em sono profundo. – Mas essa é uma história que lhe contarei outra hora. De imediato, devemos ir para o vale dos suicidas. Vamos tentar, junto

com outros irmãos, localizar Margret, antes que ela consiga voltar a atormentar Ralf.

Concordando com os dizeres de seu companheiro, Angelinus, juntamente com Andreas, volitou para o vale dos suicidas.

O sol batia forte, na janela do garoto, quando este acordou. Meio assustado e perdido no tempo, levantou-se e ficou, por algum tempo, sentado em sua cama. Sentia forte sensação de tranquilidade como havia muito tempo não sentia. Dando uma grande espreguiçada, ouviu que batiam à porta e, em meio um bocejo, disse para a pessoa entrar.

Era a senhora Helene que trazia às mãos uma bandeja com um desjejum bem farto. Colocando a bandeja sobre a mesinha, sentou-se ao lado do menino, dando-lhe um forte abraço. Sem entender direito o porquê de tal carinho, Ralf deixou-se envolver pelo amor que tinha àquela mulher.

Sentiu como se estivesse nos braços de sua mãe, fato que nunca acontecera.

Depois de alguns minutos nesta demonstração de amor materno, disse a senhora Helene para o menino:

– Ralf, estou tão feliz com a sua recuperação!

O garoto, ouvindo isso, afastou-se um pouco da mulher e, com uma doçura que somente ele conseguia colocar nas palavras, perguntou:

– Senhora Helene, a senhora acha que os mortos podem voltar para nos visitar?

A mulher, surpresa com a pergunta do menino, respondeu:

– Olha, Ralf, eu não sei responder, ao certo, a essa sua pergunta. Mas acho que seria meio impossível isso acontecer, já que, depois de morto, o nosso corpo entra em decomposição. Você já aprendeu isso nas aulas.

– Sim, mas a nossa antiga vizinha que morava na fazenda me disse, certa vez, que brincava com seu irmão que já havia falecido. Mas ele não era de carne e osso, era um espírito.

– Quer saber? – disse a senhora Helene, em tom de quem teve uma grande ideia. – Vou procurar me informar melhor sobre o assunto, para poder lhe falar. Ouvi dizer que, na França, alguns estudiosos se ocupam em saber sobre as verdades da criação humana e também sobre o espírito. Informar-me-ei melhor e depois lhe passarei as informações.

Naquele instante, entra no quarto o senhor Franz. Trazia uma expressão um tanto séria e preocupada ao rosto. Caminhando até a poltrona que ficava no quarto, sentou-se e ficou olhando para a mulher e o garoto.

Ralf e a senhora Helene, vendo a expressão do homem, nada disseram. Somente ficaram a olhá-lo, ali sentado.

Quebrando aquele silêncio que durou apenas alguns minutos, mas que, na verdade, parecera uma eternidade, perguntou, preocupada, a senhora Helene:

– Querido, aconteceu alguma coisa? Sua expressão é de preocupação.

– Temos assuntos muito sérios a tratar – disse o senhor Franz. – O primeiro diz respeito a você, Ralf. Já o segundo diz respeito a toda nossa família.

O silêncio voltou a tomar conta do ambiente. Levantando-se da poltrona, o senhor Franz foi em direção da janela e ficou parado, olhando o movimento lá fora.

– Vamos nos reunir lá em baixo, na sala – disse o senhor Franz, sem se virar para eles. – Ralf, por favor, vá até a fábrica e chame Joseph. Temos que estar unidos, para tomar sérias decisões.

Ralf levantou-se, rapidamente, e, enquanto seus pais adotivos desciam para a sala principal da casa, ele retirou sua roupa de dormir e pôs outra. Lavou o rosto e saiu correndo em direção da fábrica, para chamar Joseph.

Enquanto isso, o senhor e a senhora Strawttz acomodavam-se nas grandes e confortáveis poltronas da sala de visitas da casa.

– O assunto é sério, não é, Franz? – perguntou a senhora Helene, em tom de quem estava muito preocupada.

– É, sim, Helene. E tenho medo só de imaginar o rumo que as coisas vão tomar na nossa família – respondeu o homem.

– Vamos esperar que os garotos cheguem, para podermos decidir o que vamos fazer.

Mal o senhor Franz acabou de falar, a porta da sala se abriu, adentrando por ela o pequeno Ralf e seu irmão adotivo, Joseph. Estavam quase sem fôlego, sinal a indicar que os garotos haviam corrido até ali.

– Joseph, Ralf, por favor, sentem-se e acomodem-se, pois o que vamos discutir diz respeito ao futuro de cada um de nós – começou a falar o senhor Franz.

Todos os presentes naquela sala, inclusive a senhora Helene, estavam curiosos por saber o que o senhor Franz tinha de tão importante para lhes falar. O clima era tenso, quando o homem voltou a dizer:

– Sabemos que, durante anos, fomos fabricantes de uniformes do exército alemão. Esta fábrica de roupas que era do meu pai e que agora passou a ser de minha propriedade, nos rendeu o sustento e o nosso conforto até os dias de hoje. Gostaria muito que vocês, que considero meus filhos verdadeiros, continuassem esse labor que passa de geração a geração. Porém, algo que me pegou de surpresa, esta manhã, pode mudar os nossos destinos.

Todos, na sala, faziam silêncio. A senhora Helene quase não conseguia respirar e tampouco conter os olhos marejados de lágrimas. Após breve pausa, o senhor Franz continuou o seu discurso:

– Esta manhã, estive na base militar, para conversar com o coronel a respeito de colocarmos Ralf na escola militar, já que é de desejo dele.

Joseph e a senhora Helene, que estavam prestando muita atenção na conversa, viraram-se, simultaneamente, para o garoto, com forte expressão de surpresa, já que não sabiam da conversa que o menino tivera com seu pai adotivo.

– É óbvio que o coronel, sendo velho amigo de nossa família, não recusou em aceitar Ralf como aluno do colégio militar – continuou a falar o senhor Franz. – Porém me disse ele que já estava mesmo precisando ter uma séria reunião comigo a respeito dos serviços que prestamos àquela corporação.

Neste instante, a senhora Helene apertou fortemente o vestido, na região das pernas, imaginando o pior.

Percebendo que a mulher e os dois filhos adotivos estavam tensos com aquela conversa, decidiu ir direto ao assunto.

– O coronel me disse que estamos de parabéns pelos serviços prestados ao nosso país – falou o senhor Franz, abaixando a cabeça como se estivesse buscando forças para continuar. – Mas pediu que nos mudemos para Hamburgo, a fim de atendermos à demanda de uniformes pedida pelo exército alemão.

– Isso não é possível Franz! – disse a senhora Helene, indignada com o pedido. – Não podemos nos mudar desta casa, pois ela e a fábrica pertencem à sua família há gerações. Não podemos, simplesmente, abandonar tudo e ir embora, assim.

– Eu sei disso, Helene – disse o senhor Franz, com os olhos cheios de lágrimas, por lembrar-se, naquele instante, de

seu pai. – Também disse isso ao coronel, mas ele me falou que era pegar ou largar.

– E você o que fez?

– Disse que conversaria, primeiro, com vocês; depois, tomaria uma decisão.

Ralf e Joseph, que estavam sentados próximos um do outro, entreolharam-se, sem nada dizer. Não era do costume dos garotos darem palpites nos negócios, mas, como o assunto era de extrema urgência, Joseph resolveu opinar:

– Papai, se ficássemos aqui teríamos que começar tudo do zero, e o mercado de roupagens não é o melhor investimento, nos dias atuais. Correríamos o risco de perder tudo.

As palavras de Joseph caíram como se dessem a terrível solução para o problema. Todos, na sala, ficaram pensativos, mas ninguém tinha coragem de apresentar a solução para o problema.

– Eu amo todos vocês como se fossem minha verdadeira família – continuou o jovem. – Aliás, vocês são a minha verdadeira família e, aonde forem, estarei sempre junto de vocês, não importa o lugar ou a dificuldade em que nos encontremos.

– Muito obrigado, Joseph. É muito bom ter você como filho, aliás, é muito bom ter todos vocês como minha família – disse o senhor Franz, emocionado com o discurso do jovem. – Mas temos um outro assunto a resolver, e este diz respeito a você, Ralf.

Meio surpreso com as palavras do senhor Franz, Ralf tentou imaginar o que era. Em silêncio, esperou que o homem continuasse com seu diálogo.

– Como disse, fui até a base militar, para conversar com o coronel sobre colocar você na escola militar – começou a falar o homem. – E é óbvio que ele aceitou. Mas tem um porém. Se

formos obrigados a nos mudar para Hamburgo, você terá que ficar aqui e morar no quartel.

Ralf, num misto de tristeza e contentamento, não sabia o que dizer para aquela que agora era sua família. Tinha um desejo muito forte de seguir uma carreira militar, mas também tinha medo de magoar aqueles que tão bem lhe fizeram até àquela data.

– Ralf, quero que pense primeiro em você e não sinta medo de nos magoar – disse a senhora Helene, com lágrimas jorrando de seus olhos.

O menino ficou surpreso com as palavras da mulher. Parecia que ela estava lendo seus pensamentos.

Ralf então se lembrou da sua irmã que estava ainda morando no orfanato. Mesmo que ela o odiasse, se ele fosse mudar dali, talvez nunca mais tivesse notícias daquela que era a única sobrevivente da sua verdadeira família.

Pensou então em quantas vezes na sua vida já tivera que tomar difíceis decisões. Aquele era o momento que decidiria todo o seu futuro. Como nada em nossa vida é por acaso, e tudo tem uma verdadeira razão para acontecer, disse alto e em bom som:

– Esta é para mim uma das escolhas mais difíceis a tomar. Tão difícil quanto o dia em que resolvi vir morar com vocês – e, após uma breve pausa, continuou: – Quero que saibam que sou eternamente grato por terem me acolhido, com tanto carinho, no seio desta que agora é minha família. Eu amo a todos vocês e não quero que fiquem magoados comigo, mas minha escolha é por ficar e estudar no colégio militar.

O senhor Franz, ao ouvir a decisão do menino, levantou-se de sua poltrona e caminhou na direção do garoto. Parando em sua frente, estendeu-lhe a mão direita e disse:

– Grandes homens são reconhecidos por suas grandes decisões. Tenho certeza de que você, meu filho, vai ser um importante oficial do exército alemão, além de um grande homem.

Joseph levantou-se, também, de sua poltrona, e foi abraçar seu irmão adotivo, desejando-lhe boa sorte.

A senhora Helene relutou um pouco em aceitar aquela decisão do menino, mas percebeu também que era realmente o que ele queria. Levantou-se, então, e aproximando-se de Ralf, deu-lhe um forte abraço, dizendo:

– Seja feliz, meu filho, nós estaremos sempre esperando por você.

– Eu serei!

Dizendo isso, Ralf levantou-se e abraçou os três. Numa cena de extrema emoção, disse-lhes, arrancando lágrimas de todos:

– Muito obrigado a você, meu pai, a você, minha mãe, e a você, meu querido irmão. Vou para sempre amar todos vocês!

Uma semana depois, a família Strawttz estava de mudança para Hamburgo. Mas o pequeno Ralf não. Este estava de mudança para aquela que seria sua casa, para o resto de sua vida terrena. A carreira militar.

## Capítulo V

# DIRETAMENTE FALANDO

Até a presente página, falamos um pouco sobre a vida deste simpático garoto chamado Ralf Schneider Brücke.

Na verdade, o conteúdo deste livro era para ser um pouco diferente. Mas resolvemos falar sobre a difícil infância deste homem para mostrar ao amigo leitor que, por detrás de muitas pessoas que julgamos más, provavelmente existe um passado doloroso. Senão nesta vida, com certeza em uma vida anterior.

Quando reencarnamos sobre a terra, nos é passado o véu do esquecimento. E isso nos acontece graças à misericórdia de nosso Pai criador. Porém ficam gravados em nosso subconsciente, traumas, medos e rancores passados. Não nos lembramos, mas todos nós já tivemos muitas outras existências. Algumas foram de bom aproveitamento para nossa evolução moral e espiritual, enquanto que em outras não nos dedicamos senão a fazer o mal.

Às vezes me pego pensando de como o mundo estaria em melhor situação se todos nós, encarnados e desencarnados, nos voltássemos apenas no sentido do bem. Mas, pelo nosso grau evolutivo, temos a necessidade do mal para podermos enxergar o bem.

Ralf Schneider teve uma infância difícil e dolorosa, não porque a vida quis assim, mas porque ele próprio escolheu essas provações para se fortalecer perante as duras provações que teria que passar futuramente.

Este eterno amigo que levarei para sempre na lembrança e que espero um dia reencontrar teve, nessa existência, duras provas e inúmeros resgates a enfrentar.

Detemo-nos a contar apenas alguns dos sofrimentos que esse nosso irmão teve na infância, seguindo conselhos superiores que nos foram dados, pois Ralf sofreu muitas outras coisas, durante sua infância, e sobre as quais não é relevante falarmos, para se preservar a privacidade desse nosso irmão.

Não queremos que os amigos leitores se apiedem desse nosso amigo, mas que façam uma grande reflexão, na hora de ver quem realmente é bom ou mau neste mundo.

Há muitas flores maravilhosas e lindas, cheias de cor e vida, mas que revelam um odor podre. Mas há também as que são sem brilho e, aparentemente sem vida, mas que elaboram e espargem, pelo ar, aromas que são capazes de elevar os nossos pensamentos até Deus.

Ralf, nessa existência, ficou no meio termo. Conseguiu, com sua simplicidade, resgatar e corrigir muitos erros. Mas, como o já dito véu do esquecimento fez sua parte, ele deixou, por vezes, que o velho homem falasse mais alto.

Gostaria que, antes de continuarmos nossa história, o amigo leitor parasse um pouco para refletir sobre as maiores atrocidades que o homem já cometeu sobre a Terra. O ser, em busca de poder, esquece-se de que, no seu próximo, também habita Deus, e passa por cima de todos os seus semelhantes como se fosse um trator descontrolado.

Não quero com isso condenar qualquer ato cometido pelo homem, já que sabemos que nada acontece pelo mero fato de acontecer. Porém, quero alertar a todos os irmãos que tocarem os olhos nas páginas deste livro que, de todas as atrocidades que o homem já cometeu, o holocausto é uma das mais terríveis.

Não é também nossa intenção condenar os protagonistas do nazismo, pois cabe ao destino de cada um fazê-lo. Como diz o velho dito popular: “QUEM PLANTA VENTANIA COLHE TEMPESTADE”.

Há muitos personagens que participaram do holocausto, reencarnando na terra, para resgatarem seus erros e tentarem acompanhar a evolução do planeta. Como também há muitos judeus que, durante o holocausto, resgataram erros de vidas anteriores e que se encontram, hoje, em situação melhor. Foram incontáveis as criaturas que sofreram, em um campo de concentração, as mesmas torturas impostas por eles próprios, nos grandes circos romanos, quando torturaram e mataram os cristãos, logo após a volta de Jesus para as esferas superiores.

Não julguemos, meus irmãos, nem os bons, nem os maus. Se, por um lado, algumas criaturas se comprometem com seus próprios erros, por outro, muitos conseguem se corrigir do passado culposos que tiveram. A vida é importante para cada um de nós. Sejam nós os torturados, ou sejam nós os torturadores. Quem está encarnado nesta grande escola chamada Terra está aqui para aprender com seus acertos e, também, com seus erros.

Todos nós somos importantes para Deus. Todos nós fazemos parte dos planos de Deus.

Recordo-me, agora, de grandiosa lição dita pelo nosso Mestre Jesus e que vos deixo, para que possamos continuar a nossa história:

*“Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai.*

*E quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados.”*  
( Mateus cap. 10 v. 29-30)

QUE JESUS NOS ABENÇOE

**SEGUNDA**

**PARTE**

## Capítulo VI

### A CAÇADA

O ano era 1941. O mundo estava em conflito. Homens matando homens por uma única causa, o poder.

Nicole, juntamente com sua mãe, andava sem rumo pelas ruas de uma pequena cidade ao norte a Alemanha. Naquela manhã, poucos eram os que estavam nas ruas. As marcas dos conflitos não eram tão visíveis ainda. Por isso, a garota caminhava um tanto despreocupada, pelas ruas, de mãos dadas com sua mãe.

Um fato interessante que chamava a atenção da menina era que todos os que usavam a faixa com a estrela de Davi, no braço, não atravessavam a calçada para o outro lado.

Às vezes, Nicole via alguns soldados que passavam em grupos de quatro, observando desconfiados se os judeus não tentavam misturar-se aos outros cidadãos. Por diversas vezes, ela viu pessoas sendo espancadas e levadas à força.

– Mamãe – disse a menina, parando e segurando a mãe pela mão –, estou com fome. Quando é que vamos nos encontrar com o papai?

– Ele me disse, antes de sair, que nos encontraria na saída da cidade – disse a mulher, em voz baixa, olhando para os lados, para ver se ninguém as escutava.

– Por que deixamos nossa casa, de madrugada, e por que temos que usar esta faixa no braço? – perguntou Nicole, com infantil inocência.

– Filha, por favor, não dificulte as coisas. Continue andando que, em breve, encontraremos o papai.

Nicole era uma criança linda. Tinha oito anos de idade e tocava piano como se tivesse estudado longos anos com grandes mestres da música. Graças a seu pai que, embora sendo um músico muito dedicado, não conseguia ganhar a vida com sua arte, Nicole aprendera, desde pequena, a tirar os primeiros acordes no velho piano da família.

– Ei, você! Judia!

Katrina, mãe de Nicole, parou gelada, no lugar, ao ouvir a voz do soldado alemão que lhe dava a ordem de parar.

– Por acaso vocês têm permissão de andar por este lado da cidade? – perguntou o soldado, aproximando-se das duas.

– Sim, senhor – respondeu Katrina, tirando um papel que estava dobrado em seu bolso.

– Onde vocês conseguiram este salvo-conduto? – perguntou o soldado, olhando desconfiado para a mulher.

– Conseguimos esta autorização na base militar. Só a pedimos para poder visitar um parente nosso que foi atingido, durante o conflito, e se encontra muito mal.

Katrina estava mentindo. Seu marido havia conseguido aquela autorização com um amigo que trabalhava na base. Quando soube que a cidade estava em eminência de receber um ataque, ele lhes entregou o papel e saiu escondido, já que o salvo-conduto era apenas para sua mulher e filha. Por isso, combinaram de se encontrar na saída sul da cidade.

Nicole sabia que sua mãe estava mentindo e baixou a cabeça, para não demonstrar ao soldado. Eram dias muito difíceis, e a menina sabia que deveria colaborar com a versão que a mãe contava para o soldado.

– Tudo bem! – disse o soldado, verificando o documento.

– Podem seguir, mas se lembrem de que este documento é válido somente para esta semana.

– Muito obrigado, senhor – falou Katrina, olhando para o chão, em sinal de respeito e medo. – Prometo que não vamos nos demorar por estes lados.

A mulher e a menina viraram as costas para o soldado e saíram andando de cabeça baixa. Nicole, ao arrumar a faixa com a estrela de Davi no braço, percebeu que o soldado cochichava alguma coisa com mais dois soldados. Não sabia o porquê, mas começou a sentir muito medo. Não quis dizer nada à sua mãe, para não preocupá-la, mas sentia que algo de muito ruim estava para acontecer.

As duas foram andando até o local combinado; no meio do caminho, presenciaram algumas atrocidades dos soldados para com os judeus. Alguns apanhavam e eram levados; outros levavam fortes coronhadas na cabeça e ficavam por ali desmaiados. Tudo isso porque alguns não tinham permissão de estar daquele lado da cidade.

Ao virarem uma esquina, as duas avistaram, de longe, um homem sentado à beira de uma ponte. Era o pai de Nicole que se encontrava já aflito pela demora daquelas que eram a razão de sua vida, como ele mesmo gostava de falar.

– Papai! – gritou a menina, largando a mão da mãe e correndo em direção ao pai.

Katrina fez o mesmo e, quando chegaram onde o homem estava, as duas praticamente voaram nele, dando-lhe um forte abraço.

– Já estava preocupado com vocês – disse ele, abrindo um sorriso.

– Tivemos um imprevisto – falou Katrina, afastando-se um pouco de seu marido. – Um soldado nos parou e, por sorte, estávamos carregando aquele documento que você conseguiu.

– Nós vimos algumas pessoas serem presas, papai – disse Nicole, ainda agarrada ao pai.

– Não se preocupe com isso, filha, pois, logo, todo esse conflito vai acabar. Vocês têm certeza de que não foram seguidas até aqui? – perguntou ele, desconfiado.

– Acho que não, meu amor – respondeu Katrina. – Dissemos ao soldado que iríamos visitar um parente ferido no último conflito.

Mal a mulher terminara de falar, os três soldados que estavam seguindo-as viraram a esquina.

– Vocês aí, judeus, fiquem parados onde estão! – Gritou um deles, apontando a arma para eles.

O pai de Nicole entrou em desespero, pois não tinha autorização para estar ali. Por certo, seria preso e comprometeria a vida de sua mulher e filha também.

– Quando eu disser “já”, pularemos no rio – disse ele, baixinho, já pegando Nicole ao colo.

– Nós vamos morrer! – exclamou Katrina, começando a chorar.

– Não vamos, não, o rio é fundo. Nadaremos até a outra margem e nos enfiaremos em meio à plantação. Eles não vão pegar a minha família! – e disse decidido: – “Já”!

Katrina pulou seguida por seu marido que segurava, firmemente, a filha ao colo. Porém, no instante do salto, o soldado que estava com a arma apontada para eles puxou o gatilho. Um estampido seco se fez ouvir, e o pai de Nicole sentiu que o projétil o atingira às costas.

Mesmo gravemente ferido, o homem teve forças para nadar com sua mulher até a outra margem. Nicole, que não sabia nadar, vinha agarrada nele. Em meio a muitos tiros, os três conseguiram entrar na plantação, como planejaram.

– Rápido! Chamem reforços, quero a pele desses judeus imundos! – gritou o soldado, sacando a arma e correndo em direção à outra margem do rio.

Após se embrenharem na plantação, os três correram cerca de quinhentos metros, apenas, e tiveram que parar, pois o ferimento nas costas do pai de Nicole sangrava muito, e ele não conseguia prosseguir.

– Katrina, vocês têm que prosseguir – disse ele, sentando-se e encostando-se em uma árvore. – Deixem-me aqui e corram o máximo que puderem. Não olhem para trás e nem parem, até chegarem à cidade vizinha. Tentarei me esconder e, por sorte, talvez não consigam me achar.

– Nós não vamos deixar você – respondeu a mulher.

– Katrina, vá agora, é a única chance que vocês têm. Por favor, salve Nicole, não deixe que a peguem.

Dando um beijo apressado no marido, Katrina pegou a mão de Nicole e saiu correndo.

– Eu amo você, papai! – gritou a menina, já acompanhando sua mãe.

Doía, no fundo da alma, deixar o marido para trás, mas Katrina sabia que, se ficassem ali, os três seriam mortos.

Corriam o máximo que podiam, quando, de súbito, o vento parou de soprar. Parecia mágica. Uma calma melancólica instalou-se no ar, era como se o tempo tivesse parado. As duas pararam de correr, sem nem mesmo saberem a razão, e entreolharam-se, como se buscassem a resposta para aquele fenômeno.

Mas, infelizmente, o tempo não havia parado. Escutaram, ao longe, a voz de um homem gritando: “EU AMO VOCÊS!”. Seguidos do grito, ouviram-se três estampidos secos que vinham de uma arma de fogo.

– Corre, minha filha! Continue correndo! – exclamou Katrina, com o rosto banhado em lágrimas.

Mãe e filha já não aguentavam mais correr, quando a chuva começou a cair forte. Os pingos doíam, ao bater-lhes no corpo, pois pareciam pedras caídas, a toda velocidade, do céu.

Elas estavam nas proximidades de uma fazenda abandonada, havia anos. Sem ter alternativa para se abrigarem da forte chuva, resolveram entrar em uma casa abandonada.

Katrina e a filha não faziam nem ideia de onde estavam. Tinham corrido tanto que perderam a noção do tempo e do lugar para onde haviam ido. Pensavam estar correndo em direção à cidade vizinha, mas já não tinham certeza disso.

Entraram na casa, um tanto desconfiadas, já que não sabiam se ali morava ou não alguém. Pé ante pé, Katrina e Nicole foram andando pelos cômodos. Estava meio escuro, pois a chuva que batia muito forte no telhado viera acompanhada de grossas nuvens negras.

Parecia estranho aquela casa estar abandonada, no meio do nada. Tudo parecia no seu devido lugar. As camas, embora estivessem sem colchões, estavam intactas. Na cozinha, a mesa com quatro cadeiras. O fogão de lenha estava limpo e sem carvão. Somente grossa camada de poeira indicava que o lugar não via uma limpeza, havia anos.

Ao entrar em um dos quartos, onde havia uma cama de casal, Katrina percebeu que havia uma placa de madeira com algo escrito, em cima da cama.

– O que está escrito aí? – perguntou Nicole que, embora soubesse ler partituras difíceis, tinha muita dificuldade em ler e escrever palavras.

Os poucos colégios que aceitavam judeus, naquela época, não tinham apoio do governo, tornando, assim, muito difícil o

aprendizado escolar. Poucas pessoas sabem, mas a perseguição aos judeus começou bem antes da segunda guerra mundial.

– Aqui diz: Fazenda Steinwucht – disse a mulher, segurando a placa na mão. – Provavelmente deve ser o nome desta pequena fazenda.

– É estranho não morar ninguém aqui. Parece tudo tão bem arrumadinho – observou Nicole.

– Os alemães devem ter evacuado esta área, por causa dos ataques – falou Katrina, colocando a placa de madeira no mesmo lugar. – Vamos passar o resto do dia aqui. Dormiremos um pouco e, de madrugada, seguiremos para a cidade vizinha.

Mal sabiam as duas que iriam passar a noite na casa onde um importante oficial alemão passara boa parte de sua infância.

Havia muito tempo que Ralf Schneider e suas irmãs haviam deixado aquela casa, mas a essência que aquela família deixara, ainda pairava pelas paredes daquele lugar. A velha vizinha dos Schneider, embora não tivesse mais notícia do paradeiro das crianças, sempre arrumava a casa onde eles haviam morado, na esperança de que, um dia, voltassem a viver ali.

Se Nicole e sua mãe tivessem entrado na outra casa, que ficava um pouco afastada daquela, teriam encontrado os ossos daquela velha senhora que morrera deitada em seu leito.

Embora os soldados alemães tivessem evacuado aquela área, nenhum deles invadiu nenhuma das duas casas, preservando, assim, tudo do jeitinho que a velha senhora deixara, antes de sua morte.

– Mamãe, eu estou com fome – disse Nicole.

– Mas aonde vou arrumar comida? – falou Katrina, olhando com piedade para a filha.

Um sussurro quase imperceptível fez-se ouvir por Katrina: “Olhe no fundo da casa”.

– O que você disse, Nicole? – perguntou ela, arrepiada da cabeça até os pés.

– Nada, mamãe, só disse que estou com fome.

Ela já ia abrir a porta da velha dispensa, quando, novamente, ouviu aquela estranha voz: “Olhe no fundo da casa”.

Assustada com o aquilo, ela correu em direção à janela que dava para o fundo da casa. Nicole, sem saber por que a mãe estava correndo, saiu em disparada atrás dela.

Grande foi a surpresa de Katrina, ao abrir a janela e dar de frente com um pessegueiro carregado de frutos.

– Venha, Nicole, vamos lá pegar alguns, para matarmos nossa fome – disse a mulher, sorrindo para a filha que também se alegrara, ao ver a árvore carregada de frutos.

Em pouco tempo, estavam as duas sentadas na mesa que, um dia, pertencera à família Schneider, saboreando deliciosos e suculentos pêssegos.

A tarde passou rápido, e a noite, com seu negro manto, cobriu as terras da pequena fazenda Steinwucht.

Nicole, durante toda a tarde, ensaiou um modo de comentar alguma coisa de seu pai, com Katrina, mas não conseguia achar palavras, para iniciar aquela conversa. Na inocente cabeça daquela criança, passavam imagens dos últimos momentos que passou junto ao pai.

A mãe da menina, quase que adivinhando o pensamento da filha e com a mente agoniada pela lembrança do marido, resolveu adentrar no assunto que adiara a tarde inteira.

Na escuridão da noite, deitadas as duas, uma ao lado da outra, no chão do quarto que um dia pertenceu ao Ralf, Katrina pergunta para a filha:

– Posso saber em quem você está pensando?

A menina, já deixando que uma lágrima percorresse seu rosto angelical, respondeu:

– Não consigo parar de pensar no papai. Será que ele conseguiu se esconder dos soldados?

– Não sei, minha filha – disse a mulher, tentando passar forças para a filha, em terno abraço. – Isso somente o tempo poderá nos dizer. Só o tempo.

Katrina se lembrou do momento em que corriam, e o tempo pareceu ter parado. Lembrou-se também da voz do marido gritando que as amava. Ela sabia que aquilo era uma tática para despistar os soldados. Gritando que as amava, os soldados pensariam que as duas estavam escondidas em algum lugar por perto, e ficariam ali procurando, dando tempo para as duas fugirem.

Mas, na sequência das lembranças de Katrina, veio o som dos três tiros. Não tinha a menor dúvida de que seu marido fora executado, mas não podia dizer isso para a filha, era melhor ela pensar que ele poderia estar vivo. Isso daria mais forças à Nicole, para tentarem fugir.

– Mamãe, eu acho que não vou conseguir dormir esta noite – disse Nicole, despertando Katrina de seus pensamentos.

A mulher, abraçando a filha mais fortemente, deu-lhe um beijo na frente e perguntou:

– Será que eu poderia cantar uma música para você dormir?

– Claro que sim, mamãe, eu adoro ouvir a senhora cantar – respondeu a menina, já se ajeitando nos braços da mãe.

Katrina cantou para a filha uma antiga canção de ninar que sua mãe também cantava para ela. A letra falava de lindos sonhos, em uma terra encantada, onde as pessoas podiam caminhar sobre as nuvens e voar como os pássaros pela imensidão do céu.

Enquanto ela cantava, teve a impressão de voltar no tempo, lembrando-se de sua mãezinha cantando para ela. No embalo da linda canção, as duas adormeceram.

– Acha mesmo que está próximo o encontro de Ralf com Nicole, irmão Andréas?

O espírito guardião levantou-se calado, pois estava agachado, acariciando os lindos cabelos dourados de Nicole.

– Tenho certeza de que não tardará a acontecer – respondeu Andréas. – Posso sentir a justiça divina falando mais alto do que as atrocidades que o homem vem fazendo por sobre o planeta.

– É, ainda, para mim, surpreendente pensar em como Deus age com tanta sapiência – disse Angelinus que, havia alguns anos, era o espírito que acompanhava Andréas na missão de ajudar Ralf.

– Ralf Schneider tem um débito muito grande com nossa irmãzinha aqui encarnada – explicou Andréas, apontando para Nicole. – Chegou a hora de corrigir um de seus grandes erros.

– Teria eu permissão de saber qual foi esse erro? – timidamente, arriscou perguntar Angelinus.

– Tudo à sua hora, meu caro irmão – respondeu Andréas. – Tudo à sua hora.

A noite transcorria calma. Se não fosse pelos pequenos insetos cantando ruidosa canção, não haveria som algum a ouvir.

Katrina, por estar dormindo mal acomodada, tinha o sono leve e acordou com um barulho que vinha ao longe. Levantando-se com jeito, para não acordar Nicole que dormia tranquila, olhou pela fresta da janela.

Ela teve um arrepio que lhe percorreu dos pés à cabeça. Viu que, ao longe, a luz de um veículo se aproximava rapidamente. Ela se abaixou, percebeu que a filha dormia tranquila e

achou melhor não chamá-la. Ficou espiando pela janela quem era que estava se aproximando.

O coração de Katrina começou a bater descompassado ao ver que os soldados alemães pararam o veículo em frente à casa que pertencera à velha vizinha dos Schneider.

De armas em punho, desceram. Ao todo eram quatro. Dois deles entraram na casa; um ficou ao lado do veículo e, outro veio em direção à casa onde Katrina e Nicole estavam.

A mulher abaixou-se junto à filha que estava em sono profundo e, sem saber o que fazer, começou a chorar baixinho.

– Rápido, soldado! Verifique aquela outra casa! O capitão disse que quer encontrar aquela mulher, de qualquer maneira. Viva ou morta, eu quero levar aquela judia maldita de volta.

Katrina, ao ouvir a voz do soldado, desesperou-se. O que faria ela, quando o soldado as encontrasse? Teve certeza de que não sairiam vivas daquela situação e, pensando nessa possibilidade, resolveu que não acordaria Nicole. Se fossem morrer, seria melhor que ela estivesse dormindo.

Os passos do soldado que entrava na casa começaram a se fazer ouvir, e Katrina agarrou-se mais ainda à pequena Nicole. A porta do quarto começou a se abrir, fazendo arrepiante barulho nas dobradiças enferrujadas. O soldado já estava prestes a ver as duas deitadas, em um canto no chão frio do quarto.

– Aqui, rápido! – ouviu-se a voz de um dos soldados que estava na outra casa, seguida por dois tiros.

O homem que estava preste a avistar as duas, virou-se rapidamente e, de arma em punho, saiu correndo em direção à outra casa.

Katrina chorava muito, e seus soluços acordaram Nicole. Antes que a menina dissesse alguma coisa, Katrina tampou sua boca e fez sinal para que ficasse em silêncio.

Levantando-se, bem devagar, foi até a janela e viu que um dos soldados saiu da casa esbravejando e sentou-se no veículo. Logo depois, saíram os outros dois, e um deles parecia não se conformar com algo que havia acontecido lá dentro.

– E então, quer entrar na outra casa ou tem medo de encontrar mais alguns esqueletos? – perguntou o primeiro soldado que tinha deixado a casa.

– Vamos embora daqui – respondeu o soldado que parecia não se conformar com a situação. – Tenho certeza de que aquela mulher não está por aqui. Alguma coisa nestas malditas casas me deixa de cabelo em pé.

Katrina não entendia o que estava acontecendo. Dificilmente um soldado alemão saía de uma busca com as mãos abanando, ainda mais um que chegou tão perto de seu objetivo.

Ao entrarem na casa que pertenceu à vizinha dos Schneider, um dos soldados diz ter avistado uma mulher que passou correndo de um cômodo a outro. Foi quando ele gritou por reforços. Ele saiu correndo e, ao entrar no quarto, viu os restos mortais da velha senhora. Num impulso, achando que poderia ser a mulher que eles procuravam, deu dois tiros.

O soldado não se conformava. Tinha certeza absoluta de ter visto uma mulher passar correndo. Os seus companheiros não conseguiram conter o riso e disseram que ele estava com tanto medo que já estava até vendo coisas.

Num clima que ficou dividido entre descontração e receio, os soldados decidiram procurar um pouco mais adiante.

– Como você conseguiu fazer isso? – perguntou Angelinus que aprendia muito, a cada momento, ao lado de Andréas.

– Com o tempo, você verá que não tem segredo, basta aprender a manipular os fluidos existentes à nossa volta – res-

pondeu Andréas. – Mas, lembre-se, só devemos propiciar tais fenômenos quando necessário.

– Neste caso, foi necessário?

– Se não tivesse chamado a atenção dos soldados para cá, com certeza, a esta altura, mãe e filha estariam mortas.

– E com relação aos restos mortais que estão na cama? – perguntou Angelinus. – O que aconteceu ao espírito que o habitava?

– Foi socorrido, já faz algum tempo. Pequeno espírito – porém muito sábio e que fora irmão desta senhora – já veio para ajudá-la a regressar para a pátria espiritual.

Katrina abraçou a filha e começou a chorar muito, pois não conseguia pronunciar uma palavra sequer. A menina, sem saber da aflição que a mãe passara, há poucos instantes, também chorava, pois, no fundo, sabia que elas estiveram próximas de se encontrar com a morte.

Faltavam ainda algumas horas para que o sol começasse a iluminar, com seus primeiros raios, aquele chão. Mãe e filha não sabiam o que fazer. Se ficassem ali, com certeza, viriam outros soldados, e as achariam; se saíssem, para se aventurar na madrugada, teriam talvez a infelicidade de encontrar os soldados que acabaram de sair dali.

Com muito medo, Katrina, sem ter outra solução, disse para a filha:

– Nicole, nós temos que sair daqui. Será muito arriscado ficarmos até o amanhecer.

– Tudo bem, mamãe – respondeu a menina. – Eu já descansei o bastante.

Katrina foi abrindo a porta da frente, devagar; Nicole vinha agarrada a ela. Olhando para os lados, viu que não havia ninguém por perto. Segurou fortemente a mão da menina, e saíram as duas correndo.

Começava a cair uma garoa fria, mas que Katrina sabia que ajudaria a apagar as pegadas. Correram até chegar às margens de um pequeno riacho. A mulher tinha certeza de que, se seguissem rio abaixo, chegariam a um pequeno vilarejo.

Começaram a caminhar, pois não tinham mais condições de correr. Estavam exaustas e enlameadas. A garoa aumentou, e o dia começou a nascer. O sol permanecia escondido por detrás de grossas nuvens negras, mas o claro apático, típico das manhãs chuvosas, já ajudava as duas a caminhar com mais facilidade.

– Estamos chegando, filha – disse Katrina. – Logo estaremos seguras.

Nicole, parando e segurando a mão de sua mãe, fez-lhe surpreendente comentário, dizendo:

– Chegar onde mamãe? Se não temos nem para onde ir. Gostaria de ter morrido com o papai.

Katrina abaixou-se, abraçou a filha e, percebendo que a menina começava a se entregar para o cansaço, disse:

– Não diga isso, minha menina. Seu pai não está morto, nós vamos encontrá-lo, você vai ver. Quanto ao local para onde iremos, não se preocupe. Somos judeus, somos o povo mais unido do mundo. Vamos encontrar alguém que nos ajude.

Com um forte abraço, as duas deixaram que copiosas lágrimas caíssem. No fundo, Katrina sabia que era quase impossível seu marido estar vivo, mas não podia desanimar Nicole.

Envolvidas naquele abraço, a mulher não percebeu quando alguém se aproximou. Somente se deu conta disso, quando escutou o barulho de uma arma sendo engatilhada.

– Que cena mais linda!... É uma pena que vai acabar tão rápido!

Katrina virou-se devagar e viu um soldado apontando a

arma em sua direção. Ele estava a poucos metros, portanto correr estava fora de cogitação. A solução foi abraçar a filha e chorar.

O soldado, ainda apontando a arma em direção da mãe e da filha, disse a outro que chegava, com um fuzil pendurado ao ombro:

– Você! Tire a roupa das duas. Antes de acabar com elas, quero compensar a noite que perdi andando no mato para achá-las!

– Por favor, senhor, faça o que quiser comigo, mas poupe a minha filha! Ela só tem oito anos! – suplicou Katrina, aos prantos.

O outro soldado, obedecendo à ordem de seu superior, começou a rasgar as roupas de Katrina, com muita violência. Nicole, em um ato de desespero, mordeu o braço do soldado que, em reação, deu-lhe violento tapa no rosto, arremessando-a ao chão.

Katrina ainda tentou defender a filha que cuspiu sangue, devido ao golpe, mas não adiantou. Na sequência, chegaram mais dois soldados e a seguraram pelo braço.

– Sua judia imunda! – bradou o soldado, segurando o braço que Nicole havia mordido. – Vou estuprar sua filha, na sua frente, antes de matar as duas.

Dizendo isso, o soldado tirou o fuzil que estava pendurado em seu ombro, caminhou até Nicole que estava ainda deitada, atordoada pelo golpe e sangrando, e levantou-a pelos cabelos. A menina, erguendo a cabeça, recebeu um jato de cuspe no rosto.

Os outros olhavam a cena e davam gargalhadas que mais se assemelhavam a grunhidos de animais. O soldado já ia se preparar para rasgar a roupa da menina, quando alguém que vinha se aproximando disse:

– Soldado, solte-a!

– Mas, capitão, essa maldita mordeu meu braço – disse o soldado, explicando-se.

– Mandei soltar as duas agora! – disse o homem, colocando tom de ordem à voz. – Ou preferem ser fuzilados por, desobedecerem a uma ordem superior?

O soldado, sem ter a chance de se defender mais, largou a menina. Os outros dois que seguravam Katrina também a soltaram. Elas correram uma ao encontro da outra e se abraçaram, chorando muito.

– Senhor, essas duas são as judias que fugiram ontem – explicou-se outro soldado. – Estavam perambulando, irregularmente, pelas ruas. Pelas leis do país, estavam erradas, e devemos fazer que se cumpra a lei.

– Eu sou a lei aqui, soldado! – disse o homem, com o dedo em riste. – E decido o que vamos ou não vamos fazer. Essas duas não me aparentam risco algum, portanto não há necessidade de uma execução.

O homem caminhou para mais perto das duas, que ainda estavam abraçadas e chorando muito, e perguntou:

– Qual é o seu nome, senhora?

Entre soluços a mulher respondeu:

– Katrina, senhor, e esta é minha filha, Nicole. Por favor, não nos mate.

– Por mim, meteria uma bala na cabeça de cada uma dessas malditas judias! – esbravejou o soldado de quem Nicole mordera o braço.

– Eu decido as coisas por aqui soldado. – disse o capitão, que aparentava ter nos olhos um pouco de compaixão pelo próximo. – Vá até o acampamento e faça um curativo neste braço.

Katrina não se conformava. Nunca ela poderia imaginar que estava caminhando diretamente para um acampamento alemão. Ela se imaginava o rato que correu na direção do gato.

– O que vamos fazer com elas? – perguntou um dos soldados, aguardando a decisão do capitão.

– O trem parte daqui a uma hora – respondeu o homem.  
– Embarque as duas para o depósito em Hamburgo. Ralf Schneider Brücke que se vire com elas.

Sem saber o que significava “o depósito”, Katrina disse ao capitão:

– Senhor, não sei para onde está nos mandando. Mas agradeço por ter poupado nossas vidas.

Com um sorriso sarcástico nos lábios, o homem lhe respondeu:

– Deixe para me agradecer depois.

– Perdoe-me pela falta de respeito, senhor, mas qual é o seu nome? – perguntou a pequena Nicole.

Já se virando de costas para ir embora, o homem respondeu:

– Otto. Capitão Otto. Mandem lembranças ao senhor Ralf Schneider, caso o encontrem.

## Capítulo VII

# DIA INTERMINÁVEL

Aquela viagem parecia não acabar nunca. A locomotiva puxava, aproximadamente, dez vagões e, em cada um deles, havia de oitenta a cem pessoas. Amontoavam-se como podiam, não havia lugar para que as pessoas fizessem suas necessidades. Somente um balde que já estava transbordando fezes. O vagão onde Katrina e Nicole estavam servia para transportar animais; o cheiro das fezes humanas misturava-se ao cheiro fétido dos animais que haviam sido transportados ali. Algumas pessoas que estavam no mesmo vagão começaram a passar mal.

Já fazia quase três horas que estavam naquela situação. Não havia água nem comida. A porta do vagão era trancada com um enorme cadeado, o que impedia que qualquer um tentasse fugir. Soldados armados andavam de um lado para o outro, por cima dos vagões. Vez ou outra se escutava um tiro.

– Mamãe, será que vamos demorar para chegar? Eu estou com fome – falou Nicole, quebrando o silêncio mórbido que se instalara entre os passageiros.

– Não sei, minha filha – respondeu a mulher. – Evite ficar conversando, para não atrair a atenção dos soldados, está bem?

Katrina virou-se para o lado e viu que um senhor que estava acompanhado por uma jovem não resistiu e desmaiou. Deitado no assoalho do vagão, era amparado pela jovem, mas as outras

peessoas nem fizeram questão de ajudar. Com certeza, o medo e a incerteza que todos tinham dentro de si anestesiaram o sentimento de todos, mas não os sentimentos de Katrina.

Puxando Nicole pela mão, foi desviando das outras pessoas até chegar onde aquele senhor estava deitado.

– Oi, meu nome é Katrina, posso ajudá-la? – perguntou ela.

– O meu pai não está bem, estamos viajando neste terrível trem acerca de oito horas – respondeu a jovem aos prantos.

– Estamos sem comer e sem beber, desde que fomos presos.

– Deixe-me ver como ele está – falou Katrina. – Não se preocupe, eu sou enfermeira. Cuidava de um casal de idosos antes de...

Katrina não teve coragem de comentar sobre o conflito mundial, perto de sua filha. Abaixou-se para olhar nos olhos de Nicole e disse:

– Nicole, quero que você me espere, encostada ali, próximo à porta do vagão. Só vou ajudar essa jovem a cuidar do pai dela e logo estarei lá com você.

Como o local onde a mãe indicara ficava bem perto, a menina afastou-se alguns passos e encostou-se próximo à porta que permanecia fechada com um enorme cadeado.

Katrina abaixou-se, junto à jovem que sustentava a cabeça de seu pai ao colo. Encostando o dedo no pescoço do senhor, percebeu que seu batimento cardíaco estava muito fraco.

– Quantos anos seu pai tem? – perguntou Katrina, olhando para a jovem.

– Sessenta e dois, senhora – respondeu a jovem, enxugando os olhos molhados de lágrima.

– Sinto muito, minha filha, mas seu pai não vai resistir por muito tempo. Na condição subumana que nos encontramos e, sem se alimentar, ele não vai resistir.

Mal Katrina acabou de falar, o senhor arregalou os olhos para a filha, suspirou profundamente e empalideceu.

Katrina, vendo que o senhor havia morrido, tentou afastar a jovem de perto dele, mas esta começou a gritar e apertar o corpo do pai contra o peito.

– Os soldados estão voltando! – gritou um dos judeus que estava no vagão.

Nicole, que estava próximo à porta, correu em meio o tumulto e, segurando a mão de sua mãe, puxou-a para longe da jovem que gritava a plenos pulmões: “nazistas assassinos!”.

Todos no vagão começaram a se apertar para ficarem longe da jovem, o que era muito difícil, já que estavam todos amontoados no pequeno espaço. Sabiam que boa coisa não resultaria aquela cena, mas a jovem, no seu desespero, não pensava nas consequências de seu ato.

Dois soldados que estavam caminhando por cima dos vagões aproximaram-se e viram o tumulto. Um deu a ordem, e o outro a executou.

Um tiro atingiu o velho já sem vida, outro atingiu o braço de um homem que estava perto da jovem. O terceiro tiro atingiu bem no meio da testa da jovem. Ela caiu de joelhos, com os olhos arregalados para Katrina, e tombou, por fim, já sem vida, deixando escorrer de seu ferimento uma cascata de sangue.

Todos no vagão fizeram silêncio, somente o barulho da locomotiva e das rodas dos vagões se faziam ouvir. Os soldados continuavam a apontar suas armas para os prisioneiros, porém não houve mais necessidade de nenhum disparo.

O homem, atingido no braço, estava encostado na lateral do vagão, apesar de seu braço doer muito, ele não esboçava gemido algum. Em volta do corpo da jovem e do seu pai, formou-se um círculo que ninguém tinha coragem de transpor.

– Aquele que voltar a causar tumulto, de qualquer natureza que seja, vai morrer, entenderam? – gritou o soldado que parecia ser o superior do outro que atirou.

Após alguns instantes observando as pessoas que estavam estáticas dentro do vagão, os dois homens se retiraram em patrulha aos outros vagões, deixando para trás olhos amedrontados e mentes que nem sequer conseguiam raciocinar sobre o que estava acontecendo.

– O que vamos fazer com os corpos? – perguntou uma mulher, após alguns minutos. – Não temos como jogá-los para fora.

– Vamos encostá-los em um canto – sugeriu Katrina. – Precisamos, de imediato, cuidar do ferimento no braço de nosso companheiro.

Enquanto outros homens carregavam os corpos para um canto do vagão, Katrina pedia para que o homem ferido tirasse a camisa. O ferimento era grave, ela percebeu que o projétil havia atravessado o braço e atingido uma artéria. O homem sangrava muito e, naquelas condições, morreria esgotado em pouco tempo.

Da própria camisa que o homem tirou, ela rasgou um pedaço e amarrou apertado, acima do ferimento; o outro pedaço, ela colocou com cuidado em cima do ferimento do homem e pediu para que ele próprio, com a outra mão, ficasse pressionando forte.

Achou melhor não lhe dizer que corria risco de vida. Todo mundo já estava muito assustado, e não cabia a ela pôr medo em mais ninguém.

– Muito obrigado, senhora! – disse o homem, olhando para Katrina.

Ela lhe abriu um leve sorriso e voltou para perto de Nicole que estava muito assustada.

– Não se preocupe, minha filha, pois tenho certeza de que isto vai acabar logo – disse ela, abraçando-se à menina.

– Eu estou com medo, mamãe!

– Não fique com medo, pois sempre estarei aqui para protegê-la.

Katrina sentou-se no assoalho do vagão e pediu para Nicole deitar-se em seu colo. A fome e a sede começavam a ficar insuportáveis, e aquela viagem parecia que não ia acabar nunca.

A mulher, ao perceber que sua filha havia dormido, virou-se para um senhor que estava sentado ao seu lado e que também trazia a faixa com a estrela de Davi estampada e perguntou-lhe:

– O senhor sabe para onde estamos indo?

– Estamos a caminho de vários lugares onde os alemães estocam judeus como se fossem animais – respondeu-lhe o homem.

– Como o senhor sabe? – perguntou Katrina, sentindo o sangue gelar nas veias.

– Ouvi dizer, certa vez, que os alemães tinham um trem da morte. Não imaginei que eu pudesse estar nele e vejo agora que estamos. Este trem tem várias paradas, mas a última delas é um lugar que se chama Auschwitz.

– E que lugar é esse?

– É um lugar onde se entra, mas o único jeito de sair é pela chaminé – respondeu o senhor.

– Como assim? Há um túnel na chaminé?

– Não, minha filha, saímos em forma de fumaça, depois que nossos corpos são cremados.

Katrina ficou petrificada com as palavras daquele homem, pois não sabia o que dizer nem a ele, nem à sua filha, quando esta acordasse. Não poderia acabar desse jeito. Fazia anos que

ela e sua família tentavam driblar os nazistas, e não poderia terminar assim.

Começou, então, a lembrar-se de todos os momentos difíceis que já passara ao lado do marido. Chegara a passar três dias, dentro de um porão, sem comer nada. Lembrou-se de que, naquela ocasião, eles davam sedativos para que Nicole passasse a maior parte do tempo dormindo.

Lágrimas copiosas começaram a rolar de seus olhos, ao lembrar-se de seu esposo que, por certo, já estaria morto.

Em seus devaneios, perguntava-se como o ser humano pode ser tão orgulhoso ao ponto de achar que sua raça é superior a outra, simplesmente analisando sua crença. Olhou para o corpo da jovem e de seu pai, estendidos no canto do vagão e percebeu que, pelo jeito como estavam vestidos, provavelmente eram ciganos. Percebia, só agora, que, à sua volta, não só havia judeus com a estrela de Davi presa ao braço; também havia negros, um grupo de pessoas que falavam um idioma desconhecido dela – os ciganos – e todo o tipo de seres humanos. Só não havia nazistas.

Aquela poça de sangue da jovem fê-la refletir. Se todos nós temos, por dentro das veias, o sangue vermelho, porque classificar as pessoas como puras ou não, olhando, simplesmente, seu exterior?

Katrina ficou por algum tempo refletindo sobre as atrocidades que o ser humano faz. Aquela terrível guerra era uma. Pessoas inocentes indo para campos de batalha, deixando para trás filhos e pais desesperados. Tudo em nome do poder. A morte reinava, naqueles dias, sobre a terra, e tinha cheiro de sangue e destruição. Tudo em nome do poder.

Uma esquadra de aviões alemães passou num voo rasante por sobre o vagão onde Katrina estava, despertando-a de seus

pensamentos. Nicole também se assustou e, num salto, agarrou-se ao pescoço da mãe.

– Que barulho foi esse, mamãe? – perguntou a menina, olhando para os lados, tentando ver de onde vinha o som.

Katrina, acalmando a menina, apontou para o céu e disse:

– São aviões, minha filha.

– Eu nunca tinha visto aviões voarem assim tão juntinhos. Parece até um bando de pássaros – disse Nicole à sua mãe.

O barulho dos freios do trem cortou aquela conversa. Estavam parando, mas ninguém sabia onde. O trem foi diminuindo a velocidade e parou próximo a um imenso portão. Soldados armados esperavam do lado dos vagões e, juntamente com os soldados, um homem com uma prancheta na mão.

O homem dirigiu-se ao vagão onde estavam Katrina e Nicole e começou a falar:

– O meu nome é Ralf Schneider, sou o comandante desta base de trabalho (campo de concentração). Alguns de vocês foram escolhidos para ficar aqui e prestar serviço ao exército alemão; o restante seguirá viagem até a Polônia, para o campo de Auschwitz. Vou pedir para um soldado abrir o cadeado e, diante de qualquer manifestação de tumulto, abriremos fogo, pois vocês estão sob a mira de atiradores. Sairá do vagão, somente o número que vou chamar. As mulheres e crianças ficarão em fila, à minha esquerda, e os homens, à minha direita. Quero que saiam, sem atropelo e com calma, para evitar qualquer incidente.

Katrina retirou dois papéis do bolso, que continham os números dela e de Nicole. Eram números em sequência, e ela se lembrou-se de que o capitão Otto havia dito que elas seriam enviadas para o depósito onde Ralf “alguma coisa” (ela não se lembrava do sobrenome) era quem comandava.

Um soldado abriu o cadeado, e o comandante começou a chamar os números. Pouco tempo depois, várias pessoas já haviam descido, e Katrina então ouviu chamar o número de Nicole.

– Vá, minha filha, e me espere lá fora – disse Katrina, entregando o papel para a menina. – A mamãe já está indo.

Porém, mal a menina desceu do vagão, o comandante deu a ordem para que fechassem a porta novamente.

– Espere! Deve estar havendo algum engano! – gritou Katrina, por entre as madeiras do vagão.

Um soldado que estava próximo levantou sua arma e apontou para a mulher. As pessoas que estavam à sua volta recuaram, com medo de que a cena, assistida durante a viagem, fosse repetir-se. Mas Ralf Schneider deu a ordem para que o soldado não atirasse.

Aproximando-se da mulher, perguntou-lhe:

– Por que está havendo um engano?

– Esta última menina que saiu é minha filha, e me disseram que iríamos ficar juntas – respondeu a mulher.

Ralf Schneider, ao aproximar-se daquela mulher, sentiu algo diferente. Sentiu seu corpo estremecer, era como se o tempo parasse e os dois estivessem fora daquela cena terrível. Ficou paralisado, sem saber o que dizer. Tinha a nítida impressão de conhecê-la, mas não sabia de onde.

– Senhor, eu lhe imploro, deixe-me ficar com minha filha! – falou a mulher, acordando Ralf de seus pensamentos.

Após alguns instantes olhando para Katrina, que também o fitava com seus grandes olhos claros, disse:

– Soldado, abra o cadeado!

Sem demora, o homem que estava apontado a arma para a mulher abriu o cadeado.

– Deixe-me ver seu número – disse Ralf, aproximando-se ainda mais de Katrina e pegando o papel que estava em sua mão.

Ele não sabia se olhava para o papel ou se admirava a beleza dos olhos de Katrina. Após conferir em sua prancheta, disse:

– Realmente, houve um engano. Esta mulher também deve ficar aqui. Pode descer e entrar na fila.

Katrina obedeceu à ordem e correu a abraçar Nicole que estava aflita à sua espera. Ninguém sabia, mas o comandante Ralf Schneider, sim. O número de Katrina jamais estivera naquela lista de chamadas.

Após o mesmo procedimento de escolha ter sido finalizado nos outros vagões, o senhor Ralf Schneider tinha, à sua frente, duas enormes filas com mais de trezentas pessoas escolhidas.

O trem soou o apito e começou novamente sua viagem. Katrina virou-se e olhou para o vagão de onde ela tinha acabado de sair. Viu o senhor com quem ela tinha conversado, horas antes, e se lembrou do que ele havia dito. Entristeceu-se ao lembrar do tal lugar chamado “Auschwitz”. Ela e a filha tiveram a “sorte” de ficar naquele campo de concentração. Já o restante das pessoas que estavam embarcadas no trem, e não eram poucas, iriam para o campo de extermínio de um lugar chamado Auschwitz.

– Quero deixar bem claro – começou a dizer o comandante Schneider – que quem dá as ordens por aqui sou eu. Qualquer indício de rebelião ou qualquer manifestação de revolta serão punidos com a morte. De agora em diante, vocês começarão a trabalhar, quando o sol nascer, e só pararão, quando o sol se puser, ou, quando eu mandar. Isso inclui as mulheres e crianças. As refeições serão feitas duas vezes ao dia, estejam todos atentos ao sinal, pois quem perder o horário ficará sem comer.

Enquanto falava, o homem andava de um lado para o outro, olhando para cada um à sua frente. Segurava, em uma de suas mãos, a prancheta e, na outra, segurava uma pistola que estava presa ao seu cinturão.

– Eu acho isso um grande desrespeito do governo alemão. Onde já se viu sermos aprisionados e forçados a trabalhar de graça? – disse um homem ao comandante.

Este, por sua vez, sacou a pistola do cinturão e, com um tiro certo, atingiu bem o meio da testa do homem.

– Alguém mais tem alguma reclamação a fazer? – disse Ralf Schneider, colocando o pé em cima do homem morto e levantando sua arma para que todos a vissem.

Com ar de espanto e medo, todos olhavam, fixamente, para frente, ninguém ousava sequer olhar de canto de olho para o comandante. O senhor Ralf Schneider começou a caminhar por entre as pessoas da fila. Andava, agora, com sua arma em punho. Ao avistar Katrina com sua filha, aproximou-se e ficou, por alguns instantes, olhando, fixamente, para elas. Depois perguntou:

– É esta menina a sua filha?

– Sim, senhor – respondeu Katrina, olhando para baixo.

– Não precisa ter medo – disse o comandante, com um tom de voz que os seus subordinados jamais ouviram. – Aliás, ninguém aqui precisa ter medo, é só obedecer, sem revolta, e nada de mal lhes acontecerá. – Depois, voltou a falar alto, para que todos pudessem ouvi-lo.

Katrina tremia, era como se ela estivesse diante de um velho conhecido, que havia muito não via. Até mesmo a voz e o jeito de falar daquele homem eram-lhe familiares.

– Qual é o seu nome e qual é o nome da sua filha? – perguntou Ralf Schneider, voltando a pôr ternura no tom de voz.

– Eu me chamo Katrina, senhor, e esta é minha filha Nicole.

Querendo mostrar amizade, o comandante guardou sua arma no cinturão, abaixou-se à altura da menina e disse-lhe:

– Olá, Nicole! Meu nome é Ralf Schneider Brücke. Quantos anos você tem?

A menina não respondeu, estava ainda em estado de choque, com o assassinato que aquele homem acabara de cometer. De cabeça baixa e tremendo de medo, ela apertava, fortemente, a mão de sua mãe.

– Tudo bem, Nicole, pode responder. Não precisa ter medo de mim – voltou a dizer o comandante.

– Vamos, Nicole, responda a pergunta do senhor Ralf – disse Katrina, deixando que lágrimas escorressem por seus olhos, temendo que aquele homem pudesse fazer algum mal para sua filha.

O silêncio que se instalou era torturante. O medo reinava por parte dos prisioneiros, e o espanto de ver o temível comandante Ralf Schneider agindo daquela forma, reinava por parte dos soldados ali presentes. Somente a música do vento se fez ouvir por alguns instantes.

Nicole, por fim, respirou fundo e, entre lágrimas, disse:

– Tenho só oito anos, senhor, por favor, deixe-me viver!

Aquele apelo de misericórdia tocou fundo nos sentimentos mais íntimos daquele homem. Ralf Schneider, depois de muito tempo, deixou que brotasse do seu olho direito, uma pequena lágrima. Sem deixar que ninguém percebesse, enxugou-a e disse baixo, próximo ao ouvido da menina:

– Não se preocupe, não vou matar você. Vamos ser bons amigos.

A atitude de Ralf, instantes antes, assustou muito Nicole. Ainda de cabeça baixa, agarrou-se ainda mais à sua mãe,

não dando brecha para que houvesse um diálogo entre ela e o comandante.

Ralf Schneider se levantou, olhou à sua volta, como era de seu costume fazer, antes de dizer alguma coisa, e deu a ordem aos soldados que o olhavam admirados, com a atitude do temível comandante Schneider:

– Soldados, levem todos para a inspeção sanitária; depois os encaminhem para os alojamentos e informem a todos os horários de refeição. Amanhã quero todos em pé, antes do sol nascer.

Com uma ponta de violência e muita maldade no coração, os soldados atenderam às ordens do comandante, colocando aquela multidão em movimento. Quando percebiam que um ou outro parava, devido à fraqueza provocada pela falta de alimentação, os soldados batiam com a coronha do fuzil nas costas de quem quer que fosse, homem, mulher ou criança.

Muitos não aguentaram cruzar os enormes portões do lugar, e ficaram deitados pelo caminho. Um soldado que vinha atrás da multidão, averiguando quem não tinha mais condições de caminhar, perguntou ao comandante:

– O que vamos fazer com os inúteis que desmaiaram antes de entrar?

O comandante Ralf Schneider, sem deixar que sua fama escapasse por entre seus dedos, depois da cena com Nicole, respondeu:

– Joguem todos na vala e enterrem junto com os outros corpos que vieram no trem.

– Devo executar os que ainda estão vivos, senhor? – perguntou o soldado, como se estivesse levando animais para o abatedouro.

– Não! Enterrem todos como estão. Hoje eu não quero barulhos de tiro, para não assustar ainda mais os prisioneiros novatos.

– Sim, senhor comandante! – disse o soldado, erguendo a mão direita à altura da cabeça e esticando os dedos unidos para cima. Era o sinal nazista, em respeito ao terceiro Reich.

Mal o soldado deu meia-volta, para cumprir as ordens de Ralf, este ergueu a prancheta que estava em sua mão e marcou os nomes de Katrina e Nicole, na frente do número que a menina havia trazido. Deu uma olhada nas pessoas que estavam caídas, quase sem vida, e encaminhou-se para dentro do campo.

Havia, ao lado da câmara de inspeção sanitária, uma sala onde alguns soldados ficavam sentados, ao lado de uma longa mesa, relativamente estreita. Os soldados ficavam de um lado da mesa e, ao lado de cada um deles, havia agulhas e um pequeno pote com tinta. O comandante Schneider entrou na sala e deixou a prancheta com as anotações para o soldado que deveria ser o encarregado daquele setor.

– Há duas pessoas em quem desejo que sejam tatuados os mesmos números – disse Ralf, apontando o local que ele havia anotado no papel.

– Como vou saber quem são, senhor? – perguntou o soldado.

– Vou, agora mesmo, dar ordens para que sejam as últimas a entrar. Você vai reconhecê-las, não se preocupe. São mãe e filha.

Dizendo isso, o comandante virou-se e foi em direção à câmara de inspeção sanitária. Adentrando a câmara, deu a ordem ao soldado responsável para que deixasse Katrina e Nicole para serem marcadas por último. Como o soldado também não sabia de quem se tratava, Ralf apontou as duas na fila da inspeção.

Katrina o viu apontando para ela e estremeceu. Como poderia um homem ter o coração tão endurecido daquela forma, ela pensou. Ralf Schneider passou por todos na sala e nem

sequer sensibilizou-se, ao ver um senhor de idade um pouco avançada ser jogado, com brutalidade, sobre uma cadeira, para ter os cabelos raspados. Olhou a cena, com indiferença, e saiu pela mesma porta que entrou.

Os homens que passavam pela inspeção tinham seus cabelos raspados. Eram obrigados a passar por detrás de um biombo, onde ficava um médico que pedia para que tirassem a roupa. Após serem examinados, um assistente do médico fazia algumas anotações e lhes entregava uma outra roupa que mais parecia um pijama. Eram depois encaminhados para a outra sala, onde era tatuado, no antebraço, o número que correspondia a cada um e as iniciais “SS”. As mulheres e crianças sofriam os mesmos procedimentos, exceto pelo cabelo que, ao invés de ser raspado, era cortado bem curto.

Katrina estranhou quando um soldado veio ao seu encontro e pediu para que ela e a filha saíssem da fila. Ficou imaginando o que o comandante estaria tramando para ela e sua filha, pois tinha certeza de que fora ele quem as mandara sair. Nicole, ao olhar, de relance, pela pequena abertura que ficou na porta por onde os demais entravam, ficou muito assustada. Viu as pessoas serem tatuadas com muita brutalidade; os que resistiam eram espancados por soldados alemães e tatuados à força. A menina agarrou-se à mãe, com medo do que pudesse acontecer.

– Calma, Nicole. Tenho certeza de que isso não deve doer nada – disse Katrina, tentando tranquilizar a menina.

No fundo, Katrina estava preocupada com o comandante Ralf Schneider. As vezes que ela o fitara nos olhos, sentiu como se encontrasse um velho inimigo. Era como se o conhecesse, mas, mesmo assim, sentira uma repulsa muito grande por ele.

Quando o restante do grupo já estava acabando de ser tatuado, um soldado veio até onde Katrina e Nicole estavam e

levou as duas para passarem pela inspeção. Katrina, ao tirar a roupa rasgada, mostrou a beleza que se escondia por debaixo daqueles trapos. Até mesmo o médico admirou-se com tamanha perfeição. Mesmo com os cabelos já curtos e muito mal cortados, ela era linda.

O médico fez questão de tocá-la, mas, no momento em que ele ia pôr suas mãos na mulher, o comandante Ralf Schneider entrou no aposento. Ele teve um susto ao ver Katrina nua. Jamais havia visto, em toda sua vida, semelhante beleza.

– Algum problema com esta mulher, doutor? – disse Ralf, tentando disfarçar sua admiração.

– Não, senhor. Pareceu-me ter visto uma mancha em seu corpo e pensei que poderia ser alguma doença – respondeu o médico, recuando.

Ralf Schneider ficou parado esperando qual seria a reação do médico. Este, por sua vez, ao ver que o comandante não saía do lugar, deu a ordem para que o ajudante entregasse as roupas para Katrina.

O comandante encaminhou, pessoalmente, Katrina e a filha para serem tatuadas. Por mais que confiasse em seus homens, sabia que falhas havia em todo o lugar. Para garantir que suas ordens fossem cumpridas, ele mesmo resolveu acompanhá-las, esperando que as duas fossem marcadas.

Nicole chorava pela dor da agulha; já Katrina chorava por se ver impotente diante daquela situação que envolvia a vida dela e de sua filha. Após serem tatuadas, foram encaminhadas juntamente com os outros para um enorme galpão onde era servida a “ração diária”, como os alemães costumavam falar. Não cabiam todos os prisioneiros ali dentro, por isso muitos deles ficaram para fora. O comandante Ralf Schneider já havia se retirado, quando um soldado que aparentava ser o cozinheiro subiu em uma cadeira e disse:

– As refeições são servidas às onze e às dezoito horas. Mas não se preocupem com o horário, pois damos um sinal para que parem o que estão fazendo e venham comer. Quem não estiver na fila, nesse horário, ficará sem comer.

O homem fez uma pequena pausa e, puxando um enorme relógio de bolso, continuou a falar:

– Agora são dezessete horas e cinquenta e oito minutos. Vamos servir a alimentação e, para vocês, que são novatos, vamos entregar uma vasilha que terão que trazer sempre que forem comer. Aquele que perder a vasilha também ficará sem comida, como castigo.

Olhando de lado, o homem fez um sinal para um soldado que, provavelmente, era seu ajudante. O soldado foi até um grande botão vermelho e o apertou, disparando assim um alarme muito alto. Em poucos instantes, os esfomeados viajantes começaram a formar fila para pegarem o que comer. Por último, estavam Katrina e Nicole.

Katrina percebeu que alguém se aproximava e virou-se. A cena que ela viu foi de arrepiar. Pessoas esqueléticas, com roupas em farrapos, aproximavam-se com uma pequena vasilha azul na mão. Na sua visão, pareciam mortos vivos, saindo de um cemitério. Com medo de que Nicole fosse assustar-se, ela segurou nos ombros da menina, forçando-a a olhar para frente.

A fila começou a caminhar, as pessoas que pegavam a “comida” iam saindo devagar, para se alimentarem onde dava. Alguns, de tão fracos que estavam da viagem, sentavam-se, encostando-se na parede, por ali mesmo.

Katrina sentia o mau cheiro que vinha das pessoas que estavam atrás dela, mas não dizia nada, somente caminhava devagar, segurando os ombros da filha, para que esta não olhasse para trás.

Ao passar por um pequeno balcão, o soldado ajudante do cozinheiro deu-lhes uma pequena vasilha azul. Não entregavam talheres aos prisioneiros, pois poderiam fabricar armas para se defenderem. Mais adiante, Katrina viu um homem servindo algo que talvez nem pudesse ser chamado de comida.

Nicole estendeu a sua vasilha, vendo ser derramada dentro dela uma água rala, com alguns legumes. Em seguida, o homem lhe estendeu um pedaço de pão que já estava até verde de mofo.

Katrina também pegou sua sopa e pão e saiu caminhando com Nicole para fora da fila. Nicole, ao ver as pessoas esqueléticas que estavam atrás dela e de sua mãe, arregalou os olhos de susto. Katrina, por sua vez, tranquilizou a menina, dizendo que aquelas pessoas deveriam estar doentes.

A comida não tinha gosto algum, mas, mesmo assim, as duas comeram, pois estavam esfomeadas e fracas.

– Que saudade tenho daqueles pêssegos que comemos na fazenda! – comentou a menina, ao terminar de comer seu pão.

Katrina, com um aceno de cabeça, concordou, mas não disse nada. Estavam ainda fracas e precisavam descansar um pouco. Dois soldados armados vieram, já de longe, chamando os novatos para irem para o alojamento. Um reunia os homens, e outro reunia as mulheres e crianças. Os homens ficavam separados das mulheres, para evitarem-se confusões, só se encontravam, mesmo, na hora das refeições, pois até o serviço era separado.

Mãe e filha seguiram o soldado que parou em frente a um enorme galpão.

– Aqui é o alojamento dos seguintes números – disse o soldado, que começou a chamar os prisioneiros pelos números, que não descrevemos aqui por serem muitos.

Quando chegou no número de Katrina e Nicole, já era noite, e as duas entraram no galpão para descansar. Só então perceberam que tinham o mesmo número tatuado no braço.

Os alojamentos dos prisioneiros eram semelhantes a enorme estante, com várias repartições. Os colchonetes eram muito finos, por isso tinha-se a impressão de se estar deitado no chão. As divisões dos leitos eram mínimas, e um ficava em cima do outro como se fossem beliches. A altura era de quatro leitos, e o comprimento era de aproximadamente trinta leitos. Embora coubesse muita gente, em cada galpão, muitos dormiam no chão.

Katrina e Nicole escolheram um leito onde a menina ficava em cima e Katrina em baixo, assim poderiam conversar uma com a outra.

Mas, naquela noite, não conversaram nem por um minuto. O cansaço era tanto que, assim que se deitaram, adormeceram. Enquanto isso, no seu "luxuoso" alojamento, o comandante Ralf Schneider sentava-se em uma confortável poltrona, segurando entre os dedos um charuto. Não tinha vontade de se deitar, pois, cada vez que fechava os olhos, vinha em sua mente a imagem de Katrina, olhando-o com seus belíssimos olhos.

Um soldado que estava de vigia deu a ordem, e as poucas luzes dos galpões foram apagadas, deixando todos os prisioneiros às escuras. Eram dez horas, e acabava de terminar para Katrina e Nicole aquele dia que parecia interminável.

## Capítulo VIII

# CONHECENDO O LUGAR

Os dias foram passando, e passando lentamente. É incrível como as horas parecem intermináveis para aqueles que sofrem! Quando estamos felizes, os minutos tornam-se segundos, mas, quando estamos tristes, os minutos parecem horas.

Não foi diferente para Katrina e Nicole. Fazia três semanas que elas estavam confinadas naquele campo de concentração. Já haviam perdido peso, pois era difícil não emagrecer com uma alimentação tão escassa de nutrientes. Estavam, aos poucos, acostumando-se a verem pessoas morrendo de fome e sede.

Impressionante ver como a dor caleja as emoções das pessoas. Por diversas vezes, enquanto estavam indo para o trabalho, elas e outras pessoas deparavam-se com cadáveres, no meio do caminho. Pessoas que não suportaram não só a fome e a desnutrição, mas que também perderam o amor à vida e se entregaram aos braços da morte.

Era noite. Do leito de Nicole, dava para ver, por um buraco no teto, uma estrela brilhando muito forte. Na imaginação forte de criança, pensou estar pisando sobre o chão brilhante daquela estrela. Estava quase no horário de apagarem as luzes, quando Nicole perguntou à sua mãe:

– Mamãe, quando a gente morre, para onde nós vamos?

A mãe, já descrente de tudo e sem nem mesmo lembrar-se de que era judia, respondeu para a filha:

– Vamos para debaixo da terra, Nicole. Agora me deixe dormir, que estou muito cansada.

Katrina não queria demonstrar para a filha, mas, nas condições em que estavam vivendo, esvaía-se-lhes, pouco a pouco, a vida. E ela sabia disso.

– Gosto de pensar que, quando eu morrer, como as crianças que encontramos no caminho, hoje, eu vá morar em uma estrelinha brilhante, junto com o papai – disse a menina, chamando a atenção da mãe.

– Você não vai morrer, Nicole! Eu não vou deixar isso acontecer – respondeu Katrina, recobrando suas forças.

Naquele dia, enquanto elas iam para o galpão de trabalho, encontraram três crianças mortas. Todos os três estavam nus e com marcas de violência pelo corpo. Possivelmente, aquelas crianças estavam tentando fugir e foram pegas.

Algumas mães, movidas pelo desespero, encorajavam seus filhos a tentar fugir. Porém, daquela fortaleza, nenhum prisioneiro saía com vida.

Nicole não respondeu nada para sua mãe. Simplesmente ficou contemplando, pelo buraco do telhado, aquela estrela que trazia, em seu brilho, a luz tênue que acalmava o coração aflito daquela criança. Aos poucos, a menina foi adormecendo e, quando deu por si, já não estava mais vestindo sua roupagem carnal. Libertada de seu corpo, através do sono, Nicole se viu em uma imensa planície, onde a grama rasteira era composta do verde mais lindo que ela jamais vira antes.

A garota não conhecia aquele lugar, mas não se assustou, quando duas pessoas, que lhe eram desconhecidas na terra, se aproximaram dela.

– Como vai você, Nicole? – perguntou o mais alto

– Irmão Andreas! – respondeu a menina, surpresa pelo encontro. – Quanta saudade sinto de você!

Os dois se abraçaram muito forte. Nicole, não contendo a emoção daquele encontro inesperado, começou a chorar compulsivamente. Angelinus, que estava de lado só observando, sem falar nada, para não estragar o momento dos dois, também não conteve as lágrimas e, emocionado, elevou seus pensamentos ao Criador, agradecendo-O por todos os amigos que fizera, até aquela data.

“O que seria de todos nós, se não tivéssemos uma pessoa para chamar de amigo?... Com certeza, a caminhada seria muito mais árdua” – pensava Angelinus, entre lágrimas.

Acalmadas as emoções dos dois velhos amigos, Andreas disse para Nicole:

– Nicole, este aqui é o irmão Angelinus. Ele veio de uma outra colônia, para fazer um estudo e aprender mais. Embora seja um pouco inexperiente em algumas áreas, é muito inteligente e esforçado. Ele está me ajudando no amparo a vocês, e você pode confiar nele, eu garanto!

A menina aproximou-se de Angelinus que, surpreso, ganhou um abraço muito forte.

– Muito obrigado, Angelinus – disse ela. – Tenho certeza de que está fazendo um excelente trabalho. Espero que nos tornemos grandes amigos.

– Já nos tornamos, Nicole. A partir de agora, já somos grandes amigos – disse ele, retribuindo o carinho.

– Por que nos encontramos aqui e não na colônia? – perguntou a menina, voltando seu olhar para Andreas.

– Este nosso encontro, não estava planejado, Nicole – disse Andreas, explicando-se. – Nós nos encontramos neste lugar, porque tenho que lhe dar um aviso. Vamos nos sentar um pouco, debaixo daquela árvore ali.

Apontando para o local, Andreas começou a caminhar, seguido de Angelinus e Nicole. Os três sentaram-se de frente um para o outro, formando uma espécie de círculo. A árvore que os abrigava era maravilhosa. O tronco, com seus detalhes protuberantes, parecia ter sido pintado pelo mais inspirado dos artistas. As folhas largas e grandes eram de um verde bem claro e sustentavam, aqui e acolá, pencas de flores em diversos tons de lilás.

Olhando à sua volta e vendo a beleza do lugar, Nicole passou a mão pela grama rasteira e perguntou para Andreas:

– Que lugar lindo é este, Andreas?

– Este é um ponto de refúgio para espíritos do bem, que estão trabalhando na Terra, durante a guerra – respondeu Andreas.

– Então a grande guerra realmente veio a acontecer?

– Não só aconteceu, como está para piorar ainda mais – respondeu Angelinus, desta vez.

– Nicole, não queremos assustar você, pois sabemos o quanto sua tarefa é difícil! – falou Andreas. – Mas a situação na Terra vai piorar ainda mais. Grandes falanges de espíritos trevosos uniram-se para acabar com a fé dos homens, e estão trabalhando intensamente para isso.

Nicole cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

– Não chore, Nicole! – disse Angelinus. – Nós estaremos ao seu lado para ajudar no que for preciso.

– Tenho muito medo, meus irmãos, de não conseguir superar as duras provas pelas quais devo passar! – falou Nicole, entre soluços e lágrimas.

Andreas, apoiando o dedo no queixo da menina, ergueu-lhe a cabeça e, olhando em seus olhos, disse:

– Nicole, estaremos com você, sempre que for preciso, não

se preocupe. Tem algo mais que devo lhe alertar, mas vamos, antes, voltar para o campo de concentração.

Andreas, olhando para Angelinus e Nicole, disse:

– Irmãos, vamos fazer uma prece, para prepararmos nossa volta à Terra. Devemos elevar nossas vibrações, para não sermos afetados pelo que vamos ver e para que não sejamos percebidos pelos espíritos trevosos.

De mãos dadas, os três acompanharam a emocionada prece que Andreas fez. Em segundos, estavam novamente no orbe terrestre.

O ambiente era pesado, bem diferente do ambiente em que acabavam de sair. Os três espíritos caminhavam, lado a lado, de mãos dadas. Estavam, outra vez, no campo de concentração, e, por todos os lados, escutavam-se gemidos de dor e ódio.

– O que vamos ver pode ser ainda muito chocante para você, Nicole – falou Andreas, parando por um instante. – Caso algo a impressione, feche seus olhos e ore com muito fervor. Angelinus e eu seguraremos a sua mão.

Com um aceno de cabeça, a menina concordou. Os três continuaram a caminhar. Era estranho de se ver, pois, ao caminharem, seus pés não tocavam o solo. Foram em direção ao local onde as três crianças haviam sido mortas e, lá chegando, viram as infelizes ainda lá deitadas, como se tivessem acabado de morrer.

– Como pode isso acontecer, Andreas? – perguntou Nicole, intrigada. – Por que esses nossos irmãozinhos não foram socorridos?

– O conflito mundial fará milhares e milhares de vítimas, Nicole. Neste momento, muitos espíritos bons estão trabalhando no resgate de irmãos que desencarnam, a todo instante, de forma muito violenta, como é o caso desses nossos irmão-

zinhos aqui. Apesar de serem muitos, os espíritos socorristas representam ainda uma minoria, no planeta, tornando, assim, difícil o trabalho de socorro às vítimas da guerra. A maior parte dos espíritos que estão no orbe, neste exato momento, é de falanges do mal que querem atrasar ainda mais o progresso moral da humanidade. Crianças não despertam o interesse desses espíritos, por isso poucos são os que ajudam os pequeninos a despertarem na pátria espiritual.

– E, como os espíritos de luz estão com muitíssimo trabalho a fazer, para tentar amenizar a dor na Terra... – disse Angelinus.

– A maioria das crianças que desencarnam ficam jogadas pelo mundo até que alguém as encontre – completou Andreas.

Naquele momento, Andreas fechou os olhos e ficou em silêncio, por alguns instantes. Minutos depois, alguns espíritos que se vestiam como médicos e enfermeiros chegaram para fazer parte do grupo.

– Irmão Andreas, vejo que está trabalhando bastante, no orbe terrestre – disse um espírito que aparentava ser o líder da equipe.

– Irmão Antônio, que prazer sinto em revê-lo! – falou Andreas, envolvendo o socorrista em um fraterno abraço. – Achamos mais três irmãozinhos que precisam de ajuda.

Nicole, admirada, pensava: “Como é maravilhoso o trabalho dos socorristas! São verdadeiros anjos enviados por Deus”.

Após as apresentações e os cumprimentos de toda equipe, Antônio dirigiu-se, com o resto da equipe, para onde as crianças estavam deitadas. Fizeram um círculo em volta dos meninos e, de olhos fechados, elevaram uma emocionada prece ao Criador. Logo, um imenso clarão se fez surgir, e a equipe de socorro desapareceu, juntamente com os três pequeninos.

– Lembro-me de quando fui socorrida, no meu último desencarne – disse Nicole, deixando duas grossas lágrimas percorrerem seu rosto.

– E eu me lembro de quando a socorri! – completou Andreas, abraçando, fortemente, a menina.

Angelinus ficou só observando a cena, imaginando como deve ter sido o socorro de Nicole, em seu último desencarne. Ele gostaria de ter perguntado, mas sabia que Andreas só comentava essas coisas em momentos propícios. Porém, pela emoção e pela força da vibração do amor que tinham um pelo outro, sabia que deve ter sido um momento de muita luz.

– Vamos continuar, pois temos ainda mais dois lugares para visitar, antes de voltarmos – falou Andreas, continuando a caminhar.

O lamento dos espíritos sofredores que estavam presos à matéria era muito alto. Era como se fossem centenas de lobos uivando, ao mesmo tempo. Os três espíritos continuaram a caminhar, porém, em momento algum, seus pés tocavam o chão.

Chegaram até um imenso buraco de onde muitos espíritos tentavam sair. Era a verdadeira cena do inferno. Com lanças de ponta incandescente, espíritos trevosos queimavam os que tentavam sair. O lamento era muito grande, e Nicole, nesta hora, assustou-se muito. Andreas e Angelinus encostaram-se mais para perto da menina, dando-lhe forças para superar a terrível cena.

– Por que os espíritos iluminados que trabalham para o Criador não acabam logo com isso? – perguntou Nicole, aos prantos.

– Simplesmente porque a própria humanidade, com sua ganância pelo poder, não permite que os abnegados trabalhadores do Senhor penetrem, facilmente, na crosta terrestre – respondeu Andreas. – Infelizmente, Nicole, o homem, hoje,

abre muito mais espaços para os espíritos trevosos trabalharem do que pedir para os obreiros do Senhor virem ajudá-los. São poucas as preces feitas, mas são muitas as maldições lançadas uns contra os outros.

Um forte trovão se fez ouvir, e aquela cena que já era infernal ficou ainda pior. Uma forte ventania começou, e raios começaram a riscar o céu por todos os lados. Os gritos dos espíritos sofredores dobraram de intensidade, do mesmo jeito que as gargalhadas dos espíritos trevosos. Estes riam e dançavam felizes, queimando a ferro quente aqueles que tentavam sair da vala.

– O que vai acontecer agora? – gritou a menina, segurando-se, fortemente, em Andreas e em Angelinus.

– Fique olhando, Nicole! – respondeu Andreas.

Vários cavalos com os corpos em estado de decomposição se aproximaram, puxando carruagens que pareciam jaulas. Parecia uma comitiva que acabara de sair do inferno. Conduzindo os animais, estavam figuras aterradoras, parecidas com demônios.

Começaram a retirar os espíritos que estavam presos dentro da enorme vala e os colocaram nas jaulas. Um ou outro que tentava relutar era punido com terríveis queimaduras.

Nicole, Andreas e Angelinus observaram à sua volta e perceberam que era grande o número de espíritos com seu corpo perispiritual todo deformado. Eles se arrastavam pelo chão, alguns sem o braço ou a perna, mas outros estavam sem a metade do corpo. Os piores pareciam uma massa disforme, e não há como definir-lhes, ao certo, a aparência, pois era como se tivessem sido amassados por completo e continuassem vivos.

– Não se assuste, Nicole. São irmãos, vítimas da guerra – explicou Angelinus. – Eles fazem sua passagem para o mundo

espiritual de forma violenta e bruta, de tal forma que nem sequer sabem que deixaram a veste carnal. Por muitos anos, talvez, esses nossos irmãos ficarão com seus corpos perispirituais mutilados.

– Por que Deus permite que os homens hajam de tal forma? Seria castigo? – perguntou Nicole.

– Diz isso porque está encarnada e se esqueceu do quanto estudou sobre o assunto, minha querida – disse Andreas. – Em primeiro lugar, Deus não castiga ninguém, somos nós que colhemos os frutos daquilo que plantamos. Em segundo, Deus não quis que o homem vivesse em guerra, simplesmente deu ao homem seu livre-arbítrio, e Ele respeita, pacientemente, a maneira como o usamos.

– Percebi que, entre os espíritos trevosos, havia alemães, russos, americanos e tantos mais. Acaso eles não eram inimigos na terra? – perguntou a menina.

– Você já se perguntou por que um homem deixa sua família para trás e vai para o campo de batalha, assassinar, friamente, seu irmão? – perguntou Angelinus.

Nicole o olhou e, por não ter a resposta, nada disse.

– Em uma guerra, os verdadeiros assassinos escondem-se atrás de escrivatinhas e seguranças – continuou Angelinus. – Trancados a sete chaves onde ninguém os alcança, dão ordens para pais de família e jovens irem se matar, em um campo de batalha. Quando esses pais e jovens desencarnam de forma tão violenta, vem-lhes a revolta, por terem perdido, inutilmente, seu bem mais precioso, a vida. Vem a revolta de saber que obedeceram e morreram por absolutamente nada. O ódio pelos homens que fabricaram a guerra os une, aqui, e aqueles que foram inimigos mortais, em vida, unem-se para extravasar o seu sentimento de vingança.

As carruagens iam saindo, carregadas de espíritos sofredores, e aqueles espíritos que se arrastavam pelo chão iam se jogando na enorme vala que agora estava quase vazia. Os espíritos que trabalhavam para as trevas e que haviam permanecido no local gargalhavam, ao verem as imperfeições que aqueles irmãos sofredores portavam.

– Não há, entre esses nossos irmãos sofredores, alguém com merecimento suficiente para uma ajuda imediata? – quis saber Nicole.

– Feche seus olhos – pediu Andreas

Após alguns instantes, ele pediu que a menina abrisse os olhos, novamente, e a cena que Nicole viu era totalmente diferente daquela em que se encontrava. O lugar era o mesmo, a enorme vala era a mesma, mas os espíritos eram outros. Embora fossem poucos, vários espíritos estavam recebendo ajuda de abnegados trabalhadores do bem. Alguns pediam água, enquanto, em outros, eram aplicados passes tranquilizantes. Os que chegavam com mutilações em seu perispírito eram levados, imediatamente, para postos de socorro.

– Como pode, Andreas, o lugar ser o mesmo, e a cena ser tão diferente?

– Você toca piano, não toca? – perguntou irmão Andreas

Com um aceno de cabeça, a menina confirmou que sim, e Andreas continuou:

– Quando você está feliz, você é levada, juntamente com as notas que tira das teclas, a um estado de êxtase e paz. Você está vibrando positivo. Quando você está triste, as notas saem arranhadas e em tons menores e você se sente pesada e depressiva. Você está vibrando negativamente. O instrumento musical continua sendo o mesmo, mas a música que se ouve é outra.

– Nossa, que explicação genial, Andreas! – exclamou a menina, que se sentia melhor naquele ambiente mais tranquilo.

– Até eu me surpreendi com essa explicação, irmão Andreas! – disse Angelinus. – Confesso que nunca tinha pensado dessa maneira.

– São lições que vamos aprendendo com o tempo – respondeu Andreas. – Agora vamos, que devemos visitar mais alguém, antes de devolvermos Nicole.

Fecharam os olhos e, ao reabrirem-nos, estavam em um enorme aposento. Alguns quadros na parede, e o ambiente bem arrumado indicava que aquele aposento era de alguém muito importante. Um belíssimo piano de cauda chamou a atenção de pequena Nicole, que correu sentar-se diante das teclas.

– Tenho saudade de tocar as músicas que papai me ensinou – disse a menina.

– Não se inquiete, minha querida – falou Andreas. – Muito em breve, se tudo correr bem, estará tocando lindas melodias, neste mesmo piano que tem à sua frente. Venha até aqui, por favor.

A menina levantou-se e caminhou até onde estavam Andreas e Angelinus. Sua surpresa foi muito grande, ao se deparar com o temido comandante Ralf Schneider, deitado em sua cama. A menina estremeceu e escondeu-se atrás de Angelinus.

– Não tenha medo, Nicole – disse Angelinus. – No estado em que nosso irmão se encontra, não pode lhe fazer mal algum.

– Ralf Schneider tornou-se tão apegado ao seu poder de autoridade que, mesmo quando dorme, dificilmente seu espírito deixa seu corpo – explicou Andreas. – Criou situações para si mesmo, incluindo responsabilidades extremas com as quais nem ousa sequer sonhar. Não é mais o menino doce e gentil de antes.

Uma lágrima escorreu pelos olhos de Andreas.

– Não se inquiete, irmão Andreas, pois ainda temos como salvar algumas coisas da existência falha do nosso amigo – falou Angelinus.

Nicole sensibilizou-se ao saber da situação de Ralf. Não sabia o porquê, mas algo lhe dizia que tanto ela como ele teriam que passar por difícil prova juntos.

– Não sei como, mas tenho a sensação de que conheço o comandante de algum lugar. Seria de outra vida, Andreas? – perguntou a menina.

– Há muitas coisas que devem ser reveladas somente no momento oportuno, minha querida, mas podemos lhe dizer que Ralf Schneider e você foram grandes amigos, em outras datas.

– Se Ralf era um garoto amável, em outras épocas, porque teve que ingressar na carreira militar e se tornar um homem tão insensível? – continuou a menina, em seu interrogatório.

– Por dois motivos. Primeiro, nosso irmão, quando estava na espiritualidade, programando seu reencarne, apelou para a misericórdia divina que lhe permitisse passar pela difícil prova da autoridade. Neste ponto, nosso amigo falhou. Em segundo lugar, ele precisava ocupar um cargo de destaque, para proteger uma pessoa muito especial e resgatar um grande erro que cometeu no passado. É neste ponto que estamos trabalhando para que Ralf não falhe.

– E quem seria essa pessoa, irmão Andreas? – indagou Nicole.

Como se tivessem combinados, Andreas e Angelinus, que prestava muita atenção na conversa, responderam em coro:

– Você!

Nicole ficou sem saber o que dizer, porém sabia que, se

perguntasse algo além do que Andreas estava lhe revelando, ficaria sem resposta. Ficaram se entreolhando, por alguns instantes, até que Angelinus quebrou o silêncio:

– Irmão Andreas! É hora de deixarmos Nicole ir.

– Tem razão, irmão Angelinus. Vamos voltar para onde seu corpo físico repousa.

Antes de saírem, Nicole caminhou até o leito de Ralf Schneider, abaixou-se e lhe deu um beijo na fronte.

– Fique em paz, irmão Schneider. Tenho certeza de que vamos conseguir – disse a menina.

O comandante, como se houvesse ouvido, esboçou um sorriso que expressava amor e paz.

Os três espíritos deram-se as mãos e saíram do quarto. Pelo caminho de volta, novamente observaram cenas aterradoras, em uma tempestade de trevas que parecia não ter fim. Em poucos instantes, estavam novamente no galpão onde o corpo carnal de Nicole repousava tranquilamente.

Andreas abaixou-se, para ficar à altura de Nicole, e lhe disse:

– Tem mais uma coisa sobre a qual preciso alertá-la, antes de nos irmos, Nicole.

A menina ficou prestando atenção às palavras do amigo espiritual que, após breve pausa, continuou a falar:

– Você está para passar por momentos muito difíceis. Quando você acordar, não se lembrará de quase nada do que vivemos esta noite, mas terá a certeza de que estaremos amparando-a, a cada passo que der. Em breve, Katrina irá desencarnar. Você deve ser forte e tentar ajudar Ralf a acertar o caminho.

Ao ouvir a notícia do breve desencarne de sua mãe, Nicole começou a chorar copiosamente. Afinal, iria ficar sozinha, no mundo dos encarnados.

Andreas a abraçou forte e disse:

– Nós estaremos sempre aqui para ajudá-la, minha querida.

Nicole fez um sinal para que Angelinus se aproximasse, e os três ficaram, por alguns instantes, entrelaçados num abraço triplo, cheio de luz.

– Prometam que vocês vão cuidar de Katrina! Ela é uma pessoa maravilhosa, e sempre foi uma mãe exemplar – disse a menina, tentando conter o choro.

– Nós sabemos disso – falou Angelinus, acalmando a menina.

– Katrina será muito bem recebida, na pátria espiritual. Afinal, ela cumpriu a tarefa que se havia proposto fazer. Cuidar de você, até o presente momento, foi um grande aprendizado para ela.

– Vou sentir saudade de vocês – disse Nicole. – Será que vamos nos encontrar novamente, em breve?

– Infelizmente, vamos demorar um pouco para nos ver, novamente, Nicole. Mas não se preocupe, pois estaremos, sempre que possível, ao seu lado.

Andreas falava com a voz embargada. Seu companheiro de trabalho o observava e sentia que Nicole era, realmente, alguém muito especial para ele.

– Andreas e Angelinus, posso pedir um grande favor para vocês? – pediu a menina, dirigindo seu olhar para os dois amigos que a observavam com muito carinho. – Digam a meu pai que mamãe e eu estamos bem.

Angelinus trocou breve olhar com Andreas e respondeu:

– Nós levaremos seu recado, Nicole, pode deixar conosco.

Andreas pediu para que a menina fechasse os olhos e pôs, suavemente, sua mão nos olhos dela. Angelinus aplicava-lhe passes, enquanto Andreas elevava lidíssima prece em agradecimento pela noite que tiveram. Aos poucos, Nicole foi adormecendo, e Andreas a segurou ao colo.

– Que Deus a abençoe, e que você continue sendo essa menina tão doce que você é, minha criança.

Dizendo isso, Andreas deu um beijo no rosto da menina e a deitou sobre seu corpo carnal. Era como se, naquele instante, as duas se fundissem, tornando-se uma só.

– Ela é realmente um doce – disse Angelinus, tentando quebrar o clima de despedida. – Deve ser um espírito bem evoluído.

– E é, meu amigo. Nicole é muito especial. No momento certo, você verá porque. Agora, vamos, que temos um recado para levar e muito trabalho a fazer!

## Capítulo IX

# O CONVITE

Nicole acordara diferente aquele dia. Não sabia porque, mas, apesar das dificuldades que passava, estava feliz. Era como se tivesse a certeza de que algo de muito bom estava para acontecer.

Katrina, como vinha acontecendo de alguns dias para cá, estava apática. Já não tinha mais esperança de um dia sair dali. Não demonstrava seu desânimo para a filha, mas, toda vez que se lembrava de seu marido e de como ela e a filha estavam sofrendo, morria pouco a pouco.

A manhã daquela quinta-feira transcorreu-se como de costume. Como sempre, as mulheres e as crianças foram para o galpão, trabalhar. O comandante Ralf Schneider passou para ver se estava tudo em ordem, como fazia todos os dias.

Nicole não disse nada, mas, quando viu o comandante passar, sentiu muita pena dele. Ela não sabia de onde vinha tal sentimento, só sentia.

O comandante, ao ver que a menina o observava, caminhou até onde ela estava e ficou olhando-a. Katrina gelou, suas pernas começaram a tremer, com medo de que o homem pudesse fazer algo de mal para sua filha, mas o homem nada disse, ficou olhando para as duas, por alguns instantes, e, depois, saiu para continuar a revista nos outros galpões.

Como já foi descrito antes, o tempo passa rápido, quando

estamos felizes. Nicole foi invadida, naquela manhã, por um sentimento de paz e felicidade. Sendo assim, nem percebeu o tempo passar e só foi se dar conta do horário, quando tocou o sinal para o almoço.

– Vamos, Nicole, vamos comer – chamou Katrina.

As duas saíram, com suas tigelas, e foram para a fila.

Era um deus-nos-acuda. As pessoas se acotovelavam para pegar a sopa; muitos desmaiavam de fraqueza, antes mesmo de pegarem o alimento. Eram todos tratados como um bando de animais imundos.

Katrina e Nicole pegaram sua sopa e seu pedaço de pão e se encostaram próximo à porta do galpão, mas do lado de fora. A mulher esforçava-se para comer. Já não sentia fome, mas não podia demonstrar fraqueza perto da filha ou ela entraria em desespero. As duas tinham perdido algum peso, e Katrina sabia que não aguentaria, se perdesse mais. Com certeza, iria parar na enfermaria.

– Nicole, pode ficar com meu pedaço de pão – disse Katrina.

– Não estou com muita fome hoje.

– A senhora precisa se alimentar, mamãe. Do jeito que está fazendo, parece que está querendo me deixar só, neste mundo.

As palavras de Nicole tocaram fundo no coração da mulher que parou para pensar e constatou que tanto ela como a filha só tinham uma à outra. Naquele mesmo instante, Katrina pegou o pedaço de pão e começou a comer.

Dois soldados armados aproximaram-se das duas, e um deles disse com rispidez:

– Deixe-me ver o número de vocês!

Tanto a mulher quanto a menina ficaram assustadas e estenderam o braço em que estava tatuado o número. O soldado olhou e disse o número em voz alta.

– Sim, são elas – falou o outro soldado, conferindo um pedaço de papel.

– O comandante quer ver as duas ainda hoje. Após o expediente de trabalho, estejam as duas aqui, neste exato local, que eu as conduzirei até ele.

– Sim, senhor! Nós estaremos aqui – disse Katrina, sem demora.

Os dois homens saíram, deixando Katrina e Nicole que se entreolhavam, tentando imaginar o que o comandante queria com elas. Um misto de medo e de desconfiança tomou conta das duas.

A tarde transcorreu tudo como de costume. Nicole ajudava a sua mãe a fazer o trabalho. Elas não comentaram nada uma com a outra sobre o pedido do comandante; possivelmente, o medo e a incerteza do que lhes iria acontecer, era maior do que a curiosidade que tinham.

Katrina sabia que havia execuções, do lado de fora do gueto. Certa manhã, pediram para que ela ajudasse mais duas mulheres a limpar uma área vazia que ficava perto da cerca que dava para a área oeste do campo. Por engano, elas entraram em uma sala onde haviam sacos cheios de cabelo. Katrina, horrorizada, não acreditava que eram cabelos humanos, mas uma senhora que estava com elas e que habitava o campo, havia mais tempo, disse-lhes que, quando as pessoas começavam a se revoltar ou quando os doentes ficavam muito tempo na enfermaria, eram levados para uma grande vala que tinha do lado de fora do campo e ali eram assassinados. Raspavam os cabelos, e estes eram usados para fazer roupas para os próprios prisioneiros.

O relato da velha senhora deixara as mulheres, naquele dia, em estado de choque. Não conseguiam acreditar que um ser humano fosse capaz de tanta crueldade.

Katrina lembrava-se disso e olhava para a filha que, ainda tão jovem, já se desgastava tanto para trabalhar.

O que será que o temível comandante Ralf Schneider queria com elas? Era a pergunta que não queria calar dentro da cabeça das duas.

Ao fim do cansativo dia de trabalho, as duas foram para o local indicado, pois sabiam que uma grande exigência que tinham que cumprir, naquele lugar, era o horário. Algumas pessoas chegaram a ponto de serem executadas pelo não cumprimento dos horários impostos pelo comandante.

Chegaram ao local marcado pelo soldado. Nicole e Katrina estavam de mãos dadas e exaustas pelo dia cansativo. O soldado, sem dizer nada, fez sinal para que as duas o acompanhassem. Nicole percebeu que, em alguns homens comandados por Ralf Schneider, o olhar era diferente. Este soldado que as conduzia, por exemplo, tinha certa compaixão nos olhos. Apesar de estar fazendo o chamado “serviço sujo”, notava-se que aquele homem tinha certo respeito pelos prisioneiros.

– Senhor! Posso saber o que o senhor comandante quer conosco? – arriscou perguntar Katrina, já esperando uma reação bruta do soldado.

Para surpresa de Katrina, o homem parou, virou-se para ela e respondeu:

– Eu não sei, senhora. Mas peço que tenha paciência com o comandante. No fundo, ele é um bom homem.

Após breve pausa, o homem continuou:

– Vou lhe contar um segredo, mas tem que prometer não falar nada para ninguém. Enquanto eu falo, fiquem de cabeça baixa, como se estivessem sendo repreendidas – pediu o soldado. – O comandante me designou para levar um prisioneiro para ele, por mês. Não sei o que acontece, no salão onde o

comandante vive, pois fico de guarda, na porta, do lado de fora; só sei que, nesta noite, ele me deixa de vigia e pede para que eu facilite a fuga desse prisioneiro. O problema quase sempre é que eu não sou o único guarda que fica de vigia, e a fuga quase sempre acaba em morte.

Katrina e Nicole pareciam não acreditar no que ouviam. Será que, por detrás daquela terrível aparência cruel do comandante, existia realmente um bom homem? Será que ele deixaria as duas se irem daquele lugar infernal, onde a morte andava livremente?

– Isso explica a morte das três crianças – disse Katrina. – Fiquei sabendo depois que eles não tinham mais familiares vivos aqui.

Ao perceber que um outro soldado se aproximava, aquele que conversava com Katrina e Nicole mudou a postura, gritando com as duas:

– Eu não quero ouvir reclamações! O comandante me deu ordens e devo cumpri-las. Da próxima vez que reclamarem, vou acertar uma bala na cabeça das duas. Entenderam?

– O que houve, soldado? Por que toda esta gritaria? – perguntou o homem que se aproximava.

– O comandante pediu para que levasse essas judias imundas até ele, senhor.

– O comandante Schneider não perde tempo – continuou o soldado que se aproximou mais das duas. – Também, com uma judia bonita como esta, até eu ia querer matar meus desejos.

O soldado passou a mão direita pelos cabelos de Katrina e a puxou, violentamente, contra ele. Nicole novamente percebeu a diferença no olhar de um soldado e outro.

– Desculpe, senhor, mas devo levar as prisioneiras para o comandante. Caso contrário, é minha cabeça que vai rolar – interveio o soldado, no ato violento de seu superior.

O homem largou Katrina com tamanha violência que ela chegou a cair no chão.

– Diga para o comandante aproveitar bem a noitada – disse ele, olhando firme nos olhos de Katrina, antes de virar as costas.

Quando o homem já estava longe e não podia ouvi-los, o soldado disse para Katrina:

– Desculpe-me, senhora. Eu não quero ser mau como esses homens, mas devo cumprir as ordens que recebo.

– Não se preocupe – respondeu a mulher, levantando-se do chão. – Já nos acostumamos a todo tipo de insulto e violência. O que aconteceu aqui não foi nada.

O soldado continuou conduzindo a mulher e a menina rumo ao aposento do comandante.

Lá chegando, ele pediu para que as duas entrassem pela porta que estava aberta e ficou de guarda, esperando uma segunda ordem do oficial.

Katrina e Nicole entraram devagar e com a cabeça baixa. Ao passarem pela porta, olhando de canto de olho, viram o comandante Schneider em pé, admirando uma obra de arte, feita por um famoso pintor francês. Sem dizer nada, ficaram de cabeça baixa, esperando que o homem se manifestasse.

Alguns minutos depois, Ralf Schneider virou-se e, olhando para as duas prisioneiras, disse:

– Eu adoro arte. Este quadro foi enviado por um amigo, durante a ocupação francesa. O que vocês acham desta pintura?

Pasmas com a simpatia com que o comandante se dirigia a elas, nada disseram. Continuaram de cabeça baixa e temendo o que poderia resultar daquela conversa.

Ralf, percebendo que as duas estavam assustadas, insistiu na pergunta:

– Tudo bem, podem dar sua opinião. O que vocês acham deste quadro?

Como sempre, a corajosa Nicole tomou a iniciativa de falar:

– Acho muito bonito, senhor, embora não seja conhecedora de quadros.

– Eu acho que toda arte deve ser sentida – continuou o comandante. – Você tem toda razão em analisar esta obra, sem conhecimento técnico, pois, somente assim, podemos ver, com verdadeiros olhos, o que é belo.

– Desculpe a pergunta, senhor – falou Katrina, ainda de cabeça baixa. – Mas por que o senhor pediu para que viéssemos aqui? Acredito que não seja para ficar admirando obras de arte.

– Quero ter uma conversa muito séria com vocês. Mas, antes, quero que entrem por aquela porta – respondeu o comandante, apontando uma porta que estava aberta. – Não se preocupem. Ali tem um banheiro, quero que tomem um bom banho e troquem de roupa.

– Senhor! Já perdi muita coisa em pouco tempo – falou Katrina, olhando, diretamente, nos olhos de Ralf. – A começar pelo meu marido. Se tiver que desonrá-lo, peço que nos mate, pois prefiro a morte a ter que me entregar a outro homem.

Ralf Schneider, mais uma vez, estremeceu, ao olhar para os brilhantes olhos da mulher. Para evitar que ela percebesse seu estranho sentimento, virou-se e se sentou em uma confortável poltrona.

– Katrina, eu não chamei vocês aqui para isso. Peço, simplesmente, que me façam companhia esta noite. Prometo que não se arrependerão.

Katrina, envolvida pelo desejo de deixar aquele inferno, pensou que ali poderia estar a chance de tirar a ela e a sua filha

daquela situação subumana. Resolveu, então, atender ao pedido do temível comandante que agora se mostrava frágil e sozinho.

Pegou Nicole pela mão e se encaminhou para onde o comandante a mandara. Pelo percurso, a menina levantou a cabeça e, olhando de lado, viu o maravilhoso piano de cauda que o comandante tinha em seu aposento.

– Um piano! – admirou-se Nicole que, soltando a mão de sua mãe, correu a sentar-se diante das teclas.

– Nicole, não! – gritou Katrina, com medo da reação que o comandante poderia ter.

– Deixe-a, Katrina – disse Ralf, levantando-se e segurando a mulher pelo braço.

Neste instante, Katrina virou-se para Ralf e olhou fundo em seus olhos. Um sentimento arrebatador tomou conta dos dois. Novamente o tempo parou e, ao som de “Noturno”, música do grande compositor Chopin, os dois ficaram se olhando.

Apesar de fazer muito tempo que Nicole não tocava, ela não esquecera nenhuma nota. O som do piano, irradiando fa-gulhas de paz naquele lugar, chamou a atenção do soldado que estava de guarda na porta. Este se lembrou de seu pai e sua mãe e derramou copiosas lágrimas.

O som foi espalhando-se pelo campo de concentração e, ao atingir o refeitório, fez com que todos parassem o que estavam fazendo, para ouvir a belíssima melodia. Soldados de arma em punho baixaram a cabeça, perante divina luz que se acendia pelo local.

Nicole, como num passe de mágica, fez nascer, por alguns instantes, uma indescritível luz onde antes havia só escuridão.

Ao seu lado, acompanhando cada nota, estavam Andreas e Angelinus, a sorrirem, felizes, vendo os minutos de paz que a pequena garotinha havia trazido ao local.

– Tens razão, meu irmão. Nicole é muito especial! – disse Angelinus, sentindo forte emoção. – E quanto a Katrina e Ralf?

– Não se inquiete, irmão Angelinus. Tudo está acontecendo como deveria acontecer.

Neste momento, Nicole terminou a melodia. Ralf e Katrina não sabiam o que estava acontecendo com eles. Que sentimento estranho era aquele que tomara conta de suas mais profundas fibras íntimas? Seria Amor? Mas, como poderia um oficial alemão se apaixonar por uma judia?

Talvez eles – como muitos até hoje não sabem! – é claro como o raiar de um lindo dia de sol: o amor não escolhe cor, raça ou religião. Ele simplesmente nasce e cresce dentro de cada um de nós, sempre com o consentimento de Deus.

– Desculpe, senhor comandante. Isso não voltará a acontecer – disse Katrina, desviando o olhar.

Ralf Schneider não disse nada. Ficou somente observando a mulher pegar a filha pelo braço e entrar pela porta que ele indicara, momentos antes. Estava paralisado com a beleza de Katrina e com o talento de Nicole. Sentou-se, novamente, na poltrona onde estava, e ficou refletindo sobre tudo que acontecera em sua vida até a presente data. Por diversas vezes, pensou se estava valendo a pena ser o personagem temível que estava sendo. Já havia derramado muito sangue inocente, por intermédio de suas mãos. Estava na hora de mudar. Mas como?

Enquanto Ralf pensava em sua existência, Katrina ralhava com a filha.

– Nicole, como você pôde fazer uma coisa dessas?!... A esta altura, poderíamos estar as duas mortas. O que deu em você?

– Desculpe, mamãe, eu não resisti. O desejo de tocar as teclas daquele piano foi maior que minha própria vontade. Era como se eu já tivesse me sentado frente a ele, alguma vez.

– Eu acho que o soldado que nos trouxe aqui tinha razão – falou Katrina, abaixando o tom da voz. – Talvez essa seja a nossa chance de sair daqui. Por favor, Nicole, não estrague tudo agora!

Com um aceno de cabeça, a menina disse que sim. Despiram-se as duas e tomaram um rápido banho, afinal Katrina poderia estar errada, e o comandante poderia estar só querendo aproveitar-se delas.

Ao saírem do banho, a surpresa que tiveram foi enorme. Uma mesa bem posta, com comida “de verdade”, se podemos por assim falar. Os olhos de Katrina assim como os de Nicole brilharam. Havia muito tempo que elas não viam uma boa comida. Era impossível não encher a boca de água, com tão succulenta refeição, posta com tanto capricho.

– Quero que vocês comam comigo esta noite – disse Ralf.

– O que o senhor está querendo conosco? – perguntou Katrina, de cabeça baixa e com um nó na garganta.

– Vamos nos sentar e comer, pois tomei uma importante decisão que diz respeito a vocês, mas vou falar somente depois de comermos.

Nicole e Katrina, mais que depressa, sentaram-se à mesa e começaram a devorar tudo que tinha pela frente. O comandante, sentado no lado oposto da mesa, observava a cena, com um leve sorriso nos lábios. Era impossível não olhar para Katrina. Estava muito abatida pelo sofrimento que vinha passando, mas não perdera a beleza, em nenhum momento.

Katrina só percebeu que Ralf a observava, quando já estava de barriga cheia. Meio sem graça e com um pedaço de pão na mão, disse:

– Desculpe, senhor. Estamos nos portando como animais.

Segurando a mão de Nicole que não parava de empurrar

comida para dentro da boca, a mulher abaixou a cabeça e começou a chorar. Nicole, sem entender o porquê, ficou observando o desespero de sua mãe.

– Desculpe, senhor, mas eu não aguento mais – dizia ela, entre soluços e lágrimas. – Seria melhor ser levada nos braços da morte a continuar viver desta maneira. Pouco a pouco, vejo minha filha e eu nos tornarmos animais imundos. Pessoas com quem conversamos, ainda ontem, hoje já estão mortas. Eu não suporto mais ver cadáveres jogados pelas vielas por onde passamos. Desculpe-me, mas eu não aguento mais! Por favor, liberte-nos!

Ralf Schneider estava comovido com o desespero daquela mulher. Ele sabia que entre eles jamais haveria alguma coisa, mas, naquele instante, perante o sentido pranto de tão formosa criatura, ele descobriu que a amava.

O temível comandante Ralf Schneider, durante toda sua vida, se fechara dentro de seu próprio egoísmo, não deixando uma brecha que fosse para que o amor penetrasse em seu coração. Porém, este divino sentimento que todas as criaturas têm não vem de fora para dentro. Ele brota da alma do ser e, naquele instante, chegara o momento de desabrochar naquele homem cujas duras realidades da vida transformaram em um ser desprezado por todos.

– Tenho uma grande revelação a fazer e espero que vocês me compreendam – disse o comandante, dando vazão ao sentimento que sentia.

Katrina, parando de chorar, e Nicole, parando de comer, ouviram atentas o que Ralf tinha a lhes falar.

– Todo mês, nesta data, a maioria dos soldados que estão sob meu comando tiram folga – continuou Ralf. – Escolhi a dedo os que ficariam de serviço nesta data. Tentei segurar,

neste dia, somente os que detêm um pouco de humanismo no coração, muito embora seja difícil encontrar isso num soldado da SS. Muitos dos que estão trabalhando hoje sabem que esta é uma data especial, porém alguns não. Há, entre aqueles que estão de serviço esta noite, alguns que sentem o prazer de matar. Mas, mesmo assim, eu arrisco o conselho de que vocês devem tentar fugir.

– Se é assim tão bondoso, por que matou um homem a sangue frio, diante de todos, no dia em que aqui chegamos? – disse Katrina, com certa ranhura na voz. – Como vamos saber que isso não é uma cilada, armada para nos matar, também?

– Infelizmente, tenho que manter a ordem neste lugar. Não me agrada matar pessoas e, muito menos, fazê-las sofrer – respondeu o comandante. – Quanto a saber se estou dizendo a verdade, vocês terão que confiar em mim.

– Senhor – falou Nicole, com a voz tímida –, posso tocar mais uma música no seu piano?

– Não, Nicole! – gritou Katrina. – Isso não é uma colônia de férias.

– Por favor, Katrina, deixe-a tocar mais uma música. Este piano está parado há tanto tempo, deixe-a tocar.

Ao dizer as últimas palavras, num impulso, Ralf segurou a mão calejada de Katrina. Ela, sem graça, puxou rapidamente a mão, abaixando a cabeça.

Nicole, vendo que o comandante consentira que ela tocasse mais uma música, saiu correndo ao encontro do piano e, sentando-se diante das teclas, tocou mais uma suave melodia.

Katrina tinha medo do que poderia acontecer com sua filha, afinal o comandante Ralf Schneider ainda era um desconhecido para ela, e alguém em quem ainda não podia confiar.

Deve orgulhar-se muito de sua filha – disse Ralf, olhando para ela.

– Orgulho-me muito. Ela é muito especial – respondeu Katrina, secamente.

– Onde ela teve aulas de música? Pois toca como se fosse profissional. Deve ter tido um excelente professor – observou o comandante, fascinado pelo talento de Nicole.

– Ela não frequentou escola alguma. Caso não saiba, senhor, os judeus não têm muita regalia no ensino. Minha menina aprendeu a tocar com meu marido.

– Você deve tê-lo amado muito – arriscou perguntar Ralf.

– Não, eu não o amei. Eu ainda o...

Katrina não conseguiu terminar a frase. No momento em que ia dizer que ainda amava o seu falecido marido, seus olhos encontram-se com os do comandante. Mais uma vez, um tremor se apossou dos dois. Os corações se aceleraram e o tempo parou.

Acompanhado pela suave música que a doce Nicole tocava, Ralf pegou, mais uma vez, as mãos de Katrina. Não contendo a emoção que aflorava em seu peito, disse:

– Eu nunca me declarei a ninguém, mas esta noite preciso mudar minha conduta. Katrina, eu quero que você e Nicole fujam daqui. Um sentimento muito forte se apossou de mim, desde o primeiro momento em que a vi. Tenho consciência de que é uma mulher de respeito e que, pela distância que existe entre nós dois, jamais poderá acontecer algo entre nós. Desculpe ter feito vocês duas sofrerem por todo este tempo e gostaria de poder ter libertado vocês antes, mas não pude.

Katrina deixava que grossas lágrimas escorressem por seu rosto. Naquele instante, lembrava-se de seu marido e de como fora impiedosamente morto pelos alemães. Não tinha palavras, naquele momento, para reagir ao discurso do comandante.

– Fuja, Katrina! Prefiro ter você longe de mim a ter você sofrendo dessa maneira! – disse ele, soltando as mãos da mulher.

A mulher não sabia o que fazer. Não sabia nem mesmo o que dizer, diante daquela situação. Levantou-se e correu para abraçar a filha que ainda se deliciava nas teclas do piano.

– O que houve, mamãe? Diga-me o que aconteceu – falou Nicole, vendo o rosto de sua mãe banhado em lágrimas.

Diante da pergunta da filha, Katrina comoveu-se ainda mais. Apertando-a contra o peito, respondeu:

– Não aconteceu nada, minha filha. Foi só a música que me fez lembrar seu pai. Vem, vamo-nos daqui!

A mulher segurou na mão da filha e saiu lentamente em direção à porta. Ao tocar com a mão na maçaneta, ouviu a voz de Ralf que ainda estava parado no mesmo lugar.

– Por favor, Katrina, tente sair daqui. Não comente nada com ninguém o que se passou aqui, mas tente ganhar sua liberdade.

Katrina virou-se para o comandante e lhe disse:

– E por que o senhor não nos tira daqui com segurança?

– Não posso. Estaria arriscando, além de suas vidas, a minha também.

Concordando, Katrina virou-se e, quando ia abrir a porta, mais uma vez ouviu a voz do comandante:

– Katrina, eu amo você!

Sem dizer nada, Katrina ficou parada, de cabeça baixa, procurando alguma palavra que pudesse dizer, mas o silêncio foi o que conseguiu encontrar dentro de si.

Abriu a porta e, escoltada pelo mesmo soldado que a levava até o aposento do comandante, voltou para seu galpão. A cada passo que dava, no caminho de volta ao dormitório, ia

pensando nas palavras de Ralf. Estaria ele mesmo dizendo a verdade? Será que o temível comandante Ralf Schneider teria mesmo se apaixonado por ela? Será que seria verdade que alguns dos soldados que estavam trabalhando aquela noite facilitariam a sua fuga?

Muitos pensamentos passavam por sua cabeça e, ao chegar, novamente, frente à porta de seu galpão dormitório, foi acordada de seus devaneios pela voz do soldado que as acompanhava.

– Senhora, tente seguir os conselhos do comandante. Quando escutarem o sinal para os soldados mudarem de posição, corram o máximo que puderem para o grande portão. E não parem de correr até atravessarem o riacho que tem na mesma direção.

O soldado, abaixando-se próximo de Nicole, disse:

– Meus parabéns, garotinha, você toca divinamente bem. Tenha uma boa sorte esta noite!

Katrina não sabia o que fazer. Se tentasse fugir, como sugerido pelo comandante, estaria colocando em risco a vida dela e de sua filha. Por outro lado, se ficasse vivendo naquela situação, estaria assinando a sentença de morte de ambas.

Antes de entrar no galpão, ela deu uma olhada à sua volta. O soldado que a humilhara, horas antes, estava vigiando e olhava para ela com o brilho da morte na face. Katrina teria que tomar uma difícil decisão.

Ao entrarem no galpão, algumas pessoas ainda estavam acordadas e ficaram olhando para as duas, com curiosidade e dó. Uma jovem que dormia a seu lado, percebendo que Katrina havia chorado bastante, devido aos olhos inchados e vermelhos, perguntou se o comandante havia feito algum mal para elas.

– Sim! Ele nos fez mal, sim! – disse Katrina, deixando o que sobrava do seu pranto aflorar.

– Sinto muito – disse a jovem.

– Não sinta. Pelo menos, minha pequena Nicole teve a oportunidade de colocar um pouco em prática o que aprendeu de música com o pai.

– Era Nicole que estava tocando? – perguntou a jovem, interessada.

– Sim, era minha menininha.

Nicole, que já estava em seu leito, fingia que dormia, mas acompanhava toda a conversa, ao mesmo tempo em que pensava: “Temos que sair daqui ou minha mãe não vai aguentar”.

De súbito, as luzes se apagaram, e a conversa foi interrompida pelos passos de soldados que caminhavam do lado de fora do galpão.

Dormir, naquela noite, seria impossível, pelo menos para Nicole. Katrina, logo que se deitou, foi vencida pelo cansaço e adormeceu. Mas Nicole, não.

Capítulo X  
**NOS BRAÇOS DA MORTE**

Já era por volta de três horas da madrugada. Ao longe, Nicole ouvia os rumores dos soldados que estavam de plantão. Risos misturados a palavras de baixo calão faziam parte das noites daquele lugar.

Nicole, com os olhos abertos, acesos como se fossem duas lanternas clareando uma escuridão mórbida, escutava e prestava atenção a todos os detalhes que se passavam à sua volta. Ela sabia que o sinal que era dado, usualmente, para a troca de posições dos guardas, estava para ser dado. Em silêncio, desceu de seu leito e, chegando ao leito abaixo que era de sua mãe, fez menção de acordá-la, mas, ao levar a mão na direção do corpo de sua mãe, percebeu que ela estava de olhos abertos.

– Pensei que estava dormindo, mamãe – disse a menina, num sussurro baixinho, para que ninguém a ouvisse.

– O que você quer fazer, Nicole? – disse a mulher, também em voz baixa. – Se ficarmos aqui, morreremos de fome ou de alguma dessas doenças que estão dizimando muitos. Por outro lado, se tentarmos fugir, correremos o risco de sermos mortas pelos soldados que não têm conhecimento dos intentos do comandante.

Após breve pausa, algumas lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Katrina. Em desabafo, ela disse à filha:

– Eu não sei o que devemos fazer. Já não aguento tanto sofrimento nem tanta humilhação. Desespero-me em saber que corro o risco de perdê-la, minha filha. Eu não aguentaria viver sem você ao meu lado.

– Você não vai me perder, mamãe. Estaremos sempre juntas.

A exemplo de Ralf, quando criança, Nicole parou, por um instante, olhando para o nada e, em seguida, disse para sua mãe:

– Se ficarmos, morreremos, mais cedo ou mais tarde; não aguentaremos esta vida e morreremos como vem acontecendo com muitos. Se tentarmos fugir, teremos uma chance de seguir nossas vidas. Outros prisioneiros já conseguiram, e nós também vamos conseguir.

Aquela era a injeção de ânimo que estava faltando para Katrina. A mulher levantou-se do seu leito, sem fazer barulho, e deu um abraço na filha.

– Eu a amo mais que tudo, Nicole.

– Também amo você, mamãe – disse a menina, retribuindo o forte abraço.

– Prometa que, caso aconteça alguma coisa de ruim, você vai continuar lutando com toda a sua força, até o fim – disse Katrina, olhando, firmemente, nos olhos da filha.

– Prometo, mamãe. Mas não se preocupe com isso, nós vamos conseguir.

Neste instante, tocou o apito para que os guardas trocassem as posições. Katrina olhou assustada à sua volta e, colocando-se em alerta, pegou a mão da filha e foi em direção à porta do galpão.

Havia um grande cadeado que fechava a porta pelo lado de fora. Para sua surpresa, o cadeado estava aberto. Katrina percebeu, naquela hora, que o comandante devia estar falando a verdade, quanto à facilidade de sua fuga.

Abriu a porta, devagar, e olhou para os lados. Certificou-se de que não havia ninguém por perto. Tomando a mão de Nicole, Katrina correu o mais que pode em direção ao portão principal. Com passos trôpegos, as duas tentavam silenciar a corrida o máximo possível. Ao longe, ouvia-se a voz de alguns soldados que tentavam distrair os que não sabiam da fuga. Aquela distração não duraria muito tempo, por isso Katrina e Nicole corriam como nunca correram antes.

Conseguiram alcançar o portão principal, mas, para surpresa de Katrina, ela viu um soldado de guarda em frente ao portão. O soldado virou-se e Katrina viu que se tratava do soldado que as levara para o dormitório do comandante. O soldado, ao avistar as duas, deu um leve sorriso e se virou de costas, fingindo que não as vira. As duas, então, passaram correndo por detrás do soldado, alcançando, assim, a parte de fora do gueto.

Katrina virou-se e, olhando para o soldado, apenas por alguns segundos, disse:

– Muito obrigado, jamais me esquecerei do senhor.

Nicole, puxando a mãe pelas mãos, forçou-a a virar-se novamente. No momento em que Katrina virou-se, um estampido seco se fez ouvir naquela cálida noite. A mulher parou e virou-se para ver o que havia acontecido. A cena que se desenrolara em sua frente foi aterradora. O soldado que a havia ajudado estava deitado com um tiro na cabeça; ao seu lado, apontando a arma para ela e para a filha, estava o maldoso soldado que a havia agredido naquele fim de tarde.

– Paradas as duas ou eu atiro! – gritou o soldado. – O comandante vai adorar saber que este traidor facilitou sua fuga, judia vagabunda!

Neste instante, muitos outros soldados chegaram até o local, levados pelo barulho do tiro que tirara a vida do soldado. Em poucos instantes, havia vários soldados de arma em punho, prontos para atirar em Katrina e Nicole.

Levada pelo desespero e pela emoção, Katrina puxou a mão da filha e, num impulso, começou a correr, praticamente arrastando Nicole pelo braço.

– Paradas ou eu atiro! – gritou o mesmo soldado.

Vendo que as fugitivas não paravam, o homem deu a ordem para que os demais soldados abrissem fogo contra elas.

Foi uma verdadeira chuva de balas em direção das duas fugitivas. Katrina, percebendo o erro que cometera, ajoelhou-se e, com seu próprio corpo, protegeu Nicole do sangrento ataque.

– Cessar fogo! – gritou o homem.

Os soldados pararam de atirar, e alguns se aproximaram de onde estavam Katrina e Nicole.

Katrina, ainda de joelhos, protegendo a filha, estava muito trêmula e com várias perfurações de bala nas costas. Nicole, em estado de choque, estava com um machucado profundo no braço, devido a uma bala que lhe pegara de raspão. A menina tremia muito, enquanto Katrina ia tombando aos poucos. Arrebanhando um mísero resto de forças que tinha, Katrina, chorando, disse para a filha:

– Desculpe, minha menina, eu não vou conseguir. A mamãe ama muito você. Lembre-se de sua promessa, jamais desista de lutar. Lute, com todas as suas forças. A mamãe estará junto com o papai, olhando por você, daquela estrelinha que você viu na outra noite. Nunca desista, minha criança, nunca desista!... Não desista!... Não... desista...

Quando Katrina disse as últimas palavras, seu rosto já estava colado no chão frio de terra dura. Nicole não chorava; aliás, Nicole não esboçava sentimento algum. Seu rosto parecia ter-se petrificado. O ferimento que ela tinha no braço, apesar de ser muito profundo, aparentava não estar lhe causando dor alguma.

Os soldados rodearam as duas, e o homem que havia descoberto a fuga e matado o outro soldado que estava de guarda, chegou diante da cena. Ao ver que Katrina estava morta, esboçou um ligeiro sorriso, olhou para Nicole e disse:

– Ninguém sai daqui com vida! Se pensou que poderiam fugir, estava enganada.

Terminando a frase, o homem sacou a arma, mas, ao invés de atirar contra Nicole, deu-lhe uma forte coronhada na cabeça. A menina, que já estava em estado de choque, perdeu completamente os sentidos. Desacordada, Nicole foi levada pelos soldados para a enfermaria, com um ferimento enorme no braço e com um grande corte na cabeça, que sangrava muito.

No seu quarto, Ralf Schneider chorava muito. Naquela noite, ele não conseguiu dormir e, do seu aposento, ouviu os disparos. Com certeza, a única mulher que despertara os seus sentimentos mais profundos estava morta. Mais uma vez, ele se culpava pela morte de pessoas inocentes.

Na enfermaria, uma frágil garotinha era colocada em um leito sujo, onde teve seus ferimentos limpos e suturados por uma bondosa enfermeira alemã. Nicole, desacordada, devido à violência do golpe, nem sequer conseguia desprender-se do seu corpo físico.

Embora os soldados tivessem retirado o corpo de Katrina do local onde acontecera o brutal fuzilamento, ela ainda continuava deitada, inconsciente, no mesmo lugar. Seu corpo espiritual, entorpecido pelo rápido desencarne, não assimilara, de imediato, a sua nova condição.

– Angelinus, me ajude a arrumar Katrina, para que os socorristas a levem – disse Andreas ao seu amigo.

O abnegado trabalhador do Senhor, que se postava junto a Andreas, ajudou o amigo a melhor acomodar Katrina. No corpo perispiritual da mulher, os buracos de bala ainda sangravam muito.

É estranho dizer que espírito sangra, mas, se estudarmos um pouco a respeito das desencarnações violentas, veremos que fica registrado no perispírito do ser, os últimos acontecimentos com seu corpo carnal. O próprio subconsciente do ser, mesmo este estando inconsciente, plasma seu corpo perispiritual com as mesmas características que ele tinha, momentos antes do desligamento corpóreo, inclusive os ferimentos e até mesmo as roupas que usava.

– Acha que Katrina vai se recuperar rápido? – perguntou Angelinus.

– Isso ninguém pode dizer ao certo, meu amigo – respondeu Andreas. – Muitas vezes, o espírito logo percebe sua nova condição de liberto do cativo carnal, porém também é muito frequente que o ser demore anos, até mesmo décadas, para perceber que desencarnou. Talvez Katrina durma, por um logo período, mas isso é impossível de se prever, e o melhor a fazer agora é levá-la para o pronto-socorro, o mais rápido, para que seu perispírito comece a receber o devido tratamento, o quanto antes.

Mal Andreas terminara de falar, sentiu uma mão amiga que bateu em seu ombro. Ao virar-se para ver de quem se tratava, deparou-se com três amigos seus da espiritualidade.

– Olá, Andreas, há quanto tempo não o vejo! – disse o líder da equipe que aparentava ter por volta de trinta anos.

– Pietro! Que bom revê-lo! – disse Andreas, retribuindo a cordialidade com um caloroso abraço. – Deixe-me lhe apresentar Angelinus. Esse nosso irmão está estagiando em uma missão junto comigo.

Pietro deu um abraço em Angelinus, dizendo:

– Muito prazer, Angelinus, se está fazendo um estágio com o irmão Andreas é porque tem muito merecimento. Tenho certeza de que está aprendendo muito.

– Muito, mesmo, irmão Pietro. Andreas é um ótimo professor e amigo.

– Sim, é verdade, sei disso porque já fui seu aluno, assim como você.

Todos deram risada da expressão de espanto que Angelinus fez.

Enquanto eles conversaram, os outros dois espíritos que estavam acompanhando Pietro colocaram Katrina em uma espécie de maca.

– Irmão Andreas, irmão Angelinus, estes são Mâmbolo e Charles – disse Pietro, apontando para seus ajudantes. – São trabalhadores incansáveis que tenho o privilégio de ter ao meu lado, nos socorros prestados na crosta terrestre.

Era evidente, não só pelo nome, mas também pela aparência, que Mâmbolo era oriundo do continente africano, e Charles era, provavelmente, da Inglaterra. Após as devidas apresentações, Pietro retomou a conversa com Andreas.

– As coisas estão ficando cada vez mais difíceis, irmão Andreas – disse ele. – Os homens, aparentemente, perderam toda a fé de um futuro melhor. Por onde temos passado para prestar socorro, temos visto a destruição que esta guerra vem impondo aos habitantes do orbe terrestre. Tenho o receio de que todos perderam sua fé em Deus.

– Não pense assim, Pietro. Apesar de estarmos passando por um momento muito difícil, sabemos que nada acontece sem o consentimento do Pai – respondeu Andreas. – A humanidade vai retirar inestimáveis valores de toda esta situação. Hoje, onde vemos somente a discórdia e a destruição, veremos, amanhã, lições que mudarão muito a maneira de pensar da maioria dos seres. Lembre-se de que é na dificuldade que aprendemos mais.

– Tem razão, Andreas. Apesar de a Terra estar sendo bombardeada por falanges que colaboram com o mal, vemos que, em muitos lugares, pessoas de bom coração, encarnados ou não, tentam fazer algo por seus semelhantes. É o caso de um homem chamado Schindler. Apesar de ser influente empresário alemão, está tentando salvar muitas vidas.

– Temos aqui também o caso do nosso amigo Ralf – disse Andreas. – Apesar de ser um temível oficial alemão, tem, dentro do peito, um coração que vibra muito amor. Infelizmente, nosso amigo acabou se perdendo na difícil provação de autoridade, mas podemos observar que ele tenta livrar-se das amarras de seus erros, ajudando alguns infelizes prisioneiros a fugir.

Após alguns instantes refletindo, Pietro disse para Andreas:

– Que mundo melhor teríamos se, ao invés de pensar em poder material, o homem pensasse mais em ajudar seu semelhante.

– Isso seria uma utopia, irmão Pietro, e isso a Terra está longe de alcançar – disse Andreas.

– Bem, irmãos, a nossa conversa se prolongou por demais. Devo levar Katrina, para que inicie seu tratamento – falou Pietro. – Mas, antes, vamos fazer uma prece todos juntos, para que se derrame sobre a Terra um pouco de luz e de paz.

Os integrantes da equipe de Pietro, ele próprio, Angelinus e Andreas, formaram um círculo, em torno da maca onde Katrina estava acomodada. Após proferir linda prece que continha pedidos de paz e amor aos homens da Terra, os socorristas, levando Katrina deitada na maca, começaram a caminhar em direção a um túnel de luz que apareceu próximo do grupo.

Antes de ser inundado por radiante luz branca, Pietro virou-se para os amigos e disse:

– Vamos nos encontrar mais vezes, irmãos! Que a paz de Deus possa habitar os nossos corações!

– Até breve, amigos! – disse Andreas aos socorristas.

Pietro virou-se e começou caminhar para dentro do túnel. À medida que ia entrando no túnel, este ia diminuindo a intensidade de luz, até que se apagou por completo.

– Acha mesmo que o veremos, em breve, Andreas? – perguntou Angelinus.

– Muito antes do que você imagina, meu amigo – respondeu Andreas, colocando a mão nas costas de Angelinus, incentivando-o a caminhar em direção à enfermaria.

Ralf Schneider, que passara a noite toda de uniforme, andando de um lado para o outro de seu quarto, encontrava-se agora sentado em sua poltrona, esperando que algum soldado lhe trouxesse alguma notícia de Katrina e de Nicole, muito embora, em seu íntimo, sentia que estavam mortas.

Fortes batidas na porta se fizeram ouvir, pondo o comandante em alerta.

– Comandante!... Abra a porta, senhor, pois tenho más notícias.

Ralf Schneider reconheceu a voz de um dos soldados mais cruéis que ele tinha em seu batalhão. Levantou-se e foi em direção à porta, para abri-la. Ao ver o soldado parado em frente

à porta, nem se deu conta de que atrás dele havia o corpo de um de seus mais confiáveis soldados, junto com o corpo daquela que despertara seu sentimento de amor.

– Senhor, tenho más notícias! – disse o homem que assassinara, friamente, o bondoso soldado. – Dois prisioneiros estavam tentando fugir pelo portão principal; um dos nossos homens estava facilitando a fuga e, por sorte, passei pelo local, no momento em que eles estavam saindo.

– Onde estão os prisioneiros e o soldado traidor? – perguntou Ralf, tentando, com um tom de rispidez à voz, disfarçar sua decepção.

O soldado não respondeu nada, somente saiu da frente para que o comandante pudesse ver os corpos estirados sob um sujo pano branco.

– Você me disse que havia mais de um prisioneiro. Onde estão os outros? – perguntou, mais uma vez, o comandante tentando descobrir o que havia acontecido com Nicole.

– Sim, senhor. Havia, junto com a mulher, uma menina. Ela foi encaminhada para a enfermaria.

– Levem os dois corpos e joguem na vala – deu a ordem o comandante. – Depois avisem da baixa do soldado. Digam que um prisioneiro o matou, pois não quero ninguém do Hitler vasculhando o nosso campo.

O soldado, que estava parado, escutando as ordens do comandante, virou-se e, com um aceno de cabeça, fez sinal para que os outros soldados cumprissem as ordens. Depois que os outros se afastaram, voltou a dirigir-se ao comandante:

– Senhor, não é do meu feitio questionar o que meus superiores fazem, mas não pude deixar de notar que, toda vez que um prisioneiro tenta fugir, antes ele passa pelo seu quarto. Espero que isso não tenha ligação com o senhor, com todo respeito, é claro.

Ralf não pensou duas vezes. Suas atitudes estavam colocando-o em situação de risco, e aquele soldado poderia levá-lo à morte. Sacou sua arma e deu um tiro entre os olhos do homem, que tombou sem vida.

Apressado, colocou a arma que estava no cinturão do soldado em sua mão e olhou em sua volta, para certificar-se de que não havia ninguém olhando. Em poucos minutos, vários soldados estavam frente à cena, atraídos pelo barulho do tiro.

– Senhor! O que aconteceu? – perguntou um soldado.

– Este homem tentou me matar – explicou-se o comandante, arquivando mais uma mentira em seu vasto currículo. – Disse que planejou a fuga daquela judia porque estava apaixonado por ela e, como não conseguiram fugir, iria me matar, por eu ter abusado delas, na noite passada.

O soldado que perguntou também não sabia dos ocultos planos do comandante, mas alguns que ali estavam trocaram olhares desconfiados, pois sabiam que aquele soldado que estava morto não ajudaria e, muito menos, se apaixonaria por judia alguma neste mundo.

– Se é assim, senhor, o que devemos fazer com o corpo deste verme? – voltou a perguntar o soldado.

– Joguem-no na vala, junto com os outros – respondeu, secamente, o comandante.

O dia já estava amanhecendo, quando a situação começou a normalizar-se. Os soldados que estavam de guarda na noite que passara começaram a trocar de turno com outra turma que estava chegando do descanso. Mulheres, homens e crianças de corpo esquelético começavam a circular pelos corredores de arame farpado, para iniciarem sua jornada de trabalho diário. Nenhum deles ousava comentar sobre os tiros que foram ouvidos, à noite, mas a maioria deles sabia que, naquela noite, alguém tinha morrido.

Depois do ocorrido, Ralf trancou-se em seu aposento, para remoer o remorso de ter sido o responsável direto e indireto da morte de quatro pessoas.

– Até quando? – perguntava-se ele. – Até quando?

Passado algum tempo, Ralf escutou batidas em sua porta e, despertando de seus pensamentos, levantou-se para atender. Era uma enfermeira que o chamava.

– Senhor, esperei que passasse em ronda pela enfermaria hoje, mas, como o senhor não apareceu por lá, tomei a iniciativa de vir aqui para chamá-lo. Esta madrugada, uma garotinha judia deu entrada em nossa enfermaria. Ela estava com um tiro de raspão no braço e um profundo corte na cabeça, ocasionado por um golpe.

O comandante Schneider escutava, atenciosamente, a mulher falar. Afinal, teria Nicole também morrido?

– Vá logo ao assunto – apressou Ralf.

– Bem, senhor! Hoje pela manhã, ela despertou e pediu para ver o senhor – disse a enfermeira, indo diretamente ao assunto. – Eu disse a ela que não tinha o direito de exigir tal coisa, mas algo em seu olhar me implorava que viesse chamá-lo.

Neste instante, uma aeronave passou em voo rasante por sobre eles. Pelo modo de como se posicionou no ar, ela iria pousar. Era um avião de médio porte. Possivelmente, estava trazendo alguém importante.

– Vou até a pista de pouso e, mais tarde, passarei para ver o que a menina quer – disse o comandante em voz alta, para encobrir o barulho do motor da aeronave. – Peço que não deixe que ela morra. Dependendo do que for, quero matá-la com minhas próprias mãos.

A enfermeira ouviu as últimas palavras do comandante e virou-se para sair. Ao dar as costas para Ralf, ela não pôde

deixar de esboçar um sorriso sarcástico. Ela, assim como muita gente, já estava sabendo que o comandante estava tentando ajudar alguns prisioneiros a fugir. Para a enfermeira, aquilo era um alívio, pois podia, assim, cumprir com sua obrigação de salvar vidas, independentemente de quem quer que fosse. Porém os rumores começavam a chegar ao alto escalão do exército alemão. Ralf Schneider estava correndo o risco de ser fuzilado.

Sem se dar conta do que estava começando a se passar, Ralf pôs seu quepe e rumou em direção à pista de pouso, que ficava do lado de fora do campo. Passou pelos corredores de arame farpado. Naquela hora, todos estavam trabalhando, e não havia ninguém em seu caminho. Chegou até o grande portão que dava acesso à parte externa do campo. Um soldado que montava guarda no portão cumprimentou-o, batendo continência e esticando o braço direito à altura da cabeça.

O temível comandante retribuiu o cumprimento e saiu na direção da pista de pouso. Quando pôs os pés para o lado de fora do portão, deparou-se com uma enorme mancha de sangue no chão, que estava a aproximadamente vinte metros dele. Caminhou devagar até onde estava aquela mancha. Ele sabia a quem pertencia aquele sangue. Katrina havia morrido ali. A única mulher que ele tinha amado de verdade morrera naquele local, tentando proteger a vida da filha. Ao aproximar-se mais daquela mancha, Ralf sentiu algo estranho. Era como se fosse perder a consciência. Lembrou-se, então, de que já sentira algo parecido, havia muito tempo. Uma vez, quando viu sua falecida irmã coberta de vermes.

Naquele instante, tudo começou a rodar. Ralf estava parado em frente à enorme mancha de sangue no chão e, em seus ouvidos, chegavam gritos e gargalhadas que pareciam vir do

inferno. Tentou focar seus pensamentos, mas não conseguia. A cada piscada de olho que ele dava, figuras sinistras apareciam.

– Você vai morrer, seu verme! Vamos matá-lo!... – diziam algumas das entidades ali presentes.

Como em seu pesadelo de infância, o comandante visualizou pessoas que carregavam suas próprias cabeças decapitadas. Essas pessoas gritavam por vingança, e eram homens, mulheres e crianças.

As aparições se tornavam mais claras e, quanto mais o comandante se assustava, mais ainda elas gritavam. De súbito, Ralf olhou para a direção da grande vala, onde eram jogados os corpos, depois que tinham a cabeça raspada. Muitos dos prisioneiros ali jogados foram enterrados vivos, com o pretexto de não servirem mais para o trabalho.

Ralf percebeu que uma pessoa tentava sair da terra. Era um homem de uniforme que logo ficou em pé. Num piscar de olhos, ele estava diante do comandante. Ralf Schneider o reconheceu.

Muito embora o rosto do homem estivesse deformado e sua cabeça sem os cabelos, Ralf reconheceu o soldado que ele mesmo havia matado.

Com um olhar sinistro, cheio de rancor e ódio, o soldado fitou, profundamente, os olhos do comandante e disse:

– Você logo vai morrer, e eu, pessoalmente, estarei esperando-o! Assassino!

O soldado que estava de guarda no portão, ao ver o comandante estacado no lugar como se estivesse petrificado, foi ver o que estava acontecendo.

A imagem do soldado assassinado por ele não saía de sua tela mental. O soldado que se aproximou de Ralf tocou-lhe ao ombro. Ralf olhou para ele, com os olhos tão esbugalhados que até pareciam que iriam saltar das órbitas.

– Senhor, aconteceu alguma coisa? – perguntou o soldado, recuando assustado da fisionomia do comandante.

O silêncio foi a resposta do comandante. Ralf olhava para o soldado como se estivesse vendo mais além. Parecia não ver mais a realidade que se passava à sua volta.

– Ei! Soldado! O que está acontecendo? – perguntou uma voz que se aproximava.

O soldado, olhando para traz, reconheceu que era um superior que acabara de descer do avião. Fez a devida reverência e disse:

– Senhor, eu não sei. O comandante estava a caminho da pista de pouso e de repente parou e ficou assim com os olhos esbugalhados.

O soldado superior que tinha o título de capitão do exército alemão aproximou-se de Ralf e, carinhosamente, pôs a sua mão no ombro do comandante.

– Ralf? Tudo bem com você, meu amigo? – disse ele num tom amável.

O comandante, virando o olhar para o capitão, disse:

– Eu vou morrer, Otto!... E vou queimar nas profundezas do mais tenebroso inferno!...

Após dizer isso, Ralf perdeu a consciência e, se Otto não estivesse por perto para segurá-lo, teria tombado de cara no chão.

## Capítulo XI POR VOCÊ

A visita inesperada de Otto surpreendeu o comandante Schneider. Depois de ter ficado inconsciente por quase uma hora, Ralf despertou e espantou-se ao ver o velho amigo sentado ao seu lado, no seu quarto.

Não sabia ao certo o que tinha acontecido com ele, porém lembrava-se de alguns detalhes e cenas que ocorreram fora do campo, momentos atrás. Estava meio confuso e lhe era difícil organizar os pensamentos. Lembrou-se então da aeronave que passara voando baixo e que pousara na pista que ficava do lado de fora do campo. Imaginou então que Otto provavelmente teria chegado naquele avião, mas o que o velho amigo de infância estaria fazendo ali?

Ralf e Otto reencontraram-se, depois de muito tempo, em um treinamento militar. Ambos escolheram essa profissão, mas como os pais adotivos de Ralf tinham mais posses, ele conseguiu chegar ao posto de comandante, enquanto Otto tornou-se apenas capitão.

No dia em que Otto deparou-se com Ralf, ele nem acreditou. Foram tantos anos longe que um até pensou que o outro tinha morrido. Otto tentou tocar no assunto da morte de sua irmã Margret e de como Ingrid estava cuidando muito bem do orfanato, mas Ralf não quis saber e disse, além de tudo, que a única família que ele tinha era sua família adotiva. Otto então resolveu nunca mais tocar no assunto.

Depois daquele programa de treinamento, Otto foi para um lado, e Ralf, para outro. Encontraram-se, algumas outras vezes, mas foram sempre encontros rápidos em que quase nem tiveram a chance de conversar sobre o passado.

Tudo parecia meio embaralhado, na cabeça de Ralf, e, mais uma vez, ele se perguntou: “O que estaria meu velho amigo Otto fazendo aqui?”

Otto, percebendo que o amigo estava despertando do súbito desmaio, aproximou-se de seu leito e disse:

– E então, Ralf, sente-se melhor?

– O que aconteceu, Otto? Por que você está aqui? – perguntou Ralf, tentando levantar-se da cama.

– Vim resolver um problema e, quando cheguei, me deparei com você tendo uma baita crise, em frente o portão do campo. O piloto que me trouxe e outro soldado, juntamente comigo, carregamos você para cá.

Ralf, olhando para os lados, para ver se não havia mais ninguém junto com eles, disse para o amigo:

– Foi terrível, Otto. Tive a impressão de que todas as pessoas que matei me pegariam naquele instante!

– Isso já aconteceu antes, Ralf? – perguntou Otto, desconfiado de que o amigo não estava psicologicamente bem.

– Forte assim, somente quando eu era criança. Faz muito tempo que eu não tenho essas alucinações.

Otto correu o olhos pelo quarto do amigo e percebeu que, ao lado da cama, havia uma garrafa de bebida.

– Você deveria procurar o médico, talvez esteja trabalhando demais.

– Vou fazer isso – disse Ralf, levantando-se. – Mas me diga, qual é o problema que você veio resolver?

O amigo ficou olhando-o, por algum tempo, e depois de sentar-se, pediu:

– Acho melhor você sentar-se. O que tenho a dizer não é bom para você.

No momento em que Otto ia começar a falar, algumas batidas na porta se fizeram ouvir. Ralf novamente se levantou e foi em direção à porta, para abri-la. Era novamente a enfermeira, agora acompanhada de Nicole.

A menina, ainda com a roupa manchada de sangue dela e de Katrina, olhava para o comandante, com o olhar mais doce e angelical que poderia existir. A enfermeira, por sua vez, tinha os olhos lacrimejantes e vermelhos como de quem acabara de chorar muito.

– Me desculpe, senhor – disse ela –, mas não pude recusar o apelo de tão doce criatura. Ela me disse que agora não tinha ninguém neste mundo e que queria muito lhe fazer um pedido.

Ralf olhou para o amigo que, a essa altura, já estava novamente de pé ao seu lado. Olhou para a enfermeira e para Nicole, que estava parada, de cabeça baixa, esperando a sua vez de falar.

– Rápido, entrem vocês duas. Não quero que o restante dos prisioneiros e soldados vejam vocês à minha porta.

Depois que as duas entraram, Ralf pediu para que Otto se sentasse novamente. A enfermeira e Nicole ficaram em pé. Seguiram-se alguns minutos de silêncio. Otto olhava desconfiado para Ralf, que olhava com muita doçura para Nicole. Sentia-se muito culpado pelo que acontecera com Katrina, mas não podia manifestar seu sentimento perante o amigo e a enfermeira.

– Muito bem! Vocês podem me dizer o que está acontecendo aqui? – perguntou Otto, quebrando o silêncio.

Nicole olhou desconfiada para o homem, não sabia se podia falar ou não sobre o acontecimento. Ralf, vendo a desconfiança da menina, encorajou-a a falar, pois podia confiar em Otto. Quanto à enfermeira, Nicole já lhe deveria ter contado o

que acontecera; depois, ele pediria para que ela guardasse segredo. Ralf, conhecendo-a muito bem, sabia que ela também era uma boa pessoa e que não gostava dos maus tratos que eram aplicados àquela gente.

Nicole, percebendo que Ralf a liberara para falar, posicionou-se diante do comandante que estava sentado e disse:

– Eu não quero que você se culpe pelo que aconteceu com minha mãe. Tenho certeza de que suas intenções eram boas. Quero que saiba que eu também não culpo você e que perdoo todo o mal que me foi feito até hoje.

Dizendo isso, Nicole, inesperadamente, deu um forte abraço no comandante. Aquelas palavras e aquele gesto caíram como glorioso remédio nas feridas que Ralf trazia na alma, arrancado lágrimas do temível comandante Ralf Schneider.

– Só tenho um último pedido para o senhor – continuou Nicole. – Quero morrer e me juntar a meu pai e à minha mãe.

O comandante, com o rosto banhado em lágrimas, olhou assustado para a enfermeira que também chorava muito. Era a primeira vez que ouvia de um prisioneiro que este queria morrer. Enquanto o restante do campo lutava pela vida, ele percebeu, naquele instante, que a pessoa mais importante para ele, naquele momento, era Nicole, a lutar pela morte. Importante porque Ralf via em Nicole a continuidade de Katrina.

– Então as suspeitas são verdadeiras, Ralf? – disse Otto, meio que estragando o clima.

Fez breve pausa e continuou a falar:

– Vim aqui justamente para avisá-lo que estão colocando sua cabeça a prêmio. O alto escalão do exército mandará, amanhã, uma equipe de investigação para este campo. Dizem, a boca pequena, que o próprio Adolf Hitler virá aqui e, se houver alguma irregularidade, você será fuzilado.

– Que tipo de boato estão dizendo de mim, meu amigo?  
– perguntou Ralf, preocupado.

– Estão acusando você de tentar ajudar judeus a fugir.

O chão parecia fugir aos pés do comandante. Como foi que ficaram sabendo disso?

Como se adivinhasse os pensamentos do comandante, a enfermeira disse:

– Com todo o respeito, senhor, todos os soldados estão desconfiados disso, e os que não estão desconfiados, é porque já têm certeza. Muitos homens, que o senhor achava serem de sua confiança, estão traindo-o, para verem a sua queda.

Depois de algum tempo de silêncio, Nicole perguntou para Ralf:

– Então, senhor?... Quando vou me juntar à minha mãe e ao meu pai?

O comandante, abaixando-se e olhando diretamente para os olhos de Nicole, disse:

– Você não vai se juntar a eles, pelo menos, não por minhas mãos! Já me cansei de ver sangue inocente sendo derramado, a troco de nada. Nem que seja a última coisa que eu faça, mas vou tirar você daqui.

Ralf se levantou e, olhando para Otto e para a enfermeira que estava estarecida, vendo o comandante falar daquele jeito, falou:

– E vocês dois vão me ajudar.

– Desculpe-me, Ralf – disse Otto. – Já me arrisquei demais, vindo aqui, alertá-lo que as coisas não estão bem para você. Mas daí a ajudar uma menina judia a fugir, isso é demais para mim. Não vejo razão nenhuma para fazer isso. Com certeza, você vai se complicar mais ainda, e eu não quero estar envolvido nisso.

Nicole, sorratamente, foi até o piano e, sentando-se em frente às teclas, falou:

– Será que, antes de eu morrer, o senhor comandante me deixaria tocar uma última música?

Otto olhou para Ralf, tentando adivinhar qual seria sua reação. Ralf, por sua vez, acenou que sim para Nicole e ainda disse:

– Pode tocar, Nicole, mas essa não será sua música de morte. Será sua música de liberdade.

A menina, então, começou a tocar uma música desconhecida por todos, mas que inundou o ambiente de paz. Era uma música que havia sido escrita por seu falecido pai. Ralf, Otto, a enfermeira e mais dois espíritos amigos que estavam presentes na sala enchiam-se de emoção, a cada nota que a menina espalhava pelo ar.

Quando Nicole acabou de tocar, todos os presentes estavam sem fala, inclusive Angelinus e Andreas. Otto que, sem perceber, começou a caminhar na direção do piano, viu-se bem perto de Nicole.

– Espere aí, eu conheço você! – disse ele. – Por acaso você não é uma menina que prenda, juntamente com a mãe, à beira de um riacho, meses atrás?

Nicole concordou com a cabeça, mas não disse nada e ficou olhando para as teclas do piano que acariciava com muito carinho.

– Onde está sua mãe? – perguntou Otto.

– Ela está morta – adiantou-se em responder Ralf. – Aquela poça de sangue que você viu na frente da porta do campo é de Katrina.

Otto percebeu que, ao citar o nome da mulher, os olhos de Ralf brilharam.

– Receio que você se envolveu demais, meu amigo. Como faço para ajudá-lo?

A enfermeira, que prestava muita atenção no que se passava, falou para o comandante:

– O senhor também pode contar com a minha ajuda, comandante. Afinal, um dia esta matança tem que acabar.

Ralf sentiu grande alívio, ao escutar que teria o apoio de mais duas pessoas, mas o medo e a incerteza falavam mais alto. Como eles poderiam fazer para libertar todo aquele povo, sem se comprometerem?

Seu amigo Otto, quase que adivinhando seus pensamentos, perguntou:

– O que pretende fazer para libertar Nicole, sem que ninguém perceba? Você viu que seu primeiro plano é falho e, se reincidir a tentativa de fuga, com certeza, sua cabeça irá rolar.

– Não vamos libertar Nicole – disse o comandante, com o olhar perdido. – Vamos libertar a todos.

– Você pirou, Ralf! – falou Otto, inconformado com a ideia. – Esse povo todo vai morrer e nós também. Esquece-se de que estamos em meio a uma guerra mundial? Isso não é hora para bancar o herói!

– Já matamos muitos inocentes, Otto – ponderou o comandante. – Chegou o momento de desfazer o mal que fizemos, nem que isso custe a nossa própria vida.

– E como você pretende nos matar, Ralf? – perguntou Otto, em tom de ironia.

Ralf Schneider olhou para a enfermeira, pensou por alguns instantes. Ela, como se estivesse lendo os pensamentos dele, fez um aceno de cabeça, aprovando a sua atitude. Alguns segundos se passaram, e ele disse para a mulher:

– Vá buscar Heliah!

O comandante Ralf olhou para Nicole que estava quieta, ainda em frente ao piano. Ele percebeu que a garota estava sem ânimo e apática. Caminhando até onde ela estava, abaixou-se e olhou, firmemente, em seus olhos e disse:

– Perdoe-me, Nicole. Por tudo que a fiz passar até hoje. Quero que você se anime, pois vou tirar você desta situação, nem que, para isso, eu perca a vida por você. Eu te prometo.

Neste instante, as duas entidades que acompanhavam a conversa viram descer do alto esplendorosa luz. Era como se, naquele momento, alguma coisa no universo começasse a entrar em seu lugar, e uma enorme cascata de luz viesse agradecer a todos que estavam envolvidos nisso.

– Quem é Heliah? – perguntou Otto, enquanto a enfermeira saía do aposento, acompanhada de Nicole.

– Há algum tempo atrás, uma rebelião começou a se formar neste campo. Você sabe, Otto, que só mantemos essas pessoas nossas prisioneiras, por elas terem medo de se unir. Porém, sabemos que os judeus são um dos povos mais unidos da Terra, e essa é uma das razões do terceiro Reich querer eliminá-los ou, simplesmente, neutralizá-los. Heliah conseguiu convencer um grupo de judeus a se rebelar. Isso aconteceu, antes de eu vir para cá. Se não fosse pelos ataques aéreos e pelos reforços vindos para cá, naquela data, os soldados, armados até os dentes, teriam perdido aquela batalha para um bando de pessoas desarmadas.

– E por que Heliah não foi morto, já que todos sabiam que foi ele quem começou o tumulto? – perguntou Otto, muito interessado na história do amigo.

Ralf fez alguns minutos de silêncio e, antes de responder a pergunta, sentou-se em frente ao piano. Sorrindo, disse:

– Porque, além de ser uma pessoa extremamente inteligente, também é um exímio pianista.

O comandante fez breve pausa, antes de continuar a falar, para que o amigo assimilasse os despautérios que ele dizia. Depois, completou:

– Nós o mantemos sedado, em uma cela especial da enfermaria. Embora consciente de tudo, ele não tem forças para tentar sair de lá, ficando, assim, isolado dos demais.

– Eu sabia que essa sua mania de artistas iria acabar complicando-o. – disse Otto, em tom irônico.

– Sinto muita saudade de meu pai – disse o comandante, cabisbaixo.

Otto, por sua vez, nada disse. Observou somente que algo estava diferente naquele que, um dia, foi classificado como temível comandante. O semblante cansado do amigo cedeu lugar a uma feição mais serena. Ralf, aos poucos, lembrava como era ser uma criança amável, e isso lhe trazia paz.

Angelinus e Andreas, por sua vez, aplicavam-lhe passes tranquilizantes, que pareciam acalmar mais ainda a dor das feridas que Ralf Schneider trazia em sua alma, ao longo dos tempos.

– Irmão Angelinus – disse Andreas, com um leve sorriso de satisfação nos lábios –, tudo está caminhando bem, agora, e, em breve, tudo estará consumado.

Meia hora aproximadamente se passou, até que a enfermeira novamente bateu à porta do comandante. Desta vez, em sua companhia, estavam a pequena Nicole, um soldado e um homem que aparentava ter uns cinquenta anos. Abrindo-lhes a porta, Ralf apressou-os a entrar.

Heliah estava com o olhar perdido, visivelmente dopado. Com os cabelos grisalhos e compridos que se misturavam à sua enorme barba, mais parecia um mendigo que um prisioneiro.

Ralf fez sinal para que a enfermeira o sentasse na poltrona e disse:

– Vejo que mais uma pessoa será envolvida em nossa trama.

– Pedi a ajuda deste soldado, porque sei que ele é de sua confiança, senhor – explicou-se a enfermeira.

– Tudo bem, Fritz é um velho amigo – disse o comandante, olhando para o soldado e lhe endereçando um sorriso.

O comandante voltou-se para Heliah e, sob os olhares curiosos daquela improvisada equipe, perguntou:

– Como vai, Heliah? Gostaria de libertar a todos neste campo?

– Vá pro inferno, senhor Schneider! – respondeu o homem, espumando e cuspidando a saliva que lhe escorria pela boca. – Não me deixaram fazer isso antes, por que vocês deixariam agora?

Voltando-se para a enfermeira, Ralf perguntou:

– Quanto tempo ele ficará assim?

– A dose da medicação era para lhe ser dada meia hora atrás. Como não foi, o efeito passará em aproximadamente três horas.

– Heliah, quero que você me ouça bem – disse o comandante. – Vou facilitar a sua fuga e de seu povo, mas terá que colaborar comigo.

Heliah, com seus olhos claros, lançou o olhar para o comandante, enquanto este expunha seu plano. Ralf ia explicando a ele o que tinha em mente, enquanto os demais integrantes do grupo ouviam atentamente.

Meia hora se passou até que a enfermeira e o soldado levaram Heliah, novamente, para a ala hospitalar. Todos já estavam com o plano em mente, e cada um já sabia, exatamente, o que fazer. Nicole ficara no quarto de Ralf, juntamente com Otto. Ralf

pediu para que a menina ficasse tocando piano, isso ajudaria a camuflar a curiosidade dos demais. Como era previsto, alguns soldados perguntaram à enfermeira o que estava acontecendo e o porquê daquela movimentação toda. Seguindo o plano, ela respondeu que o comandante estava com visita e mandou que levasse Heliah para que tocasse piano para ele. Como Heliah não estava em condições, o comandante ordenou que Nicole ficasse tocando. Meio desconfiados, os homens aceitaram as explicações da enfermeira.

Naquele dia, estava marcado para chegar um trem com novos prisioneiros. O soldado Fritz, que estava ajudando no plano, espalhou a notícia, entre os outros soldados, de que iria chegar, no mesmo trem, um general do exército, e que o comandante havia mandado reforçar a segurança. Todos sabiam que Fritz era um dos soldados de confiança do comandante, assim sendo, logo toda a tropa estava em guarda, para aguardar a chegada do tal general.

Ralf, sorratamente, foi até o salão de armas e, sem que deixasse ninguém vê-lo, destrancou a porta e voltou para seu quarto. Lá chegando, encontrou Otto extasiado com as lindas músicas que Nicole tocava.

Meio chateado por ser estraga prazeres, disse ao amigo:

– Chegou a hora, meu amigo. Muito obrigado por ter se arriscado em vir me avisar.

– Tem certeza de que é isso mesmo que você quer fazer, Ralf? – perguntou Otto. – Ainda há tempo de voltar atrás em suas decisões. Se quiser, posso testemunhar a seu favor e...

– Tenho plena convicção do que estou prestes a fazer, meu amigo – disse Ralf, interrompendo Otto. – E não voltarei atrás em minha decisão.

– Se é assim que você quer, Ralf, que seja feito – disse Otto, indo na direção do piano onde estava Nicole. – Pode parar agora, Nicole – disse ele.

Após uma breve pausa em que aproveitou para visualizar aquela frágil garotinha que mexeu com o sentimento de todos, continuou:

– Pra mim foi mais que um prazer escutar você tocar. Foi uma honra conhecer você, Nicole.

A garota retribuiu o cumprimento com um singelo sorriso, mas não disse nada.

Otto despediu-se de Ralf e saiu pelos fundos do campo para que ninguém o visse. Em poucos instantes, o avião que o trouxera estava decolando e ganhando o céu limpo e azul daquele dia.

Ralf, depois que ouviu o barulho da aeronave sumindo, consultou o relógio. Deu algo de comer a Nicole e também comeu um pouco. Imaginou que, àquela altura, Heliah já estaria colocando o plano em prática. Porém, se Heliah não fizesse como haviam combinado, com certeza, ele e Nicole estariam mortos, antes mesmo de cruzar os portões.

Uma hora se passou. Nicole e Ralf não conversavam. Sentiam no ar a tensão que antecedia a hora marcada. Ouviu-se então o apito do trem. Era o sinal para que tudo começasse. Antes de qualquer coisa, o comandante verificou se sua arma estava carregada. “Sim está”, pensou ele. “Então é hora de deixá-la para trás”. Assim sendo, o comandante Ralf Schneider retirou o cinturão que carregava e, juntamente com sua arma, depositou-o sobre a mesa.

Segurando forte a mão de Nicole, esperou que tudo começasse. O trem parou. Um disparo de arma de fogo se fez ouvir. De repente, outro e mais outro. Vários tiros seguidos de gritos começaram a cortar os ares daquela tarde que parecia ser pacata.

Heliah, satisfeito, estava colocando em prática um plano que, havia muito tempo, arquitetara, minuciosamente. Armados até os dentes, judeus, negros e tantos outros se rebelavam contra os soldados alemães que, por serem minoria, em vão tentavam se defender.

Tiros, gritos e, em breves instantes, o cheiro de sangue inundou o campo de concentração. Ralf, segurando a mão de Nicole, saiu porta afora, correndo na direção de uma passagem secreta que dava na pista de pouso.

Em meio a ricochetes de projéteis, correram o máximo que podiam. Nicole, ainda sentindo os acontecimentos da fatídica noite anterior, precisou, em certos momentos, ser amparada nos braços de Ralf. Com muito esforço, conseguiram transpor o pequeno portão, coberto por um tipo de vegetação que o camuflava.

Os soldados não entendiam o que estava acontecendo e, ao desviarem o olhar para ver seu comandante correndo com uma pequena judia, fatalmente eram atingidos por um tiro que partia do improvisado exército de Heliah.

O maquinista que estava operando o trem teve ainda o tempo de pedir ajuda e de dizer o que estava acontecendo pelo rádio amador da locomotiva, antes de ser morto. Em pouco tempo, uma esquadra de aviões alemães se fez presente no céu daquele lugar.

Atiravam bombas contra o tumulto que acontecia naquele campo e, sem escolherem vítimas, matavam tanto soldados alemães quanto prisioneiros rebelados.

Heliah, completamente dementado, não pensava mais em fugir. Seu ódio era tanto que ele, simplesmente, queria matar o maior número de alemães possível. Corria, de um lado para o outro, como louco, e, de vez em quando, pegava um ou outro

soldado atingido, mas ainda com vida e lhe rasgava a barriga, espalhando tripas e órgãos que arrancava com a mão e jogava para todos os lados.

Espíritos trevosos, de todos os lados, vieram, atraídos pela carnificina e pela violência, agravando ainda mais aquela cena de macabro horror. Riam, dançavam, rolavam, em meio às poças de sangue, e pediam mais. Os encarnados, como que escutando aqueles pedidos, entregavam-se à matança mútua e descontrolada.

Uma das aeronaves, em voo rasante, lançou uma bomba que atingiu em cheio a enfermaria do campo. A enfermeira que ajudara Ralf em seu plano estava trancada, escondida em uma despensa de remédios e, num piscar de olhos, os pedaços de seu corpo voaram, misturados a tijolos e concreto.

Não eram muitos os que tentavam fugir; a maioria, movida por ódio e vingança, atendia ao apelo das trevas e queria somente matar seus algozes.

Somente um pequeno grupo de prisioneiro desvencilhou-se da matança e conseguiu ganhar campo aberto, rumo à liberdade. Mas, entre eles e a liberdade, havia vários aviões no céu, lançando bombas e rajadas de metralhadoras.

Enquanto Ralf e Nicole corriam como nunca, ele foi retirando a parte de cima do uniforme, para que os prisioneiros não o reconhecessem e tentassem matá-lo também. O grupo se dispersou em campo aberto, e Raf percebeu que aquilo não era bom.

As aeronaves, em voo rasante, abatiam facilmente os prisioneiros fugitivos. Ralf percebeu que eram alvos fáceis, naquele campo desprovido de árvores. Então, pegou Nicole ao colo e correu em uma direção contrária à que os outros estavam correndo.

Ao chegar perto de uma ponte, Ralf percebeu que o mato era bem alto e, com aquela coloração queimada que ele apresentava naquela época do ano, deduziu que, se eles se abaixassem, os pilotos dificilmente os veriam do alto. Assim ele fez.

Nicole estava ofegante e pálida de medo. Ralf estava com as pernas dormentes de tanto correr. Levantou-se um pouco e olhou para trás. Aquele que, um dia, havia sido o campo de concentração comandado por ele transformara-se agora em um monte de ruínas, que o fogo consumia.

Ele e Nicole ficaram por algum tempo ali parados, até que ouviram o barulho dos aviões pousando na pista que foi uma das poucas coisas que não fora destruída. Ralf, mais uma vez, levantou-se um pouco para ver o que estava acontecendo. Observou que os pilotos desciam, um a um, comemorando o massacre. Nas laterais dos aviões, havia o desenho de uma caveira, ao lado as inscrições SS. Na cauda das aeronaves, havia o desenho da suástica nazista.

– Os pilotos estão entrando no que sobrou do campo – disse ele, em um tom de voz quase inaudível. – Temos que sair daqui agora, Nicole.

Ralf segurou na mão da menina e, abaixado por entre a vegetação, caminhou até a ponte. Ao se ver desprotegido do mato que os escondia, levantou-se e começou a correr. Quando chegou na metade da ponte, escutou o engatilhar de uma arma, e uma voz conhecida que disse:

– Não tão rápido, comandante. Pensou que fugiria com vida, depois de tudo que me fez passar todos estes anos?

Ralf virou-se e viu a figura aterradora de Heliah. Estava todo coberto de sangue e parecia que tinha acabado de sair do inferno.

Naquele instante, Ralf percebeu que ali seria seu fim. Abaixou-se e disse para Nicole:

– Quito aqui meus débitos com você, Nicole. Perdoe-me, se não vou conseguir fugir para cuidar de você, mas quero que seja feliz e que leve sua música para todos os cantos da terra.

Aquela cena já era conhecida da menina, parecia que ela estava novamente diante de seu pai, tentando salvá-la dos alemães. Porém, sem esperar que a menina dissesse qualquer coisa, Ralf empurrou-a da ponte. Nicole caiu na água, e a forte correnteza arrastou-a rio abaixo.

Heliah, completamente enlouquecido, encarou Ralf de frente e puxou o gatilho da arma, acertando no comandante um tiro que lhe atingiu, em cheio, por entre olhos. A exemplo de como ele próprio executava suas vítimas, seu corpo tombou, desprovido de vida, vertendo sangue pelo buraco que o projétil havia feito.

Alguns soldados que conseguiram sobreviver ao ataque surpresa dos judeus vasculhavam a área e escutaram quando o disparo foi feito. Rapidamente, avistaram Heliah, de arma em punho. Vários outros tiros disparados, e Heliah tombou ao chão, com o corpo todo perfurado de balas.

Nicole foi sendo levada pela correnteza forte e conseguiu agarrar-se em um galho de árvore que vinha rio abaixo. Em pouco tempo, sumiu, sem deixar vestígios. Os únicos que sabiam que ela havia caído, ou melhor, sido jogada no rio, estavam tombados no chão, cobertos com o véu da morte.

– Por que não podemos ajudá-los, Andreas? – perguntou Angelinus, revoltado.

– Aguarde e você vai saber o porquê.

Uivos e gritos horripilantes se fizeram ouvir. Do nada, começaram a surgir carruagens como as já descritas neste livro. Dezenas delas passavam por entre os corpos jogados pelo chão e, por onde iam passando, atraíam espíritos dos agora

desencarnados, para dentro delas. Alguns deles não eram atraídos e ficavam deitados como se ainda estivessem encarnados.

Uma dessas carruagens parou perto do corpo do Ralf, e uma figura conhecida desceu e o tomou nos braços. Era Margret, que ainda trazia o coração amargo e culpava seu irmão por tudo que havia acontecido de ruim a ela.

Colocando-o, com todo o cuidado, dentro da carruagem, disse, soltando demoníaca gargalhada:

– Agora quem manda sou eu, comandante!

Angelinus não se conformava com aquilo. Ralf havia mudado e se arrependido dos seus erros. Por que não poderia ser ajudado?

Surge em cena, neste momento, duas figuras rodeadas de luz e com expressão de amor estampada no rosto.

– Oh! Senhor e senhora Schneider! Chegaram bem a tempo – disse Andreas, abraçando ambos. – Têm certeza de que querem fazer isso sozinhos?

– Temos, sim, irmão Andreas – disse o Senhor Schneider. – Afinal, não há o que temer, com minha amada companheira a meu lado.

Angelinus, sem saber o que estava acontecendo, reparou bem na senhora Schneider e percebeu que ela trazia, em torno de seu corpo espiritual, radiante luz azul-clara, que dava a ela um aspecto angelical.

– Então tenham uma boa jornada, meus amigos! – disse Andreas, mais uma vez, abraçando ambos.

Depois da partida daqueles dois espíritos afins, Angelinus olhou intrigado para Andreas e disse:

– Parece-me que tem muita coisa que eu não sei.

– Não se zangue, meu amigo. Lembre-se de que tudo tem seu momento certo para acontecer!

– Não estou zangado, irmão Andreas; só estou curioso – disse Angelinus, em ensaiado sorriso. – Quando foi que conversou com os pais biológicos de Ralf? Não me lembro de ter saído muito tempo de seu lado.

– Pra ser sincero, não conversei com nenhum deles – respondeu Andreas, preparando-se para dar mais uma lição ao seu companheiro. – Você terá muito tempo para aprender muita coisa sobre o plano espiritual, Angelinus, mas verá, antes do que imagina, que espíritos que vibram na mesma sintonia muitas vezes conseguem ler os pensamentos uns dos outros e até sentirem as mesmas emoções que outros sentem.

Angelinus surpreendeu-se, ao perceber que seu tutor havia dito as últimas palavras, sem movimentar os lábios, e que sua voz parecia que estava ecoando dentro da sua cabeça. Querendo descontraír e fazendo um grande esforço, disse, também em pensamento, a Andreas:

– Tudo bem, já entendi!

Andreas deu um grande sorriso para dizer que recebera a mensagem e, dando um tapinha amigável no ombro de Angelinus, disse:

– Vamos embora. Precisamos voltar para a colônia e enviar o relatório de tudo que aconteceu. Precisamos também nos refazer um pouco, para eliminar qualquer resquício de fluídos negativos. Ainda temos que presenciar um grande encontro, muito em breve.

– Antes de irmos, gostaria de fazer somente mais uma pergunta – disse Angelinus. – Por que muitos dos irmãos desencarnados hoje entraram no plano espiritual como suicidas?

Andreas percebeu a seriedade que tinha a pergunta do amigo e, antes que voltassem para a colônia, respondeu:

– Suicida, irmão Angelinus, não é só aquele que interrompe sua existência carnal, com suas próprias mãos; é também considerado suicida todo aquele que se atira nos braços da morte, intencionalmente. Um soldado que vai para o campo de batalha, por livre e espontânea vontade, sabendo que poderá morrer, também é considerado um suicida.

– Foi o que aconteceu com Ralf? – perguntou Angelinus, percebendo o porquê de os pais de Ralf estarem indo em sua ajuda.

– Infelizmente, sim, meu irmão. Ralf quis seguir a carreira militar, em busca de um término para seus sofrimentos. Por diversas vezes, tentou se jogar nos braços da morte, para aplacar sua dor. Até que um dia conseguiu.

– O que vai acontecer aos espíritos que ficaram largados no campo deste terrível massacre?

– Olhe para trás – pediu Andreas.

Ao contrário da terrível cena presenciada havia pouco por Angelinus, ele viu alguns socorristas chegando e amparando os desencarnados que, por merecimento e pela misericórdia de Deus, não foram levados pelos caravaneiros das trevas.

– Vamos, irmão Andreas – disse Angelinus, sorrindo, apesar de derramar copiosas lágrimas. – Agora tudo está no seu devido lugar.

## Capítulo XII

# ESCLARECIMENTOS

Em uma pequena cidade alemã, castigada pelos confrontos da Segunda Grande Guerra, a manhã transcorria normalmente. O rio caudaloso, de forte corredeira, fazia seu peculiar barulho de água em forte movimento. Próximo a uma ponte que se encontrava em ruínas, uma garotinha, com as vestes em farrapos e molhada da cabeça aos pés, tremia encolhida, abraçando suas pernas.

Alguns transeuntes que passavam pelo local não lhe notaram a presença, pois a menina estava muito próxima a uma moita alta de capim.

Assustada, nossa pequena Nicole olhava para todos os lados, temendo ser novamente capturada ou mesmo morta. Havia sido arrastada, por toda a noite, pelo galho que agarrara ao ser atirada no rio por Ralf.

Seu ferimento no braço doía muito, e ela não conteve o pranto. Forte emoção apossou-se da menina e, ao lembrar-se de sua mãe e de seu pai, deixava que, juntamente com as lágrimas que exprimiam sua dor física, rolassem as lágrimas que exprimiam suas dores espirituais.

Refiro-me, aqui, às dores que todos nós carregamos, em nosso íntimo. Durante nossas existências, em experiências passadas e presentes, trazemos registrados, em nosso perispírito, as cicatrizes de muitos dissabores que tivemos em vida. Nicole jogava para o exterior de seu corpo todas as agonias que passara

nesta sua presente reencarnação, aliviando aquele coração tão infantil, mas de um espírito carregado de amor e luz.

E como ela chorou! Chorou até que suas lágrimas não tivessem forças para sair. Chorou como nunca havia chorado em sua vida. E, quando não tinha mais forças, sentiu uma reconfortante brisa que lhe trazia um pouco de paz ao coração. Ouviu o vento suave balançar as folhas de capim à sua volta e, soluçando, ainda se lembrou de Deus. Ouviu o barulho das águas e pensou na grandiosidade da criação. Sim, Nicole era um espírito que conhecia muito bem os desígnios de Deus, embora habitasse aquele corpo de criança.

Andreas, nesse exato momento, aplicava-lhe passes reconfortantes, mas não conseguia conter as lágrimas que seus olhos teimavam em deixar cair. Ele ouvia, nitidamente, os pensamentos de Nicole e, quanto mais ele os penetrava, mais emocionado ficava. “Como podia”, pensava ele, “tão doce criatura escolher passar por tudo isso e ainda agradecer a Deus pela sua criação?”. Mas ele sabia e também já havia dito antes: Nicole era uma menina muito especial.

Quanto a mim, sentei-me às margens do rio e fiquei observando-os. Era de se admirar o quanto Andreas gostava de Nicole. Via-se, nitidamente, em seus olhos, a grande admiração que aquele incansável trabalhador do bem tinha por aquele espírito que habitava o corpo daquela inocente criança.

Por diversas vezes, mas que não foram relatadas nas páginas anteriores deste humilde trabalho, tentei perguntar a Andreas qual era sua ligação com Nicole. Entretanto, meu bom amigo e companheiro sempre se desviava do assunto, dizendo que tudo tem o momento certo para ser esclarecido. Sentia, dentro de meu próprio ser, que Andreas me revelaria tudo, naquela linda manhã.

Nicole continuava encolhida, mas sentindo a reconfortante presença do nosso irmão Andreas. Apesar disso, estava perdida e com medo. Não sabia que cidade era aquela, nem quem eram aquelas pessoas que, apressadas e com medo de um ataque surpresa, nem mesmo lhe notavam a presença. Foi quando o tão esperado encontro que fomos acompanhar aconteceu.

Uma senhora magra e com rosto angelical avistou a pequena Nicole, na margem do rio. Tinha um longo vestido que não aparentava ser tão novo. Cabelos longos e alguns fios brancos denunciavam que aquela senhora já tinha certa idade.

Aproximando-se devagar de Nicole, abaixou-se perto da menina e, com a voz doce e suave que somente as mães têm para com seus filhos, perguntou:

– Oi, garotinha!... Posso ajudá-la em alguma coisa?

A menina, virando-se assustada, deparou-se com aquela feição que mais se assemelhava a de um anjo. Irradiada pela luz do sol, aquela mulher parecia ser um ser de extrema luz e bondade.

Nicole não pensou duas vezes. Inspirada por Andreas que lhe transmitia muita confiança, a menina atirou-se nos braços daquela senhora e novamente começou a chorar.

Chorávamos juntos. Jamais havia visto o encontro de duas almas afins que, juntas, tinham a certeza de que se amavam. Cascatas de luz e pétalas de rosas caíam, abençoando aquele encontro. Naquele instante em que me entreguei à mais pura emoção, juntamente com meu companheiro, pude visualizar irmãos, que estavam ajudando na volta da harmonia planetária, aproximando-se. Alguns faziam preces elevadíssimas, em agradecimento a Deus, enquanto outros batiam palmas e, pela emoção do momento, choravam juntamente conosco.

Aproximei-me devagar de Andreas e lhe toquei o ombro. Este se virou e, vendo que eu compartilhava de suas emoções, deu-me um longo abraço.

– Obrigado, Angelinus! – disse ele. – Tenho certeza de que está pronto para trabalhar na seara do Senhor.

Aquelas palavras soaram em mim como se fosse um convite para minha festa de formatura. Entreguei-me naquele abraço e, entre lágrimas, agradei muito a esse meu eterno amigo. Agradei por todas as lições que tive, e não foram poucas, embora, por conselhos superiores, não possa ter transcrito todas, nesta obra.

Aquela senhora, sentindo as fortes emoções do encontro, perguntou para Nicole:

– Qual o seu nome, meu anjo?

– Nicole, senhora. Por favor, ajude-me, pois estou perdida, machucada e muito fraca.

– O que aconteceu a seus pais? – perguntou ela.

– Estão mortos. Foram vítimas da guerra.

– Gostaria de ir até minha casa? Tem um monte de crianças que moram lá e que também perderam seus pais.

Nicole, sem pensar duas vezes, praticamente pulou no pescoço da mulher, dando-lhe um forte abraço.

– Qual é seu nome, senhora? – perguntou a menina, enxugando as lágrimas.

– Meu nome é Ingrid. Tenho um lar para órfãos e prometo que vou cuidar de você daqui para frente.

Ingrid segurou Nicole pela mão, e lá se foram rumo ao “Lar de Todos os Irmãos”.

Andreas e eu voltamos para a colônia. Naquela mesma manhã, sentamos em um banco que ficava na bela praça central. Os pássaros cantavam, e o barulho da água, jorrando

na enorme e linda fonte nos convidava à meditação. Porém, percebi que Andreas queria me dizer algo muito importante, e perguntei o que era.

– Preciso lhe revelar duas coisas, meu amigo – disse ele. – A primeira você sempre me perguntou, e a segunda talvez o deixará um pouco triste.

Vendo meu interesse, após breve pausa, Andreas continuou:

– Você sempre me perguntou o porquê de eu admirar tanto Nicole; pois bem, vou lhe dizer: há alguns séculos atrás, existiu uma jovem de exuberante beleza. Filha de um alfaiate, esta jovem despertou o amor incondicional de um outro jovem cujos pais detinham melhor posição. Porém, essa moça não gostava desse jovem que tinha fama não muito boa entre a sociedade, porém sentia ela grande amor pelo irmão que era um ano mais novo. Começava, assim, uma terrível guerra entre irmãos pela disputa do coração da jovem.

Andreas tinha o olhar perdido, como se a lembrança lhe trouxesse amargas recordações. Recobrando as forças, após breve pausa, continuou a narrar a história:

– O irmão mais velho, sabendo do interesse da jovem por seu rival, secretamente a violentou, plantando dentro de seu útero um filho. Mais tarde, seu irmão soube do acontecido, pela boca da própria jovem. Queria lavar sua honra com sangue, perante um duelo que levaria um dos dois à morte. Mas a jovem, com toda sua delicadeza, não permitiu que isso acontecesse. Os dois fugiram para um lugar distante, onde o irmão mais novo assumiria o filho como se fosse dele. Seguidos pelo irmão mais velho, meses depois foram vítimas de uma emboscada. Nessa emboscada, morreram o irmão mais novo, a jovem e o filho que ela carregava no ventre. Depois de perceber a gravidade da situação que ele próprio causara, o irmão mais velho atirou-se de um penhasco, pondo fim à própria vida.

Andreas, com lágrimas nos olhos, fez breve pausa, novamente para concentrar-se. Respirou fundo, deixando transparecer toda a sua emoção e disse:

– Aquela criança que a jovem carregava no ventre era eu.

Agora ficava claro como o dia. Andreas sentia muito afeto por Nicole porque ela fora a sua mãe, em uma outra existência. As peças foram se juntando como em um quebra-cabeça, e tudo ficou evidente.

Katrina, em uma outra encarnação, fora o irmão mais jovem que assumira os erros do outro. Voltando à terra como mãe e filha, Katrina – que outrora fora o irmão mais jovem – e Nicole tiveram a oportunidade de viver o amor mais puro que pode existir entre os seres: o amor de mãe e filha. Depuraram, assim, seus sentimentos e se amaram, intensamente, na mais perfeita harmonia, exaltando o sentido puro e verdadeiro do amor sincero.

Ralf fora o irmão mais velho e voltou, nesta vida, para sanar seus erros. Ainda carregando as amarras do autoritarismo em seu íntimo, sofreu grandes provações e, por fim, sanou sua dívida com Nicole, salvando-lhe a vida, mas falhou ainda em muitas outras ocasiões. Acabou criando débitos terríveis, sendo coautor e até mesmo autor direto de muitos outros homicídios. Laçando-se em um campo de batalha, seu principal intuito era buscar sua própria aniquilação. Mais uma vez, desencarnou com o terrível agravante de ser um suicida.

Quanto a Andreas, este me confessou que era para ter sido o pai de Nicole, porém foi melhor, devido a certas circunstâncias que não nos cabe julgar, que Andreas apoiasse esta nossa irmãzinha como seu espírito guardião, deixando para outra oportunidade os acertos entre os dois.

Aquele dia ficará inesquecível em minha vida. Andreas havia me dito que tinha duas coisas para me dizer. Uma ele já havia dito. Já a segunda me deixou bastante triste e abalado. Contida a emoção das lembranças, irmão Andreas me disse:

– Há muito, Angelinus, espero a oportunidade de reparar alguns erros do passado e de descer ao orbe terrestre, para cumprir meus intuitos de ajudar a humanidade em sua evolução. Recebi de nossos superiores a convocação para tal. É com muito pesar que digo que, em breve, voltarei para a matéria, mas é também com muita alegria, porque terei Nicole como minha mãe, muito embora será apenas por alguns instantes.

– Como assim? – perguntei.

– No dia em que renascerei para o mundo, Nicole irá desencarnar.

Andreas fez breve pausa e completou:

– Gostaria que você a recebesse, em meu lugar, e a amparasse no que fosse preciso.

É obvio que concordei. Atender a um pedido, feito de forma tão carinhosa como aquele, era mais que uma obrigação minha, era uma forma de demonstrar gratidão a esse eterno amigo.

Depois que Nicole restabeleceu-se e se sentiu segura junto de Ingrid, ela lhe disse exatamente tudo o que havia acontecido. Ingrid emocionou-se muito ao saber de seu irmão, mas jamais revelou a Nicole, que eles eram ligados por laços sanguíneos.

A nossa querida Nicole viveu por muito tempo, amparada por Ingrid, até o dia em que conheceu um belo rapaz e se casou. A guerra já havia acabado, havia muito, mas as cicatrizes que nossa irmãzinha trazia no coração teimavam em fazê-la chorar, de vez em quando.

Nicole trazia um lindo bebê no ventre, quando começou, inesperadamente, a sentir-se muito fraca. Foram nove meses de difícil gestação. A amável garotinha, que agora se tornara uma linda e delicada mulher, deu à luz um lindo menino, mas não resistiu ao parto e desencarnou, horas depois.

Antes de sua passagem para a pátria espiritual, ela teve a oportunidade de segurar aquela linda criança nos braços e a chamar de filho amado. Colocou seu nome de Ralf e, assim, ele é conhecido até nos dias de hoje.

Entre lágrimas, tive o imenso prazer de ver aquele reencontro, e foi com lágrimas nos olhos que amparei Nicole nos braços e a levei para um pronto-socorro, a fim de que se restabelecesse em sua nova condição.

Nosso querido irmão Andreas ou, melhor dizendo, Ralf, continua encarnado e é um grande lutador em prol da paz no mundo. Apesar de não ser tão conhecido, com muita humildade e descrição, trabalha, ardentemente, para que sejam quebrados os terríveis tabus da discriminação e dos preconceitos raciais entre os homens.

Eu continuo aqui. Trabalhando dentro de minhas limitações, vou ajudando, aqui e ali, aqueles que precisam e que tenham merecimento.

A Segunda Grande Guerra deixou marcas que somente o tempo irá apagar. Deixou cicatrizes profundas que muitos ainda trazem consigo, mas também deixou a lição de que, para ser feliz, o homem precisa, acima de tudo, viver em paz.

Nos campos de concentração, muitos morreram, embora, nos dias de hoje, andem a colocar em dúvida a existência do holocausto, posso afirmar que os campos existiram, e foram uma das maiores demonstrações da perversidade humana. Tão

grande quanto os massacres dos primeiros cristãos, nos grandiosos circos romanos. Muitos judeus, negros, homossexuais, ciganos e tantos outros filhos de Deus foram impiedosamente mortos naquela época. Como tudo na vida acontece por uma razão e, acima de tudo, com o consentimento de Deus, guardemos a grande lição daqueles acontecimentos. Cada um de nós tem um modo de pensar; cada um de nós tem um modo de ser, mas todos nós somos filhos de Deus. Se somos judeus, cristãos, brancos, negros, devemos, acima de tudo, aprender a nos respeitar, mutuamente, pois só assim teremos um mundo mais justo para todos.

Antes de encerrar nosso trabalho, gostaria de agradecer a este irmão que escreveu cada linha destas páginas, com muito amor. Durante quase um ano, doou meia hora de seu dia para que este trabalho fosse realizado, muito embora tenha feito isso com muito prazer, sei o quanto é atribulada a vida de quem está encarnado; portanto, quero que ele não se culpe pelas vezes em que precisou adiar nosso encontro. Sei que, apesar da pouca experiência que nosso irmão João tem com a escrita, fez o possível para que esta humilde história fosse passada para o papel.

Lembro-me do dia em que me encontrei, pela primeira vez, com o médium, quando um amigo meu disse que me daria muito trabalho para que o irmão João mudasse algumas atitudes, a ponto de poder trabalhar neste projeto. Mas, em desdobramento, este se mostrou muito entusiasmado com a história que lhe passei, adaptando-se, rapidamente, para que o trabalho fosse realizado. Na noite em que o encontrei, trazia ele pensamentos muito conturbados; era a primeira vez que adentrava uma casa espírita, e não foi difícil ajudá-lo a permanecer

no caminho do bem. Agora, passados quase três anos, este meu grande amigo já entendeu que o que ele mais procurava estava dentro dele mesmo. Trabalhe, irmão João, trabalhe muito. Una suas forças aos outros e dê o máximo de si, pois muitos pequeninos dependem de você e de todos os incansáveis trabalhadores do “Núcleo Educacional Recanto Azul”.

Bendita seja a “Associação Espírita Nova Era”, pois é referência muito positiva, aqui no plano espiritual. Irradia grandiosa luz, acolhendo encarnados e desencarnados necessitados, com extremo amor, carinho e paz.

Agradeço ao Irmão Andreas que, mesmo encarnado, ajudou-me a montar esta história e sempre que podia, em desdobramento, auxiliava-me e me dava forças.

Agradeço ao mentor do médium que abriu campo e também colaborou muito para que as intuições de cada palavra chegassem à tela mental do nosso irmão João, com o máximo de clareza possível.

A todos aqueles que, direta e indiretamente, ajudaram para que esta obra chegasse até suas mãos, peço para que Deus, nosso Pai, em Sua infinita misericórdia, ilumine e abençoe os caminhos de cada um.

A você, amigo leitor, que chegou ao final desta simples estória, mas contada com muito amor, sinta-se abraçado e irradiado por luzes que descem do mais alto, a abençoa-lo. Que todos possam ter retirado pequenas e humildes lições destas páginas e que possam levá-las para todo o sempre.

Por fim – mas não menos importante –, agradeço a Deus, nosso Pai Criador, por ter nos dado a vida e a oportunidade de estar trabalhando na grande seara do Mestre Jesus. Que, unidos na fé, possamos retribuir as bênçãos que recebemos, divulgando a Boa Nova do Homem de Nazaré.

Espero que estas linhas não sejam de despedida, mas, sim, de um até logo. Se permitido for, quero ainda passar, através de singelas páginas, muito amor, paz, e esperança a todos os que necessitam de amparo.

Que Jesus de Nazaré derrame Suas bênçãos sobre todos nós.

Um grande abraço fraterno, de seu sempre amigo,  
Angelinus.